

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO

BRUNA TODESCHINI DE QUADROS

**ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA POR ESTUDANTES ESTRANGEIROS
NA UFRGS**

Porto Alegre

2014

BRUNA TODESCHINI DE QUADROS

**ANÁLISE DA MOBILIDADE ACADÊMICA REALIZADA PELOS ESTUDANTES
ESTRANGEIROS NA UFRGS**

Trabalho de conclusão do curso de graduação apresentado ao Departamento de Ciências Administrativas de Universidade Federal do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Administração de Empresas.

Orientador: Prof. Sidinei Rocha de Oliveira

Porto Alegre

2014

Aos meus amigos e família, por todo o apoio que sempre me deram. E a todos os estrangeiros que se aventuram em Porto Alegre, fonte de minha inspiração.

RESUMO

O estudo a seguir apresenta uma pesquisa sobre estudantes estrangeiros na UFRGS, e tem como objetivo principal analisar a experiência de intercâmbio vivenciada por eles. Buscou-se definir o perfil destes estudantes, identificar quais foram os motivos da escolha pela UFRGS, e como a experiência contribuiu para sua vida pessoal e profissional. Através de entrevistas com dois grupos, analisar se houve diferença nos aspectos supracitados entre os participantes do Programa PEC-G e estudantes de mobilidade acadêmica. Por fim, busca avaliar o suporte que os alunos de mobilidade acadêmica tiveram através da RELINTER, principal órgão de apoio a este tipo de programa na UFRGS. O estudo conta com um referencial teórico alinhado à proposta, trazendo conceitos referentes ao surgimento da globalização, o aumento da comunicação e dos fluxos migratórios entre os países, além da internacionalização da educação como forma das instituições de ensino superior tornarem-se competitivas em um mercado global. Aborda também o crescimento dos acordos de cooperação internacional entre países e os benefícios do intercâmbio acadêmico para os indivíduos e a sociedade. A coleta de dados ocorreu nos meses de maio e junho de 2014, com realização de entrevistas em profundidade com 10 estudantes (3 alunos do Programa PEC-G e 7 estudantes de mobilidade acadêmica), e através de pesquisa quantitativa respondida por 73 estudantes em mobilidade acadêmica na UFRGS. Através da análise dos dados coletados, foram identificados os principais motivos de sua escolha pela Universidade, quais foram os impactos do intercâmbio em suas vidas e quais as diferenças na experiência entre os dois grupos amostrais. Baseado em diversos aspectos de sua experiência, foi possível avaliar o quão preparada está a UFRGS, para receber estudantes estrangeiros. Por fim, foram elaboradas sugestões de melhoria em alguns processos relacionados à internacionalização da UFRGS, com base nas percepções do pesquisador durante a elaboração deste trabalho.

Palavras-chaves: UFRGS, internacionalização do ensino, cooperação internacional, mobilidade acadêmica, RELINTER, estudantes estrangeiros, intercâmbio.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Evolução dos Alunos Internacionais na UFRGS	28
Figura 2– Avaliação geral da RELINTER	53
Figura 3– País de Origem	60
Figura 4– Cursos na UFRGS	61
Figura 5– Tipo de Mobilidade Acadêmica	62
Figura 6– Relação do estudante estrangeiro com pessoas do meio acadêmico.....	65
Figura 7– Contribuições do intercâmbio para a vida pessoal	67
Figura 8– Contribuições do Intercâmbio para a vida profissional.....	70
Figura 9– Participação em Atividades extracurriculares	73
Figura 10– Evento de Recepção	76
Figura 11 – Dificuldades encontradas	77
Figura 12 – Expectativas com relação à mobilidade acadêmica	78

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados	32
Tabela 2- Motivos da escolha pela UFRGS	35
Tabela 3– Perfil dos estudantes	48
Tabela 4 – Serviços RELINTER	48
Tabela 5 – O que poderia ter sido melhor	55
Tabela 6 – Razões da escolha pela UFRGS	63
Tabela 7 – Principal razão pela escolha da UFRGS	64
Tabela 8 – Avaliação dos profissionais e estudantes da UFRGS	66
Tabela 9 – Avaliação da experiência pessoal e profissional	72
Tabela 10 – Avaliação dos serviços prestados pela RELINTER	74

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	OBJETIVOS	10
2.1	OBJETIVO GERAL	10
2.2	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
3	JUSTIFICATIVA	11
4	REFERENCIAL TEÓRICO	12
4.1	GLOBALIZAÇÃO E FLUXOS MIGRATÓRIOS	12
4.2	INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO E OS BENEFÍCIOS DO INTERCÂMBIO	15
4.3	PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL NO BRASIL	20
4.4	O PROGRAMA PEC-G	21
5	A UFRGS	23
5.1	RELINTER	24
6	MÉTODO	30
7	RESULTADOS	34
7.1	ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	34
7.1.1	A escolha pela UFRGS	34
7.1.2	Relação com professores e estudantes brasileiros	38
7.1.3	Contribuição do intercâmbio para a vida pessoal e profissional	41
7.1.4	QUESTÕES RACIAIS	46
7.1.5	A RELINTER	47
7.1.6	O que poderia ter sido melhor	55
7.1.7	Comentários dos alunos do Programa PEC-G (dentro de RELINTER)	57
7.2	ANÁLISE SURVEY	59
7.2.1	Perfil dos estudantes	60
7.2.2	Escolha pela UFRGS	62
7.2.3	Relacionamento com pessoas do meio acadêmico	65
7.2.4	Contribuição do intercâmbio para a vida pessoal e profissional	67
7.2.5	Avaliação da RELINTER	74
7.2.6	Maiores dificuldades	76
7.2.7	Expectativas	78
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	80

8.1	SUGESTÕES DE PROPOSTAS DE MELHORIA	82
8.2	SUGESTÕES PARA APROFUNDAMENTO DESTE TRABALHO	84
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	86
	ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA	89
	ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA II	91

1 INTRODUÇÃO

A partir da década de 1990, a Globalização trouxe consigo mudanças significativas na interação entre os países. A rápida queda no custo da distância, trazendo maior facilidade de locomoção, impulsiona o surgimento de uma situação de maior mobilidade do capital, dos bens de produção e da informação, permitindo a interdependência entre os países. A partir do crescimento do comércio internacional e dos investimentos estrangeiros diretos, o ambiente de negócios tem favorecido o intercâmbio de indivíduos de diferentes nacionalidades e culturas, os quais reconhecem a importância da internacionalização do ensino.

Em um mundo interligado, cresce a necessidade de profissionais com experiências multiculturais, como parte de sua formação para a integração na força de trabalho que atuará em empresas transnacionais. O mercado de trabalho torna-se mais dinâmico, exigindo pessoas capacitadas, com domínio de diferentes idiomas e preparadas para atuarem em um ambiente culturalmente diverso.

Como consequência deste processo, as atividades de educação tendem também a se transformar passando a atuar em relações internacionais. Uma maior inserção brasileira no contexto comercial mundial e o aumento da competição podem vir a exigir uma maior preparação de nossos profissionais para esse novo cenário. Neste contexto, acredita-se que a educação deverá se caracterizar pelo intercâmbio de conhecimento, por uma rede interativa de relacionamentos interpessoais, e pela mobilidade de professores e estudantes para a realização de projetos de pesquisas conjuntas, sempre considerando os valores e as culturas das nações.

Nas últimas décadas, a internacionalização tornou-se um tema central na agenda das Instituições de Ensino Superior em todo o mundo, e no Brasil, as iniciativas não poderiam ser diferentes, seguindo a mesma direção. Na grande maioria, tais iniciativas estão relacionadas à mobilidade de estudantes, à participação de docentes em eventos no exterior e à publicação em periódicos internacionais. Entretanto, ainda são poucas as instituições em que a cultura da internacionalização está instalada.

Sabe-se que a expansão das relações internacionais faz parte da estratégia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), conforme meta estabelecida do Plano de Gestão elaborado pela administração central da universidade. Dentre as ações, cita-se a consolidação e expansão da cooperação internacional da UFRGS com instituições na área acadêmica; ampliação dos programas de mobilidade acadêmica e reforço às ações de internacionalização da universidade; e a institucionalização das iniciativas de cooperação

internacional de professores, estudante e grupos de pesquisa. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, [2009]).

Neste contexto, este trabalho parte da ideia de ampliar o conhecimento sobre o processo de mobilidade acadêmica vivenciada pelos estudantes estrangeiros na UFRGS. Busca descobrir quais os motivos que levaram os levaram a optar pela UFRGS como a instituição de ensino que complementaria seus estudos, e como foi o suporte prestado pela Universidade antes e após a chegada dos alunos em Porto Alegre. Além disso, busca investigar o quanto esta experiência contribuiu para o crescimento profissional e pessoal destes estudantes, desde aos que optaram por seguir sua trajetória no Brasil, e também aos que retornaram aos seus países de origem após o intercâmbio.

Pergunta de pesquisa: Quais os desafios e contribuições dos alunos estrangeiros que estudaram na UFRGS?

2 OBJETIVOS

Dado o contexto e o objeto de estudo delimitado, esse trabalho busca atingir os seguintes objetivos a fim de responder o problema de pesquisa proposto:

2.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a experiência vivenciada pelos estudantes estrangeiros na UFRGS.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Caracterizar o perfil dos estudantes estrangeiros que estudaram na UFRGS;
- b) Identificar o que os motivaram a escolher esta instituição de ensino para realizar seus estudos;
- c) Descobrir como esta experiência contribuiu para a formação pessoal e profissional destes estudantes;
- d) Avaliar como foi o suporte prestado pela Secretaria de Relações Internacionais (RELINTER) aos estudantes em mobilidade acadêmica na UFRGS;
- e) Propor melhorias aos gestores da RELINTER e à própria UFRGS, caso os resultados mostrem ser necessário.

3 JUSTIFICATIVA

Este estudo busca tornar-se o primeiro passo na avaliação do processo de internacionalização do ensino promovido pela UFRGS até o momento, principalmente em relação ao suporte e apoio prestado aos estudantes estrangeiros pela RELINTER. Por meio da análise da percepção dos alunos que viveram esta experiência, identificar quais as melhores práticas aplicadas atualmente pela Instituição, e também quais aspectos ainda precisa desenvolver para seguir no caminho da internacionalização. Conforme resultados, será útil na verificação da qualidade da gestão da secretaria como um todo, avaliando processos organizacionais e resultados internos.

Além disto, proporcionará aos estudantes estrangeiros uma reflexão acerca de sua experiência, fazendo-os perceber quais foram os aprendizados e de que forma o intercâmbio impactou em suas vidas pessoais e profissionais. Terão a oportunidade de expor as dificuldades e anseios encontrados, e poderão também apontar os pontos positivos e os sentimentos vivenciados durante o tempo que passaram no Brasil. Relatar suas experiências poderá alertá-los a tirar um melhor proveito da mobilidade, explorando outras oportunidades proporcionadas pela UFRGS. Também servirá como material de apoio a possíveis interessados em realizar futuramente um intercâmbio na universidade.

Por fim, o estudo contribuirá para a formação acadêmica do pesquisador no sentido de vivenciar uma experiência completa de pesquisa, a qual não havia sido exigida durante a graduação. Desenvolverá a habilidade de raciocínio, pesquisa, comunicação, escrita, insights e o conhecimento geral da internacionalização das IES, além do relacionamento interpessoal através da convivência com os estudantes estrangeiros. Estas habilidades são muito relevantes para estudantes do curso de Administração de Empresas.

4 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, serão abordados os conceitos chaves e referenciais teóricos que serviram como sustentação do trabalho e possibilitara a posterior análise dos dados coletados. Primeiramente, será apresentada uma reflexão acerca do surgimento do fenômeno da globalização, e como isto impactou a forma de os países se relacionarem. Será abordado como estas mudanças que ocorreram principalmente após os anos 1990 afetaram as Instituições de Ensino Superior no mundo, e quais os benefícios do intercâmbio para a área educacional e a sociedade como um todo. Por fim, serão comentados alguns aspectos da política externa brasileira e sua posição com relação a acordos de cooperação com outros países no âmbito da educação, bem como alguns dos principais programas de cooperação internacional vigentes no país.

4.1 GLOBALIZAÇÃO E FLUXOS MIGRATÓRIOS

Sabe-se que as mudanças ocorridas no final do século XX atingiram os mais diversos campos de atuação, acelerando de uma maneira geral os processos científicos, tecnológicos, políticos, econômicos, sociais, culturais, educacionais e de comunicação. Conforme Gacel-Ávila (2005), existem três fatores que contribuíram para esta tendência: (i) o avanço tecnológico das telecomunicações; (ii) o maior fluxo e a maior mobilidade das pessoas entre as fronteiras nacionais e (iii) a maior interdependência econômica e política entre as nações.

A redução do custo da distância, resultante do avanço tecnológico das telecomunicações, tornou a informação mais acessível, em volumes sem paralelo na história da humanidade. Juntamente com a comunicação, tornou-se uma forma de organização do mundo, possibilitando uma interconexão cada vez maior entre as diferentes sociedades. Países anteriormente considerados remotos estão agora conectados ao resto do mundo promovendo, conseqüentemente, o surgimento de novas demandas (APARICI, 1999).

O aumento do fluxo de pessoas de diferentes nacionalidades e culturas entre fronteiras, através de processos imigratórios ou turísticos, favoreceu a disseminação do conhecimento. O maior fluxo de informações e pessoas incentivou, por sua vez, a distribuição de mercadorias, recursos financeiros, tecnologia e cultura (HIRA, 2003). Nesse contexto, intensificou-se a interdependência econômica entre nações em um fenômeno denominado globalização, que modifica a tradicional análise de um estado/país como principal ator da cena econômica. Pela

primeira vez na História da humanidade tudo se pode fabricar em qualquer lugar e vender-se por todas as partes.

Existem diversas definições envolvendo o conceito Globalização e, embora semelhantes, são também complementares, valendo-se de uma breve análise. Naturalmente, o fenômeno é associado a um fluxo de tecnologia, economia, conhecimento, valores, ideias, capital, pessoas, mercadorias, e outros tantos aspectos em um contexto que a relevância das fronteiras nacionais reduziu-se, trazendo consigo um maior desenvolvimento social e econômico. (STALLIVIERI, 2002; MUELLER, 2013).

A globalização pode ser resumida como uma política de *tudo no mercado* e esta filosofia neoliberal alcançou também a educação (APARICI, 1999). “A globalização afeta cada país de modo diferente devido a sua história, tradições, cultura e prioridades, criando distintas dimensões internacionais à educação superior dentro da sociedade internacional pautada no conhecimento” (KNIGHT; DE WIT, 1997¹ apud MUELLER, 2013, p. 23). Ainda neste contexto educacional, Altbach (2006) a define como forças políticas, econômicas e sociais empurrando a educação superior do século XXI em direção a um maior envolvimento internacional.

A Globalização econômica, que significa o aumento do comércio exterior e a consequente redução de tarifas, favorece o crescimento dos países e a diminuição da pobreza. “A abertura econômica promovida pela globalização aumentou a competição entre as empresas, valorizando o fator educacional, como as habilidades técnicas e a experiência profissional dos trabalhadores” (RAMOS, 2002, p.2).

Apesar de muitos autores defenderem os benefícios que a globalização trouxe para a sociedade como um todo, o termo é bastante controverso, e muitas vezes assume também conotações negativas. Conforme Green; Eckel; Barblan (2002), para uns, a globalização é vista como o fluxo de ideias, capital pessoal pelo globo, enquanto que para outros sugere a hegemonia do sistema capitalista, significando a dominação das nações ricas sobre as demais e, por conseguinte, a perda da identidade e cultura nacionais. Gacel-Ávila (2005) aponta que, embora o processo de globalização e modernização tenha se desenvolvido simultaneamente pelo planeta, este desenvolvimento ocorreu de uma maneira desigual e contraditória, beneficiando apenas os países mais desenvolvidos.

¹ KNIGHT, J.; DE WIT, H. **Internationalization of Higher Education: a conceptual framework**, In: KNIGHT, J.; DE WIT, H. (Org.) *Internationalization of Higher Education in Asia Pacific Countries*. Amsterdam: European Association for International Education, 1997, p.5-19.

Sob o ponto de vista econômico, Dollar e Kraay (2001), afirmam que a globalização, por ter acelerado o processo de fusão e aquisição de empresas, propiciou uma expansão das multinacionais, e sua conseqüente concentração de capital. A distribuição de renda, problema recorrente em países subdesenvolvidos, continua a ser um desafio: “países que reduziram a inflação, expandiram o comércio e viram acelerar suas taxas de crescimento nos últimos 20 anos não tiveram mudanças significativas na distribuição de renda” (DOLLAR e KRAAY, 2001, p.5).

A globalização abriu novas perspectivas e modalidades de trabalho, mas também ameaçou muitas profissões que, devido ao avanço das comunicações não se fazem mais necessárias. Ao mesmo tempo em que beneficiou profissionais qualificados, prejudicou os de mais idade, por terem mais dificuldades em se atualizar e adaptar ao novo sistema de trabalho e às novas tecnologias que o mesmo exige (RAMOS, 2002).

Todos estes fatores deixam claro que existem duas opiniões distintas a respeito da globalização. Por um lado, abre inúmeras oportunidades para o desenvolvimento mundial, enquanto que, no mesmo instante, maximiza o abismo entre os beneficiados com o processo e os desfavorecidos da fortuna. No entanto, o fenômeno parece ser um processo inevitável, que altera arranjos sociais básicos, como cultura, mercados, normas, valores e identidades. Este é um processo que se auto reforça, e a tendência é que se desenvolva continuamente (PIMENTA, 2006).

Uma das principais conseqüências resultantes do desenvolvimento do planeta nas últimas décadas, mas principalmente do fenômeno da globalização foi a massificação dos fluxos migratórios. Beerkens (2003) constata que movimentos de pessoas pelo planeta sempre existiram, porém a um nível mais local e em menos intensidade. O que vemos atualmente é uma intensificação destes fluxos migratórios, causado primeiramente pela mecanização do transporte terrestre e naval no século XIX, pela massificação do transporte aéreo no século XX, e também pela revolução digital nos anos 1990. A globalização é somente mais um destes fenômenos que fez com que esses movimentos de pessoas, bens, informações e finanças aumentassem ainda mais.

Enquanto algumas pessoas migram para outros países a fim de alavancar suas carreiras, e outras apenas pelo espírito aventureiro, segundo Stalker (2000), a principal razão para a maioria das pessoas ainda é a financeira. A opção de trabalhar em um país onde a remuneração possibilita, além de criar uma poupança, melhor qualidade de vida em comparação ao seu país de origem, se torna muito atrativa para a população de baixa renda.

Apesar disto, neste estudo trataremos dos casos de entrada e saída de pessoal técnico científico qualificado, na modalidade de movimentos populacionais emergentes no contexto do capitalismo internacional e próprios da globalização atual. Muitas vezes estes casos são também associados a “fuga de cérebro”. Esta modalidade surgiu através do processo de Internacionalização do Ensino em Instituições de ensino Superiores, e se dá através da mobilidade acadêmica entre elas, as quais serão tratadas a seguir.

4.2 INTERNACIONALIZAÇÃO DO ENSINO E OS BENEFÍCIOS DO INTERCÂMBIO

A Internacionalização e a globalização recebem diversas interpretações e definições utilizadas sob diferentes perspectivas e, por serem temas amplos, são facilmente confundidos pela sua proximidade. Apesar ambos os fenômenos serem impactados pelas mesmas dinâmicas sociais, eles são diferentes em termos de escala e intensidade, exibindo tendências opostas e muitas vezes contraditórias (GACEL-ÁVILA, 2005).

Gacel-Ávila (2005) afirma que o conceito de internacionalização refere-se ao relacionamento e interação entre Estados-nação, promovendo um reconhecimento mútuo, mas sempre respeitando suas diferenças e tradições. Por outro lado, o fenômeno da globalização não tende a respeitar as diferenças e fronteiras, prejudicando, assim, as bases dos mesmos Estados-nação, convergindo para uma homogeneização dos povos.

Conforme Knight (2004, p. 5), a relação entre os dois conceitos está associada à mudança, pois: “a internacionalização está mudando o mundo da educação superior e a globalização está mudando o mundo da internacionalização”. Existe proximidade entre os processos quando Altbach (2006) afirma que a globalização é uma realidade do século XXI moldada pela economia mundial, integrada pelas novas tecnologias de comunicação e informação, enquanto a internacionalização é definida como a variedade de políticas e programas que as universidades e os governos implementam para responder à globalização.

Neste contexto, internacionalização pode ser entendida como complementar ou compensatória às tendências de globalização, dado que ela permite uma resistência aos efeitos de homogeneização que a globalização trás (GACEL-ÁVILA, 2005). Knight (2004) salienta ainda que a internacionalização do ensino superior é uma das maneiras que um país responde ao impacto da globalização, e ao mesmo tempo, respeita as individualidades da nação.

A educação superior não poderia ficar inalterada face às transformações decorrentes das mudanças globais que têm alterado o cenário internacional. À medida que a globalização desenvolve-se, a preocupação com a crescente competição no mercado de ensino superior em

todo o mundo também aumenta, e as instituições de ensino passaram a procurar maneiras de tornarem-se mais competitivas (GREEN; ECKEL; BARBLAN; 2002).

A emergência da chamada “sociedade do conhecimento”, outra consequência da globalização, trouxe consigo a necessidade da educação continuada, como forma de os indivíduos se manterem constantemente atualizados, uma vez que a evolução do conhecimento torna, muitas vezes, obsoleto o conhecimento anterior. Os indivíduos são incentivados a buscar uma formação mais ampla, visto que este conhecimento novo demanda mais pessoas preparadas intelectualmente (ALTBACH, 2006).

A educação superior, conforme complementa Qiang (2003), não poderá mais ser vista apenas pela perspectiva do contexto nacional, e suas características e funções não podem mais estar condicionadas apenas às necessidades decorrentes do processo de desenvolvimento das sociedades nas quais estão inseridas. Ela precisará incorporar também em seu planejamento a dimensão internacional, dado que a relação com universidades estrangeiras é fundamental para o estabelecimento de vínculos de cooperação e intercâmbio nos campos do ensino, pesquisa científica e da inovação tecnológica.

Vinculada a essas constatações, surge a necessidade da compreensão do processo de internacionalização do ensino superior como uma consequência natural da evolução do fenômeno Globalização para as IES. Esta estratégia segue os caminhos considerados mais adequados para que as instituições lidem com este novo ambiente, abrangendo políticas e programas específicos realizados por governos, sistemas acadêmicos e instituições, e até mesmo departamentos individuais (PIMENTA, 2006; GREEN, ECKEL; BARBLAN, 2002).

Conforme salienta De Wit (2002), no final dos anos 1970 até meados dos anos 1980, o conceito de internacionalização não era sinônimo de grande prestígio, ou sequer utilizado pelas instituições de ensino. No início dos anos 1990 é que grandes mudanças ocorreram - desde o surgimento e consolidação do termo, até o seu crescimento gradual, com novos componentes sendo adicionados ao seu significado nas últimas décadas. A internacionalização, que antes era associada a um simples intercâmbio de estudantes, hoje representa um verdadeiro negócio de recrutamento, proveniente de atividades que impactavam uma pequena elite intelectual, mas que hoje se transformou em um fenômeno de massa.

Knight (1993, p.21) descreve a internacionalização da educação superior como “the process of integrating an international/intercultural dimension into the teaching, research and service functions of the institution”. Na concepção de Qiang (2003), existem alguns conceitos chave nessa definição, como a ideia de que a internacionalização é um processo dinâmico, e

não uma série de atividades isoladas, que integra e torna mais sustentável o ambiente internacional. Além disso, refere-se às funções primárias e universais de uma instituição de ensino superior: ensino, pesquisa e prestação de serviço à sociedade;

A internacionalização decorreu da constatação de uma série de evidências, como o crescimento do interesse por parte dos alunos, professores e pesquisadores em realizar mobilidade acadêmica, o aumento do desenvolvimento de pesquisas internacionais e cursos com ênfase no tema, a preocupação com desenvolvimento de competências interculturais, a imersão internacional do currículo, o surgimento de setores das IES focados na sua internacionalização, etc.

Miura (2006, p.3) acrescenta:

A formulação de estratégias e políticas de internacionalização, responsáveis pela estruturação das ações como reforma curricular, pesquisas conjuntas, acordos internacionais, intercâmbio de estudantes e professores são pontos cruciais que definirão um processo sustentável de internacionalização da instituição.

O fenômeno da internacionalização gera também impactos consideráveis na economia mundial, conforme Altbach (2006) constata que, pela primeira vez na história, existem grandes investimentos do capital global em indústrias do conhecimento em todo o mundo, incluindo educação superior e treinamento avançado. As atividades internacionais das universidades expandiram dramaticamente em volume, escopo e complexidade nas duas últimas décadas, tornando-se uma verdadeira indústria de educação e treinamento.

Embora esta movimentação econômica seja indispensável e satisfatória, é ainda mais gratificante saber que programas tradicionais de estudo no exterior permitem estudantes aprenderem sobre outras culturas, formando indivíduos mais humanizados, e dando-lhes oportunidades de acesso à educação superior em países onde instituições locais não conseguem atender à demanda (ALTBACH, 2006).

Uma vez que manter o próprio bem estar no local de destino é um dos desafios do intercambista, a experiência promove um desenvolvimento pessoal por ter de viver em um ambiente desconhecido (TOMAZZONI; OLIVEIRA, 2013). Mestenhauser (1998) demonstrou que a educação internacional desenvolve habilidades cognitivas como: comunicar-se habilmente com culturas diferentes, reconhecer lacunas de conhecimento, pensar comparativamente e mudar percepções sobre si mesmo, reconhecer tendências sobre outras culturas, compreender diferentes estilos de aprendizagem, perceber a complexidade e integração cognitiva, dentre outros.

Jovens com experiência no exterior estão sendo valorizados por empresas de todo o mundo, e também por órgãos públicos do país. Estas organizações entendem que pessoas que

realizaram algum tipo de intercâmbio aprimoram seus conhecimentos, diferenciando seus estudos e enriquecendo o currículo escolar. Além disso, possuem características que os destacam em atividades práticas, com iniciativa, flexibilidade, criatividade e visão multidisciplinar para resolução de problemas, as quais contribuem para seu ingresso no mercado de trabalho (SEBBEN, 2001; TAMIÃO, 2010).

Freitas (2009) acredita que a capacidade do indivíduo de se adaptar em diferentes ambientes culturais é uma característica tão importante quanto qualquer outra, e hoje empresas globais necessitam muito do chamado “capital mobilidade”:

Para efeitos deste estudo, conceituamos mobilidade, em sentido amplo, como a capacidade, a disposição e o desejo que um indivíduo tem de mudar geograficamente e de interagir com diferenças em relação à sua cultura, à sua profissão, à sua empresa, ao seu cargo e aos seus saberes, fazendo ajustes que favorecem o seu melhor desempenho profissional e enriquecem a sua vida pessoal; ou seja, um indivíduo aberto a experiências novas, que confrontem e alarguem os limites dos seus conhecimentos, de suas experiências pessoais e profissionais, bem como as suas certezas culturais. (FREITAS, 2009, p. 249).

A escolha pela expatriação é tratada pelas empresas como se fosse somente um desejo do indivíduo, em função do glamour que a mobilidade trás para suas carreiras. Porém, a autora defende que existe uma demanda organizacional real em empresas globais por pessoas que se adaptem facilmente a outras cultural e que de fato desejem uma vida nômade. É importante salientar que simplesmente aceitar o desafio de viver em outro país não compõe o capital social, uma vez que o seu conceito não se limita ao fenômeno geográfico, mas sim a um conjunto complexo de competências a serem desenvolvidas pelo profissional (FREITAS, 2009).

No âmbito educacional, Miura (2006) cita como benefícios o aprimoramento dos estudantes devido à exposição cultural, aprimoramento do corpo docente em função da interação com pesquisadores estrangeiros, da troca de conhecimento e tecnologia decorrente de projetos e pesquisas realizadas em conjunto. O intercâmbio trás benefícios não só para o intercambista, mas também para quem está de alguma forma em contato com ele, e para diversas áreas do destino receptivo.

De acordo com o Ministério do Turismo (2012), são quatro os âmbitos em que os países se desenvolvem ao receberem estrangeiros: econômico, através do aumento da competitividade econômica e dos mercados de trabalho e economia do conhecimento global; político, por promover a paz, melhorar a política externa, a segurança nacional e aumentar a identidade nacional e regional do país; sociocultural, porque aprimora o raciocínio cultural e social das pessoas; e educacional, por ampliar o horizonte acadêmico, promover uma educação globalizada, melhorar a qualidade das normas internacionais, analisar a dimensão

intercultural, promover o comércio internacional de serviços educativos e utilizar a educação como instrumento de cooperação entre países.

Hanvey (1982) vai além do ambiente profissional, e acredita que uma perspectiva global tem potencial para conduzir a uma mudança cognitiva nas pessoas, mudando sua forma nacional de pensar para uma natureza internacional e mais racional, garantindo uma visão de mundo mais ampla. Essas competências despertariam um sentimento de interdependência entre as nações, sendo o primeiro passo para as pessoas passarem a colaborar para a construção de um mundo melhor.

Nations would begin to understand that their own interests and activities cannot be separated from those of others, and they would pay more attention to human problems that transcend international, regional and local interests. The concept of interdependence would begin to be recognized, and the connections, consequences and vulnerabilities of the global system would be understood. The role of the nation-state as the principal player in interstate politics would be called into question when faced with the need for a coordinated, global system. The individual would become a citizen of the world, with a sharper awareness of his own and foreign cultural perspectives, and with a stronger empathy for other cultures. He would be informed about the state of the planet and the principle social and political happenings around the globe, thereby taking on a greater commitment to the construction of a better world (HANVEY, 1982, p. 37²) (APUD GACEL-AVILA 2005 p.127)

Todos os fatores supracitados com relação aos benefícios da mobilidade nos fazem pensar que a educação internacional é uma estratégia-chave à educação do século XXI, e que levariam a mudanças significativas no âmbito organizacional, educacional, social e mundial. Porém, apesar de todo o esforço despendido pelas universidades nesta verdadeira “corrida pela internacionalização”, Green; Eckel; Barblan (2002) salientam que o ambiente gerado pela globalização (caracterizado por demandas crescentes, competição intensificada, e mudanças complexas), faz com que seja extremamente difícil para qualquer instituição ter recursos e capacidades suficientes a fim de agirem sozinhas.

Deste modo, a fim de aumentar suas capacidades, universidades ao redor do mundo, através da criação de programas de incentivo pelos países, estão formando parcerias com outras instituições da mesma ou de outras ações, e também com outros tipos de organizações, resultando nos chamados *programas de cooperação internacional*, os quais serão abordados sob a perspectiva brasileira nos capítulos posteriores.

² Hanvey, R. (1982). *An attainable global perspective*. New York: American Forum for Global Education.

4.3 PROGRAMAS DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL NO BRASIL

As ações relacionadas à educação no Brasil estão associadas à estratégia do governo de se fortalecer internacionalmente através de convênios de cooperação e acordos bilaterais, uma vez que o progresso científico de qualquer nação está relacionado ao seu avanço internacional.

Nas primeiras décadas do século XX iniciaram-se timidamente as políticas de internacionalização, com a prática do intercâmbio de maneira esporádica e limitando-se a estudantes latino-americanos. A formalização de acordos do Brasil com países estrangeiros teve início após a Segunda Guerra Mundial, mas foi nos anos 1970 que a internacionalização ganhou proporções mais importantes, fortalecendo-se como uma importante ferramenta de relacionamento. Em 1990, com o avanço da globalização, esta passou a ser uma estratégia-chave para as instituições de ensino superior, tornando-se mais conhecidas e respeitadas ao se internacionalizar (FEIJÓ, 2013).

Atualmente, a Política Externa Brasileira atua em pelo menos três segmentos através da cooperação internacional:

- a) Economia: na qual a educação relaciona-se diretamente com a qualificação da mão-de-obra de um país, agindo no desenvolvimento econômico deste;
- b) Política: na qual a cooperação educacional, ao promover a aproximação entre os Estados representa parte de uma agenda positiva da política externa;
- c) Cultura: na qual o estreitamento de laços entre as sociedades é realizado através da convivência, do aprendizado do idioma e da troca de experiências, favorecendo o aumento da compreensão mútua e da tolerância (MINISTÉRIOS DAS RELAÇÕES EXTERIORES, 2014).

Os principais setores do governo brasileiro responsáveis pela internacionalização do ensino superior no país são o Ministério da Educação, o Ministério da Ciência e Tecnologia e o Ministério das Relações Exteriores. Os departamentos do Ministério da Educação que têm como função cuidar das relações internacionais são o Departamento de Assessoria Internacional da Secretaria de Educação Superior, e o Departamento de Assessor para Assuntos internacionais, o qual é o responsável pelo acordo para o Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G), que zela pelas atividades de estudos de Graduação no Brasil.

De acordo com o Ministério das Relações Exteriores, o Brasil possui acordos com 56 países em desenvolvimento para receber estudantes de graduação em universidades públicas e

privadas em todo o território nacional, através do PEC-G, principal programa brasileiro destinado a amparar estudantes estrangeiros, o qual será detalhado no próximo tópico por ser um dos objetos amostrais deste estudo.

Outro programa que merece destaque é o Ciência sem Fronteiras, criado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI) em conjunto com o Ministério da Educação (MEC). Lançado recentemente, mais especificamente no dia 26 de julho de 2011, busca promover integração do Brasil no exterior através da consolidação, expansão e internacionalização da ciência e tecnologia, da inovação e competitividade brasileira, por meio do intercâmbio e da mobilidade internacional. O programa contempla não só estudantes brasileiros que desejam aprimorar seus estudos no exterior, como atrair pesquisadores do exterior que queiram se fixar no Brasil ou participar de estudos em parceria com universidades brasileiras. Atualmente o programa não contempla as ciências humanas, mas devido ao sucesso do programa nestes três anos de existência, a previsão é ampliar sua abrangência para cursos nessa área.

4.4 O PROGRAMA PEC-G

O Programa PEC-G surgiu na década de 1960 devido ao incremento do número de estrangeiros no Brasil na época, e a fim de formalizar e tornar transparente um processo que já estava acontecendo de maneira informal no Brasil. Assim, o governo unificou as condições do intercâmbio estudantil, garantindo tratamento semelhante aos estudantes por parte das universidades. Assim, em 1965 foi lançado o primeiro protocolo do programa de cooperação internacional, que tem o objetivo de possibilitar que cidadãos advindos de países em desenvolvimento realizem seus estudos de graduação em Universidades públicas e privadas brasileiras participantes do programa.

Atualmente conta com 56 países participantes, sendo 24 provenientes da África, 25 da América Latina, e 07 da Ásia, os quais o Brasil mantém acordos de cooperação cultural e educacional, promovendo a formação de recursos humanos. A África é o continente de origem da maior parte de estudantes, com destaque para Cabo Verde, Guiné Bissau e Angola. A América Latina fica em segundo lugar, sendo a maior participação de paraguaios, equatorianos e peruanos. Na Ásia, o Timor Leste é o país com o maior número de selecionados. Não existem dados de quantos estudantes já participaram do programa desde que foi criado, mas estima-se que desde o ano de 2000, mais de 7.000 estudantes foram beneficiados com o programa.

Conforme o manual do PEC-G os alunos selecionados são dispensados do processo seletivo das universidades, ingressando no ensino superior através de vagas criadas especialmente para este fim. O ensino é gratuito mesmo que em Instituições privadas, e o aluno tem o reconhecimento do seu diploma em seu país de origem. Além disso, o estudante recebe um visto temporário de estudo, além de assistência médica, farmacêutica e odontológica. Em contrapartida, o estudante deve seguir uma série de normas, como ter recursos financeiros para manter-se no país, haver dedicação exclusiva aos estudos, não estabelecendo vínculo empregatício, não envolver-se em questões políticas e retornar ao seu país de origem até três meses após a colação de grau.

Dando continuidade ao PEC-G, em 1981 criou-se o PEC-PG, com o objetivo de tornar possível também a realização de estudos em pós-graduação aos estudantes dos mesmos países contemplados pela graduação. A extensão do programa funciona nas mesmas premissas do PEC-G.

5 A UFRGS

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul iniciou sua história em 1895 com a fundação das escolas de Farmácia e Química, a qual foi também o primeiro passo para a educação superior no estado. Após a união de diversos cursos, entre eles as Faculdades de Medicina e Direito, e das Escolas de Engenharia, em 1947 foi denominada Universidade do Rio Grande do Sul.

Sua administração passou a ser responsabilidade da União três anos depois, quando começou a ocupar posições de destaque em esfera nacional, em função de ser a universidade brasileira com o maior número de publicações proporcionalmente ao número de professores. Neste mesmo ano de 1950 foi federalizada, adotando o atual nome de Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

A partir da chamada Reforma Universitária, a Lei 5.540 de 1968 fixou novas formas de funcionamento didático e administrativo do ensino superior nas universidades brasileiras, e a partir de 1970 a UFRGS passou a ser organizada em institutos e faculdades, como é regida até hoje. Os departamentos passaram a ser unidades fundamentais, reunidos em Faculdades, Institutos e Escolas, onde são ministrados cursos de Graduação e Pós Graduação. Neste ano também foram criados novos órgãos superiores, como o Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão, nos quais são desenvolvidas atividades diversas.

Atualmente, e pelo segundo ano consecutivo, a UFRGS conta com o título de melhor universidade em qualidade do Brasil no Índice Geral de Cursos (IGC), em avaliação feita pelo MEC (Ministério da Educação). Este índice é medido mediante a análise dos indicadores de qualidade da graduação, pós-graduação, dos docentes e da infraestrutura, trazendo grande visibilidade para a instituição nacional e internacionalmente. No ano de 2014 a UFRGS completa 80 anos de existência, e criou uma agenda intensa de programações culturais, inclusive com uma Aula Magna ministrada por Sebastião Salgado, um dos fotógrafos brasileiro mais conceituado internacionalmente.

Conforme seu Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) de 2011-2015, a UFRGS pretende ampliar a sua oferta de cursos de graduação, pós graduação e extensão, além de cursos á distância. Pretende também expandir seu campus ao Litoral Norte e à Serra gaúcha para municípios a serem definidos, atitude que esta de acordo com sua meta de sempre planejar o aumento de sua estrutura física a fim de atender melhor a sociedade. Busca ser uma universidade de excelência, investindo constantemente em inovação, tecnologia e no aperfeiçoamento pedagógico. Respeita e valoriza a diversidade social e cultura, prezando pelo

desenvolvimento do indivíduo e da sociedade através da eficácia no processo de ensino e aprendizagem.

Com relação à internacionalização, a UFRGS trata este processo como uma política institucional interna, uma vez que acredita que uma Universidade deve ultrapassar fronteiras a fim de tornar-se excelente no que faz. Essa política exige tanto a consolidação e a expansão da cooperação bilateral e multilateral com instituições internacionais, como a ampliação de programas de mobilidade acadêmica docente, discente e de técnico-administrativos. De acordo com o PDI, é necessário, ainda, a UFRGS ampliar sua atuação política e acadêmica em grupos universitários e programas internacionais, e reforçar o intercâmbio acadêmico com instituições de todos os continentes, a fim de atrair estudantes de todas as partes do mundo para os níveis de ensino em que a Universidade atua.

O planejamento de ampliação do processo de internacionalização da UFRGS inclui o Campus Internacional, plataforma destinada a desenvolver a cooperação com outras universidades de forma ordenada e estratégica. É através deste espaço que a UFRGS se afirma como uma Universidade internacionalizada e interessada em consolidar seu nome no exterior. Para isso, o site do Campus Internacional foi traduzido para 4 idiomas (Inglês, Francês, Alemão e Espanhol), além de elaborado um material informativo e de divulgação da Universidade em Português, Inglês, Francês, Alemão e Chinês, a fim de tornar mais abrangente o público de leitores, e eliminar a barreira da comunicação com diversas nacionalidades. O principal órgão da UFRGS responsável pela internacionalização é Secretaria de Relações Internacionais (RELINTER), a qual coordena a cooperação internacional da UFRGS e é um dos objetivos de estudo deste trabalho.

5.1 RELINTER

A Secretaria de Relações Internacionais é um órgão da administração central da UFRGS encarregado de fomentar, articular e administrar a cooperação da Universidade com outras instituições e nações. Seu objetivo é consolidar o nome da UFRGS no exterior através da mobilidade acadêmica internacional e de outras articulações de cooperação acadêmica. Suas ações estão alinhadas com o compromisso do desenvolvimento científico, desenvolvimento do pensamento reflexivo e da consciência pluricultural, visando contribuir para a formação de profissionais globalizados (UFRGS, 2014).

A cooperação internacional existe na universidade desde o final do século XIX, quando a mesma ainda existia em forma de escolas em unidades isoladas de ensino superior

de estado. Porém, foi na década final do século XX que as relações internacionais da UFRGS, acompanhando a tendência mundial de globalização e aumento dos fluxos migratórios dos anos 1990, cresceram de forma significativa. Em 1993, a RELINTER foi estabelecida como Assessoria de Relações Institucionais e Internacionais do Gabinete do Reitor, e no ano 2000 transformou-se em Secretaria. Seu escritório, que antes se localizava no sexto andar da Reitoria da UFRGS ganhou um espaço próprio a nível térreo, de forma a facilitar o acesso e atender melhor ao público de estudantes e professores (UFRGS, 2014).

No início de cada semestre, a Secretaria de Relações Internacionais da UFRGS realiza um evento de recepção a todos os Estudantes Internacionais, com a participação de figuras importantes do meio acadêmico e da Administração Central. O evento tem o objetivo de dar boas vindas à comunidade internacional, apresentar a Universidade, esclarecer possíveis dúvidas e promover a integração. Cada estudante é convidado a se apresentar e compartilhar um pouco de sua história, além do contar com programações culturais diversas.

O número de estudantes estrangeiros vem crescendo exponencialmente nos últimos anos, e a RELINTER procura acompanhar este crescimento acelerado. Os procedimentos internos da universidade, que deveriam se desenvolver de acordo com o número de intercambistas, nem sempre ocorrem na mesma velocidade. Há pouco tempo, poucos cursos tinham que lidar com a presença de estrangeiros em sua CONGRAD, e neste vários cursos estão recebendo estes alunos – muitos deles sem qualquer tipo de preparo para isto.

Através de uma pesquisa simples, constatou-se, por exemplo, que o espaço destinado ao Campus Internacional no site da UFRGS contém informações superficiais a respeito do departamento, além do conteúdo estar bastante desatualizado. A RELINTER não possui dados atualizados quanto ao número de intercambistas recebidos nos últimos anos, nem quais os programas de mobilidade acadêmica ainda estão vigentes. A equipe de funcionários é relativamente recente, com pouca experiência e conhecimento de todo o processo. Apesar disto, a secretaria está ciente de suas dificuldades e, na medida do possível, estão tomando providências para que o trabalho seja aprimorado na velocidade da chegada de novos estudantes estrangeiros. As informações que serão apresentadas a seguir foram solicitadas à RELINTER pelo pesquisador, a qual compilou as informações dispersas que possuíam desde 2011 para atender ao pedido. Também foram listados pela secretaria quais os programas de mobilidade ainda ativos na UFRGS, e abaixo se encontra uma breve descrição formulada pelo pesquisador através de consulta no site de cada um deles.

A) AUGM (Asociación de Universidades Grupo Montevideo)

Através do programa Escala Estudantil, a AUGM busca construir um “Espacio Académico Común Ampliado Latinoamericano”, impulsionando e fortalecendo os laços acadêmicos entre países da América Latina. O programa defende a prática do plurilinguismo e a cooperação intelectual e científica como parte integrante de todos os sistemas de educação superior, uma vez que a associação entre as universidades do mundo é fundamental para que os estudantes entendam melhor os problemas mundiais e prepará-los para um ambiente globalizado durante sua formação.

As universidades que aderiram ao programa determinam o número de alunos que desejam receber semestralmente, o qual será o mesmo número de alunos enviados a universidades parceiras. Os custos dos alunos são financiados pela universidade de origem, enquanto que a universidade de destino fornece alojamento e alimentação. Atualmente, participam cerca de trinta universidades dos seguintes países da América Latina: Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai.

B) Brafitec

O programa Brafitec tem como objetivo apoiar a cooperação bilateral entre o Brasil e a França, por meio de parcerias universitárias entre os dois países. Financiado pela CAPES, Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, contempla todas as especialidades das engenharias, favorecendo o intercâmbio de estudantes de graduação através de bolsas e passagens aéreas internacionais. Estudantes brasileiros podem cursar até um ano de sua graduação na França, e estudantes franceses podem estudar no Brasil pelo mesmo período, em qualquer universidade conveniada.

C) Marca

Marca foi o primeiro programa de mobilidade acadêmica de estudantes de graduação promovido pelos governos do setor educativo do MERCOSUL (Mercado Comum do Sul), o qual busca incentivar a integração regional. Lançado em 2006 através de uma experiência piloto com o curso de Agronomia, se realiza entre todos os países pertencentes ao bloco, desenvolvendo-se por meio de períodos regulares de um semestre acadêmico. Atualmente, o programa foi expandido aos cursos de Arquitetura, Veterinária, Enfermagem, Engenharia, Medicina e Odontologia.

D) Santander Universidades

O programa Mobilidade Internacional Santander oferece bolsas de estudo de um semestre financiada pelo Banco Santander para intercâmbio cultural em universidades de todo o mundo, com o objetivo de aprimorar a formação acadêmica dos alunos e prepará-los para os desafios do mercado de trabalho e do mundo contemporâneo, que atravessam fronteiras. Existem diversas modalidades de bolsas que o programa oferece. A UFRGS costuma receber estudantes da bolsa conhecida como CEAL, uma vez que é uma iniciativa do Centro de Estudos da América Latina com a Universidade Autônoma de Madrid (UAM). Anualmente, 72 estudantes de graduação da UAM realizam um semestre de seus estudos com alguma universidade da América Latina, e outros 72 estudantes de instituições acadêmicas da América Latina, na instituição acadêmica madrilenha. As estadias e estudos são financiados pelo programa, além de um ajuda para efetuar a viagem e um seguro por doença e acidentes cobrindo o período do intercâmbio.

O Programa de Bolsas Luso-Brasileiras também é responsável pela vinda de estudantes Portugueses para a UFRGS. Lançado em 2007, tem o objetivo de estimular o intercâmbio acadêmico entre Brasil e Portugal, fortalecendo a cooperação acadêmica entre os dois países. São oferecidas bolsas de estudos de um semestre, e em 2014 serão 170 estudantes brasileiros e portugueses beneficiados com o programa. Existem ainda outras modalidades de intercâmbio financiadas pelo Santander, como o Programa Fórmula, que beneficia universitários do Brasil, Espanha, Reino Unido e México; os programas Top China e Top UK, que leva estudantes a cursar três semanas de aula em universidades do Brasil, China e Reino Unido, respectivamente; entre outros.

E) ERASMUS

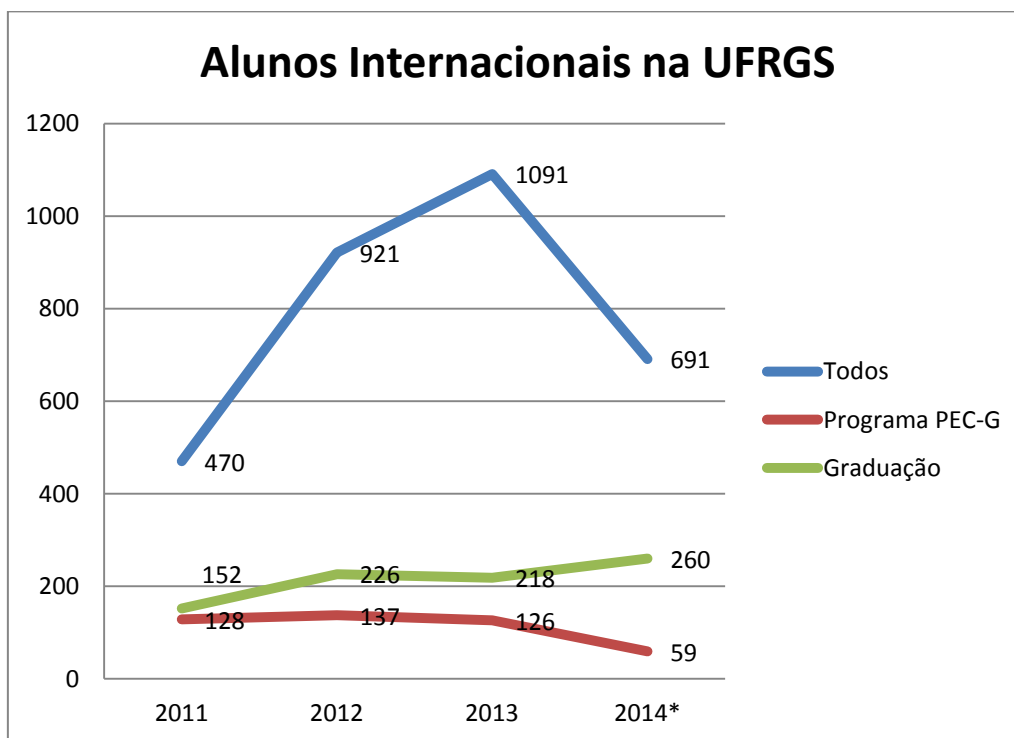
O programa ERASMUS, um dos mais bem sucedidos programas de mobilidade acadêmica do mundo, iniciou em 1987 e apoia a criação de um espaço europeu de ensino superior. Com o objetivo de reforçar a educação para explorar resultados, produtos e processos inovadores na Europa, visa contribuir para o desenvolvimento de uma aprendizagem de qualidade ao longo da vida dos alunos, promovendo a criatividade, competitividade e empregabilidade destes.

Durante os primeiros 21 anos do programa, dois milhões de estudantes fizeram mobilidade acadêmica para os estados-membros da União Europeia, tendo um crescimento gradual ao longo dos anos. O sucesso do *Erasmus* teve como consequência natural sua expansão a países terceiros, com a criação do *Erasmus Mundus Lindo* em 2004, reforçando os

laços acadêmicos e promovendo um entendimento intercultural com o resto do mundo – incluindo o Brasil e a UFRGS, que participam ativamente do programa. A evolução do *Erasmus* trouxe consequências positivas não somente para a Europa, mas para o mundo inteiro, incentivando e influenciando o desenvolvimento e até mesmo a criação de programas similares de cooperação entre países dos demais continentes.

A partir dos dados de estudantes enviados pela RELINTER, foi possível elaborar o gráfico abaixo, que facilita a visualização da evolução dos estudantes internacionais na UFRGS do ano de 2011 até 2014. Pode-se observar que os alunos foram separados de acordo com os grupos que serão analisados neste estudo: estudantes de graduação em mobilidade acadêmica e estudantes do Programa PEC-G. Em “todos” incluem-se os grupos indicados, além de alunos do curso de Português Para Estrangeiros (PPE), pós-graduação, mestrado, doutorado, internatos de medicina e alunos em pesquisas diversas. Não foi possível separá-los por nacionalidade devido à insuficiência de dados disponíveis, porém segundo a RELINTER a UFRGS recebeu alunos de 66 países diferentes somente no ano de 2014, em todas as modalidades citadas acima.

Figura 1 – Evolução dos Alunos Internacionais na UFRGS



Fonte: RELINTER

Quando se observa a linha azul, a qual indica o total de estudantes na UFRGS em todos os programas supracitados, percebe-se uma evolução gradual no número a partir do

primeiro ano. Em 2011, foram 470 estudantes, sendo o maior salto na quantidade no ano seguinte, em 2012, passando para 921 estudantes. Após um ano, ainda houve uma evolução, porém não tão brusca como nos anos anteriores, atingindo 1091 alunos. Uma vez que os dados que 2014 ainda não estão completos para o segundo semestre, percebe-se um declínio para 691 estudantes, número que ainda pode variar bastante nos próximos meses.

Com relação aos estudantes de mobilidade acadêmica e o PEC-G, ambos seguem um tendência similar: um aumento mais significativo do ano 2011 para 2012 e um leve declínio no número de estudantes de 2012 para 2013. Novamente os dados do ano de 2014 estão incompletos para os estudantes do Programa PEC-G, sendo os 59 alunos somente do primeiro semestre de 2014. Espera-se um número similar de estudantes para o segundo semestre. No caso dos estudantes de mobilidade acadêmica da graduação, houve um aumento considerável neste ano, atingindo o ápice de 260 estudantes com possibilidades de aumentar o número nos próximos meses.

A partir deste gráfico é possível constatar também que grande parte dos alunos internacionais da UFRGS é proveniente dos programas não especificados dentro de “todos”, devido a grande diferença do número total para os dois grupos de estudantes. O Português Para Estrangeiros é um dos responsáveis por esta diferença, uma vez que existia um grande número de estudantes matriculado neste curso de extensão.

6 MÉTODO

Nesta seção serão expostos os procedimentos metodológicos que foram utilizados para que os objetivos do trabalho fossem alcançados. Através deste procedimento, obtiveram-se informações a respeito da percepção dos estudantes estrangeiros da UFRGS com relação ao intercâmbio realizado na universidade, além da contribuição do mesmo para suas vidas pessoais e profissionais.

A coleta de dados se deu, primeiramente, através da aplicação de entrevistas em profundidade, conduzidas com base em um roteiro de perguntas semi estruturado. Nesta fase o trabalho tem uma abordagem qualitativa, que é o processo de reflexão e análise da realidade através da utilização de métodos e técnicas para compreensão detalhada do objeto de estudo em seu contexto histórico (OLIVEIRA, 2011). A pesquisa teve caráter exploratório, a qual tem o objetivo de proporcionar maior familiaridade com o problema, a fim de torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses (GIL, 2007).

Esse tipo de pesquisa foi escolhido por proporcionar melhor visão e compreensão do contexto do problema, buscando situar o pesquisador a respeito do assunto através do relato de pessoas que tiveram uma experiência prática com o problema pesquisado. A pesquisa qualitativa aplicada ao estudo teve uma abordagem direta, sendo o objetivo do projeto revelado aos respondentes. Foram entrevistados estudantes em quantidade necessária seguindo critérios de saturação, ou seja, até o momento em que o incremento de novos dados não conduza a um aumento significativo de informações.

As entrevistas foram gravadas e transcritas, a fim de facilitar a análise do pesquisador, havendo um melhor aproveitamento dos dados coletados. As transcrições dos trechos das entrevistas sofreram pequenos ajustes de correções ortográficas de modo a facilitar o entendimento do leitor. Devido a muitos dos entrevistados não comunicarem-se com perfeição em Português, os ajustes foram efetuados sem qualquer alteração do significado da frase. Além disto, algumas entrevistas foram realizadas na língua inglesa e traduzidas pelo pesquisador, sempre mantendo seu sentido original.

O critério utilizado para a seleção dos entrevistados foi a necessidade deste ser estrangeiro, ou seja, que não possua nacionalidade brasileira, além de estar matriculado ou já ter frequentado algum curso de graduação oferecido pela UFRGS. Estudantes de pós-graduação, mestrado e doutorado não foram aceitos, limitando a pesquisa aos estudantes da graduação, a fim de focar os estudos neste perfil de aluno.

No decorrer da coleta de dados, optou-se por classificar a amostra em dois grupos, segmentando os estudantes de acordo com o programa de intercâmbio realizado:

a) Estudantes do PEC-G, programa já mencionado anteriormente, na qual os alunos realizam toda a graduação no Brasil e conquistam o diploma da UFRGS;

b) Estudantes estrangeiros em mobilidade acadêmica na UFRGS em parceria com a universidade de seu país de origem, com duração máxima de quatro semestres.

Diferente dos alunos do PEC-G, o segundo grupo são diplomados pela Universidade do seu país de origem, e as matérias cursadas na UFRGS são convertidas em créditos de acordo com os critérios estabelecidos pelas suas instituições de ensino. Embora este tipo de estudante se enquadre em diversos tipos diferentes de mobilidade acadêmica, eles possuem perfis e objetivos similares, além de receberem um atendimento comparável por parte da RELINTER. Desta forma, podem ser analisados sob as mesmas perspectivas.

O grupo foi segmentado desta forma justamente por haver diferenças entre perfis, objetivos, comportamentos, etc. entre os dois grupos, não cabendo uma comparação sob um mesmo ponto de vista a ambos. Além disso, a RELINTER não é responsável pelo atendimento aos estudantes do Programa PEC-G, por isto a avaliação da mesma foi realizada apenas pelos estudantes em mobilidade acadêmica. No decorrer da pesquisa, serão descritos como os aspectos analisados contribuíram para cada grupo, apontando as diferenças na experiência de cada um deles – caso esta diferença tenha sido considerável. Caso não seja necessário diferenciar os estudantes, os mesmos serão avaliados em conjunto.

No total, foram realizadas 10 entrevistas, sendo três com participantes do PEC-G e seis com estudantes em mobilidade acadêmica na universidade. As entrevistas ocorreram no período de março a junho de 2014, e o tempo médio de duração foi de uma hora no primeiro grupo, e de 30min para o segundo grupo de entrevistados. Esta diferença se deu principalmente por um maior conhecimento sobre a UFRGS e mais experiências pessoais vivenciadas parte dos estudantes do programa PEC-G, o que implica em uma maior quantidade de informações a ser compartilhada em comparação com estudantes que passaram somente um ou dois semestres na UFRGS – como é o caso dos estudantes em mobilidade acadêmica.

O perfil dos entrevistados pode ser visualizado na tabela a seguir, onde se encontram informações como o nome de cada estudante, o curso realizado na UFRGS, idade, país de origem, tempo de permanência na Universidade e o ano de ingresso, e o programa ao qual pertence.

Tabela 1 - Perfil dos entrevistados

Nome	Curso na UFRGS	Idade	País	Tempo/Ano	Programa
Tito	Administração	25	Guiné Bissau	6 anos (2008 -13)	PEC-G
Pablo	Engenharia de Produção	25	Equador	6 anos (2009-14)	PEC-G
Ângelo	Relações Públicas	29	Guiné Bissau	6 anos (2008-14)	PEC-G
Jonathan	Administração	27	Estados Unidos	6 meses (2009)	Mobilidade
Sebastián	Relações Internacionais	24	Colômbia	1 ano (2011-2012)	Mobilidade
Manon	Letras	24	China	8 meses (2013-14)	Mobilidade
Estela	Artes Visuais	22	Espanha	Desde Fev/2014	Mobilidade
Eugènie	Administração	23	França	Desde Fev/2014	Mobilidade
Didier	Administração	24	Colômbia	Desde Fev/2014	Mobilidade
Aldo	Administração	23	México	Desde Fev/2014	Mobilidade

Conforme indicado acima, os entrevistados de ambos os grupos estão na faixa etária de 20 a 30 anos, predominando estudantes com até 25 anos de idade. No caso dos alunos do Programa PEC-G, indica que eles iniciam a graduação com pouco mais de 20 anos, idade em que a maioria dos estudantes do Brasil ingressam no ensino superior. Quanto aos alunos de mobilidade acadêmica, evidencia que é mais comum que os estudantes prefiram realizar um intercâmbio em nível de graduação na faixa dos vinte e poucos anos de idade, provavelmente por estarem no início de suas carreiras profissionais.

Os entrevistados do Programa PEC-G são naturais de Guiné Bissau e Equador, optando-se por limitar a pesquisa a um país de dois continentes diferentes. Desta forma, foi possível analisar se o país de origem dos estudantes influencia ou existe disparidade nos aspectos observados na pesquisa. Lembrando que a abrangência do programa se dá para a maioria dos países da América Latina, África e Ásia, por serem continentes em desenvolvimento. Os estudantes foram selecionados de acordo com afinidade pessoal do pesquisador ou através de indicações, e todos aceitaram prontamente quando feito o convite.

No caso dos alunos de mobilidade acadêmica, os países de origem foram bastante variados, incluindo os continentes Norte americano, Latino americano, Europeu, e Asiático. Procurou-se variar os países a fim de identificar se existem diferenças na experiência dos estudantes de uma forma geral de acordo com o país de origem, e também no atendimento prestado pela RELINTER. Este grupo também foi selecionado a partir de contatos pessoais do pesquisador ou através de indicações, e todos aceitaram o convite prontamente.

A predominância de estudantes no curso de Administração se deu pela proximidade do pesquisador e de sua rede de contatos com o curso. Apesar disto, constatou-se que este fato não prejudica os resultados da pesquisa, pois a RELINTER não faz qualquer distinção de atendimento ao estudante por cursos.

No caso dos estudantes de mobilidade acadêmica, foram selecionados estudantes que iniciaram os estudos entre os anos de 2008 a 2014, a fim de perceber se houve alguma disparidade na experiência de acordo com a data de realização do intercâmbio. Optou-se por separar em dois grupos para realizar um comparativo e uma evolução no atendimento da RELINTER ao longo dos anos até o momento presente. Quanto aos estudantes do Programa PEC-G, foram selecionados estudantes que já terminaram sua graduação, uma vez que têm seis anos de experiência na UFRGS, e assim poderiam contribuir com mais informações. O tempo de permanência na UFRGS dos estudantes de mobilidade variou de seis meses a um ano.

Após a realização das entrevistas em profundidade, foi iniciada a etapa quantitativa, a qual tem seu foco na objetividade, e busca tirar um retrato real da população que está sendo analisada (geralmente amostras de grande quantidade), uma vez que seus dados podem ser quantificados (FONSECA, 2002). Conforme o autor, “A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente” (FONSECA, 2002, p. 20). O método qualitativo teve como objeto, portanto, complementar e reafirmar as informações coletadas na primeira etapa de análises.

Neste estudo, optou-se por aprofundar a pesquisa apenas com grupo dos estudantes em mobilidade acadêmica, pois esta amostra tem condições de avaliar também o serviço prestado pela RELINTER, um dos objetivos deste estudo. O questionário incluiu 24 questões, as quais se fundamentaram na revisão teórica e nos dados obtidos na etapa qualitativa. O questionário foi encaminhado através das ferramentas de e-mail e Facebook, devido à sua acessibilidade e facilidade de comunicação, e a internet ser atualmente um dos principais meios de comunicação. Foram aplicados no período de junho de 2014, e respondidos por 73 estudantes estrangeiros que realizaram sua mobilidade acadêmica na UFRGS.

Os roteiros das etapas qualitativa e quantitativa foram elaborados de forma que a pergunta inicial proposta neste estudo seja respondida. Os instrumentos de coleta utilizados neste trabalho se encontram, respectivamente, nos ANEXOS A e B.

7 RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentados os resultados obtidos através da coleta de dados descrita anteriormente. A análise dos dados coletados ocorreu em dois momentos: análise das entrevistas em profundidade, realizada com os alunos do Programa PEC-G e dos estudantes de mobilidade acadêmica; e análise da pesquisa quantitativa, a qual foi aplicada apenas com os estudantes de mobilidade acadêmica, uma vez que o tempo e recurso disponível poderia contemplar apenas um dos grupos de estudantes. A escolha pelos estudantes em mobilidade acadêmica ocorreu em função de estarem aptos a avaliar também o apoio prestado pela RELINTER, uma vez que os alunos do PEC-G não são de responsabilidade da Secretaria.

7.1 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

As entrevistas em profundidade foram analisadas por meio do compilado das respostas, seguido pela sua leitura e correlação. As informações serão organizadas de acordo com os tópicos e assuntos trazidos pelos entrevistados durante seus relatos. Serão exploradas as verbalizações e percepções dos intercambistas e do pesquisador, proporcionando insights sobre a experiência destes estudantes em Porto Alegre e na UFRGS.

7.1.1 A escolha pela UFRGS

A seguir será feita uma análise dos motivos que levaram os estudantes estrangeiros a optar pela UFRGS para realizar o seu intercâmbio. As razões mais citadas pelos entrevistados, bem como a explicação de sua relevância para o processo de tomada de decisão serão detalhados a seguir. Neste quesito, não houve a necessidade de segmentar os dois grupos, uma vez que as variáveis que os estudantes levam em consideração se mostraram as mesmas, independente se for participante do PEC-G ou de Mobilidade Acadêmica, pois ambos estão preocupados da mesma forma com a qualidade do ensino da Universidade, e a cidade em que ela está situada – fatores que apareceram nas respostas.

Tabela 2- Motivos da escolha pela UFRGS

Escolha pela UFRGS	Exemplo	Respostas
Qualidade do Ensino	"Eu queria aprender português, e quando fui olhar na internet as opções que eu tinha, a UFRGS foi a melhor opção, é melhor nível acadêmico",	6/11
Porto Alegre e suas atribuições	"Tinha muitos amigos brasileiros que diziam que Porto Alegre era uma cidade boa de morar".	7/11
Indicação de amigos	"E Rio Grande do Sul, por influência de amigos que eu tinha lá e conhecia".	4/11
Acaso	"Mas na real não se sabe nada da UFRGS. Só o que tu vê nos Rankings, porque se tu vai estudar fora só o que tu vê é os rankings".	6/11

A) Qualidade do Ensino (6/11)

Muitos estudantes afirmaram terem escolhido a UFRGS por ela estar entre as faculdades mais conceituadas do Brasil e da América Latina. Na maioria dos casos, os entrevistados desconheciam a cidade de Porto Alegre e a UFRGS, mas passaram a se interessar por causa da indicação de amigos, ou por fazer parte da lista de universidades conveniadas com o programa de mobilidade ou o PEC-G. Uma vez que pesquisaram sobre a UFRGS, muitos se surpreenderam e a colocaram como primeira opção.

[...] Escolhi a UFRGS porque é uma das melhores conceituadas, por isso. A faculdade é boa. Na real eu tava até interessado em outras que faziam parte do programa, tipo Paraná e Curitiba, mas a UFRGS tem nome. [Pablo]

[...] Eu queria vir para América do Sul, estava me candidatando para universidades do Chile e Argentina também. Conheci porque minha faculdade tinha convênio com a UFRGS, eu não conhecia Porto Alegre, nada. Depois fiquei sabendo que a UFRGS tem muitas assinaturas de gravura e cerâmica, que é o que eu gosto, então por isso minha primeira opção foi aqui. [Estela]

A qualidade do ensino não está somente atrelada aos professores e infraestrutura proporcionada, mas também relacionada ao ambiente multicultural que a universidade proporciona. Green, Eckel e Barblan (2002) afirmam que a consequência da globalização é o processo de Internacionalização das instituições, e afirma que esta é uma das maneiras de se tornarem mais competitivas e atrativas a estudantes mais qualificados que buscam se desenvolvem em um ambiente internacional.

B) Porto Alegre e suas atribuições (7/11)

A escolha da universidade é bastante associada à cidade em que ela está situada. Por diversos motivos, os estudantes afirmaram terem escolhido a UFRGS por ela estar em Porto Alegre, uma cidade relativamente pequena e, conseqüente, maior facilidade e qualidade de vida e segurança. Além disso, foram citados outros aspectos, como menos estrangeiros morando aqui (forçando-os a praticar mais o português), ou por acharem que se adaptariam melhor ao clima, que é mais ameno do que em outras regi do Brasil.

Embora alguns estudantes não tenham optado por Porto Alegre no início, em função de desconhecerem a cidade, hoje afirmam que não se arrependem de sua escolha, e acreditam estarem mais felizes do que estariam em cidades maiores como São Paulo, por exemplo.

[...] Outra coisa que me fez decidir foi a qualidade de vida. Eu não gostaria de fazer uma faculdade em São Paulo. E Rio de Janeiro com certeza eu não teria me formado, muita festa (risos). Agora aqui é bom, não é muito perigoso em comparação com o que a gente está acostumado. [Pablo]

[...] E também eu não queria viver em cidades maiores como Rio ou São Paulo. [Aldo]

[...] Na verdade Porto Alegre foi minha terceira opção, porque não é uma cidade conhecida. Mas hoje estou mais feliz de ter ficado aqui, porque é uma cidade menor, estou achando muito agradável. [Eugènie]

Desta forma, percebe-se que a cidade em que a universidade está situada tem grande influência sobre a escolha dos estudantes de intercâmbio. O estilo de vida do intercambista e o que ele busca vivenciar no momento vai definir a cidade que ele deseja morar – desde que esteja alinhada com as suas expectativas de estudo também.

C) Indicação de Amigos (4/11)

Alguns entrevistados afirmaram que sua escolha se baseou na indicação de amigos que já haviam estudado na Universidade, e que tinham gostado bastante da experiência. Em um dos casos, a escolha se deu pela cultura gaúcha, que ganhou a preferência de um estudante porque um amigo informou ser parecida com a Européia. Apesar de ser Africano, ele já havia morado na Europa e achou que se adaptaria melhor, também pelo clima do sul não ser tão quente.

[...]Porque semestre passado, uma amiga estudou ali. Ela falou muito bem da UFRGS. por isso eu estou aqui, e também porque fica entre as melhores universidades do Brasil. [Didier]

Desta forma, percebe-se como é importante que a experiência do estudante estrangeiro seja agradável, pois certamente indicarão a Universidade para os amigos – e também

desencorajarão outros, caso a experiência não tenha sido boa. Além disso, disseminar o clima, cultura e tradições gaúchas é fundamental para que os estudantes possam ter uma escolha mais embasada e estejam preparados para adaptar-se aos costumes locais.

D) Acaso (6/11)

É importante salientar que a maioria dos entrevistados afirmou que não conheciam Porto Alegre nem a UFRGS até receberem uma indicação, ou perceber que estava entre as universidades conveniadas com a sua. Eles tinham outras opções de mobilidade e muitas vezes acabavam preferindo ir para São Paulo, por exemplo, apenas pelo fato de ser uma cidade mais conhecida que a capital gaúcha. Porém, após pesquisarem mais sobre o Rio Grande do Sul, Porto Alegre e a própria UFRGS, foi unânime o interesse dos estrangeiros em morar aqui.

[...] E Rio Grande do Sul por influência de amigos que eu tinha lá e conhecia. Que recomendou que região sul seria muito melhor que região Norte. Não explicou muito bem porque, mas eles falaram que aqui seria muito melhor. Daí escolhi Rio Grande do Sul, mas não conhecia a UFRGS, não sabia que era a UFRGS. [Tito]

[...] Eu queria vir para América do Sul, estava me candidatando para universidades do Chile e Argentina também. Conheci porque minha faculdade tinha convênio com a UFRGS, eu não conhecia Porto Alegre, nada. Depois fiquei sabendo que a UFRGS tem muitas assinaturas de gravura e cerâmica, que é o que eu gosto então por isso minha primeira opção foi aqui. [Éstela]

[...] Eu podia escolher entre USP, Ribeirão Preto e Porto Alegre. E na verdade Porto Alegre foi minha terceira opção, porque não é uma cidade conhecida. Conhecia São Paulo, então queria ir pra lá. Mas hoje estou mais feliz de ter ficado aqui, porque é uma cidade menor, estou achando muito agradável. Escolhi mais Brasil que Porto Alegre, mas agora que estou aqui está melhor. [Eugênie]

Pode-se perceber que muitos afirmaram que após vivenciar a cidade por um tempo, ficaram muito satisfeitos com a decisão tomada. Acreditam que hoje estão mais felizes morando em Porto Alegre do que estariam em cidades que era sua primeira opção para realizar o intercâmbio.

Isto pode ser visto como uma oportunidade para o nosso estado e para a UFRGS, no sentido de investir mais em divulgação sobre o sul do Brasil para os estrangeiros. Informações como a cultura, história, clima, e tradições gaúchas, por exemplo, poderiam ser melhor exploradas em sites internacionais a fim de despertar o interesse de estudantes e profissionais de países do mundo inteiro. Parcerias entre o estado e as Universidades poderiam ser criadas, a fim de associar a cultura às possibilidades de desenvolvimento e capacitação na cidade. Conforme Green, Eckel e Barblan (2002), a evolução da globalização faz que a

internacionalização do ensino superior seja uma consequência natural deste processo, e programas específicos realizados por governos são fundamentais para que sistemas acadêmicos e instituições lidem com este novo ambiente.

Associado a um dos objetivos da RELINTER, que é consolidar o nome UFRGS no exterior, trabalhar a fim de tornar mais visível para estudantes de universidades estrangeiras o fato de a UFRGS estar listada entre as melhores universidades da América Latina. Estas medidas talvez resultassem em mais estudantes estrangeiros interessados em morar em Porto Alegre, trazendo benefícios para a comunidade local de uma forma geral.

Como benefício direto, poderíamos apontar o desenvolvimento cada vez maior das universidades rumo ao processo de internacionalização, de modo a forçá-las a aperfeiçoar seus processos, estratégias e diretrizes. Quiang (2002) afirma que as instituições de ensino superior não poderão mais ser vistas apenas pelas perspectivas do contexto nacional, precisando incorporar em seu planejamento a dimensão internacional a fim de tornarem-se competitivas e desenvolverem a sociedade em que estão inseridas.

Docentes e alunos também seriam diretamente beneficiados, pois estariam inseridos em um ambiente multicultural. Conforme Miura (2006), a interação com pesquisadores estrangeiros, e a troca de conhecimento gerada traz um desenvolvimento considerável aos envolvidos na universidade. Além disto, os entrevistados afirmaram que os seus colegas brasileiros ficam muito curiosos ao perceber que existem estudantes de outros países na mesma classe. Eles acabam se interessando mais pelo país do intercambista, questionam sobre oportunidades, e ficam motivados a realizar um intercâmbio e ter uma experiência parecida com o colega da classe ao lado.

7.1.2 Relação com professores e estudantes brasileiros

Neste tópico serão apresentados o que os estrangeiros sentiram com relação a sua experiência com os professores da UFRGS e também com seus colegas brasileiros. Os entrevistados relataram suas expectativas iniciais, qual a impressão que tinham antes de iniciar a frequentar as aulas, como seu deu a convivência, de que forma foram tratados pelos profissionais e seus colegas de curso, e qual o nível de interação com eles.

A) Professores

Foi questionado aos entrevistados como era a sua relação com os professores de seu curso, e as respostas foram predominantemente positivas em ambos os grupos de entrevistados. A maioria afirma que eles realmente se preocupam com o estudante estrangeiro, e mostraram estar preparados para lidar com estes estudantes “especiais” em sala de aula. Cabe salientar que a relação com os professores parece ser mais intensa com os alunos do Programa PEC-G, provavelmente por criarem uma relação de longo prazo com estes estudantes, trazendo sua interação para um lado mais pessoal.

[...] Fantástica, e nessa parte eu não tenho queixa. Hoje em dia eu posso dizer ‘Graças a Deus’. Fui abençoado por Deus por ter tido esses professores. Orientação profissional, preocupados, perguntam se eu estava entendendo bem. Tu percebe que o professor se preocupa, e isso me ajudou bastante. Só posso dizer obrigado a eles. [Ângelo]

[...] Com os professores, a relação é muito boa. A maioria, em geral. Os professores brasileiros são muito abertos, até pela própria cultura, vocês são mais de falar. Por eles terem feito pós graduação, muitos deles moraram fora, então eles têm essa solidariedade, tem esse interesse. Às vezes se aproximam e perguntam: ‘olha, eu sei que tu é estrangeiro, não entende bem português, tu está entendendo?’ Ótimo. Se disponibilizam qualquer horário pra te atender, sem problema. [Pablo]

[...] É boa, mas eu não falo muito com eles. No início eles sempre perguntaram se a gente entendeu tudo, mas agora não tem tanta interação. [Eugènie]

Os professores foram bastante elogiados também pelos alunos de mobilidade acadêmica, porém acreditam que a qualidade do curso depende muito do professor, e acharam que alguns não têm uma boa metodologia para ensino das aulas, e poderiam melhorar em certos aspectos, principalmente no que diz respeito à maior interação com os estudantes estrangeiros. Vale lembrar que isto não cabe a todos os professores, ficando claro que o comportamento é bem variado entre eles.

[...] Tenho professores muitos bons, muito atentos, estão sempre ajudando. Mas tem outros que dão a aula, não dizem nada pra ti, tu tem que ir procurando as coisas, sempre buscando e perguntando para eles. [Estela]

[...] Porque a qualidade do curso depende dos professores, mais que do curso. Alguns não têm suficiente experiência de ensinar as aulas. [Manon]

Embora a maioria dos professores parece estar bem preparada sobre como lidar com estes estudantes, percebe-se que ainda existem casos em que a atenção com os estrangeiros poderia ter sido melhor. Uma vez que a interação com eles foi considerada importante, e frente ao crescimento do número de estudantes estrangeiros a cada ano, este aspecto poderia ser melhor trabalhado com estes profissionais.

B) Estudantes Brasileiros

Com relação aos colegas brasileiros, em ambos os grupos de estudantes, muitos afirmaram não ter uma interação significativa, mas sempre que pediram ajuda os estudantes foram solícitos. Consideram os gaúchos muito fechados e não tão receptivos, ao mesmo tempo em que entendem que muitos colegas trabalham durante o dia e estudam à noite, tendo menos tempo para se relacionar. Compreendem também que os brasileiros já têm seus grupos de amigos formados, e que é normal se interessarem menos em interagir com os estrangeiros – como em qualquer cultura.

[...] Com alunos não tenho tanta relação. Eu acho que é porque os cursos que estou, as pessoas estão indo para estudar e não para viver, bem, pelo menos é assim no México, as pessoas que já trabalham têm diferentes maneiras de se comportar em relação aos estudantes primeiros semestres. [Aldo]

[...] Mesmo que com os professores: muita ajuda com meus trabalhos e estudando, ajuda com a língua e gramática também. [Jonathan]

[...] Até agora tudo bem, mas eu não conheço muito bem eles. Mas eles têm muito mais trabalho que eu, eles têm um grupo de amigos, tem que trabalhar de dia e estudar de noite. Nunca teve problema, no início eles estavam muito curiosos, mas eu vejo eles duas vezes por semana, tem a aula e depois não tem muita interação. Eu entendo porque na França eu também não tinha muitos amigos estrangeiros, a gente acaba encontrando quem está na mesma situação que a gente. [Eugénie]

Desta forma, os intercambistas acabam formando grupos e interagindo mais com outros estrangeiros, o que acaba comprometendo o seu processo de desenvolvimento durante o período do intercâmbio. Existe ainda uma segmentação dentro dos grupos de estrangeiros, pois os estudantes acabam se relacionando com estudantes do mesmo tipo de programa que eles. Esta questão poderia ser mais explorada, o que não foi o ponto de estudo deste trabalho, mas acredita-se que isto ocorra por fatores óbvios de afinidade, tanto com relação ao país de origem quanto por estarem no mesmo tipo de programa e compartilharem dos mesmos anseios.

Voltando a interação com brasileiros, conhecer menos sobre a cultura e o estilo de vida dos estudantes locais, e demorar mais tempo para aprender a língua foram alguns dos pontos identificados que comprometem o processo de desenvolvimento. Os estudantes brasileiros também perdem com isto, pois poderiam estar trocando experiências e aproveitando essas interações ricas em conhecimento. Um dos estudantes mencionou ainda que quando existe um trabalho a ser feito, fica clara a preferência dos estudantes locais formarem grupos entre si.

[...] Os alunos são fantásticos. Mas quando tem um trabalho pra fazer as pessoas pensam: ‘tem um estrangeiro, por que eu vou fazer trabalho com ele se vai ser mais difícil. [Angelo]

Percebeu-se, portanto, que os estudantes brasileiros estão menos preparados que os professores para o processo de internacionalização da UFRGS. Muitos estrangeiros têm a impressão de que somos um povo muito aberto e acolhedor, e chegam ao país com uma expectativa alta de integração com locais. Apesar de haver um distanciamento normal entre estudantes locais e estrangeiros devido ao abismo cultural, afinidade, estilo e momento de vida, também existem muitas coisas em comum entre eles, mas a segregação ocorre da mesma forma.

7.1.3 Contribuição do intercâmbio para a vida pessoal e profissional

Um dos objetivos deste estudo é identificar quais foram as principais contribuições que a mobilidade acadêmica trouxe para a vida pessoal e profissional dos estudantes. Acredita-se que instigar o aluno a fazer uma reflexão do que foi vivenciado até o momento os faz perceber o quanto se desenvolveram com esta experiência, além de ajudá-los a identificar como tirar um melhor proveito do tempo que ainda têm no país destino. No caso dos estudantes que já concluíram o intercâmbio, este exercício é válido para que percebam de que forma a experiência vivenciada no Brasil contribuiu para seu momento de vida atual, tanto pessoal quanto profissional – e avaliar se a realização de outro intercâmbio pode ser válida.

Neste tópico, percebeu-se uma grande diferença com relação a experiência dos estudantes do Programa PEC-G para os estudantes de mobilidade acadêmica, tanto na contribuição para a vida pessoal quanto na profissional, por vários aspectos que serão evidenciados a seguir, a partir dos relatos dos entrevistados.

A) Vida Pessoal

Os entrevistados foram questionados sobre qual a contribuição do intercâmbio para a sua vida pessoal, e todos os estudantes, independente do programa na UFRGS, afirmaram ter sido uma experiência muito positiva.

Foram citados por ambos os grupos da amostra aspectos como conhecer um país novo e sua cultura, que em muitos casos é muito distante e contrastante com a sua. Isto envolve interagir com pessoas diferentes das que estão habituados, implicando em desenvolvimento de maiores habilidades sociais e comunicativas, ou seja, sair da zona de conforto de seus amigos e familiares, onde as pessoas já os conhecem e não é mais preciso esforçar-se para serem

socialmente aceitos. Os intercambistas afirmam que este exercício abre horizontes, e que ficaram mais atentos às interações sociais que os cercam diariamente.

O amadurecimento e o crescimento pessoal também foram mencionados, principalmente por ter que lidar com situações difíceis: saudade da família e amigos, tomar conta de si mesmo em um lugar estranho, aprender a superar dificuldades sozinho, ser independente. Sair de sua zona de conforto fez com que alguns estudantes criassem resoluções a serem cumpridas ao voltar a seu país, como estar mais aberto a conversar com pessoas diferentes, viajar e aproveitar mais a vida de um modo geral.

[...] Abrir o horizonte, conhecer um país bem longe do meu. [Manon]

[...] Descobrir uma cultura totalmente diferente da França. Acho que estou mais aberta também. Quando eu voltar para a França vou me forçar a conhecer mais pessoas, porque aqui eu cheguei e não conhecia ninguém e consegui fazer muitos amigos. Vou tentar viajar e aproveitar mais, porque aqui eu viajei bastante e vi que é muito bom. [Eugènie]

[...] O aprendizado não é só dentro da sala de aula. Embora seja doloroso ficar longe da família, interação também faz parte do aprendizado. [Ângelo]

Em outros casos, os estudantes precisavam de um tempo de sua rotina no país de origem, e aproveitaram o intercâmbio para ter mais liberdade para pensar no que desejavam fazer nos próximos anos de suas vidas. A experiência muitas vezes é um divisor de água na vida das pessoas, pois muito do que é vivido em outro País define o próximo passo a ser tomado. Esta se torna uma alternativa para vivenciar experiências novas (como aprender uma nova língua ou fazer um curso que não existe em seu país), enquanto vive um momento mais calmo e pensa nas próximas decisões a serem tomadas.

[...] Quando eu fiz intercâmbio eu estava com a cabeça meio cheia da faculdade, então eu queria um ano que eu continuasse fazendo faculdade, mas mais de leve. E foi uma coisa bacana. [Sebastián]

Interessante destacar que os estudantes do PEC-G e de mobilidade acadêmica citaram os mesmos motivos pelos quais se desenvolveram, as mesmas dificuldades encontradas em um país estranho, e a contribuição da experiência para suas vidas pessoais foram baseadas em aspectos semelhantes. A grande diferença é que para os estudantes do PEC-G, estes aspectos se mostraram estar potencializados em relação aos estudantes de mobilidade acadêmica, por alguns motivos percebidos pelo pesquisador durante as entrevistas.

Primeiramente, pelo tempo de permanência no país, pois enquanto os estudantes de mobilidade acadêmica passam no máximo quatro semestres (o que é raro – a grande maioria fica apenas um semestre), os estudantes do Programa PEC-G ficam entre cinco e seis anos no Brasil. Como a maioria deles não têm condições financeiras de voltar para o seu país de origem durante a graduação, a saudade da família é maior, são mais momentos de solidão,

mais angústia por saber que tão cedo não voltarão para casa. Além disto, viver em uma cultura diferente da sua a longo prazo exige adaptações maiores, enfrentando mais situações do dia-a-dia relatadas acima.

O segundo motivo é justamente a questão financeira: como os estudantes do PEC-G são provenientes de países em desenvolvimento, muitos deles têm uma condição mais desfavorecida que os estudantes de mobilidade acadêmica. Isto implica em uma vida mais limitada e regrada tanto em qualidade de vida, como na dedicação aos estudos, pois os estudantes que recebem bolsas do governo perdem o benefício se rodarem mais de duas vezes na mesma matéria. Saber gerenciar seus recursos de uma forma inteligente e com mais responsabilidade, também os leva a um crescimento e amadurecimento maior.

Independente do programa que fazem parte, conclui-se que o intercâmbio é uma experiência muito válida na vida pessoal de jovens intercambistas. Mestenhauser (1998) demonstrou que a educação internacional desenvolve habilidades cognitivas, como conhecer mais sobre si mesmo, compreender outros estilos de aprendizagem, reconhecer lacunas de aprendizagem, entre outros.

Além disso, Altbach (2006) ressalta que estudos no exterior permitem que estudantes aprendam sobre novas culturas, formando indivíduos mais humanizados. As pessoas passam a trocar informações e conhecimento, se comunicam melhor, e tornam-se mais sensíveis à existência do próximo. Isto implica em serem humanos mais generosos, com mais compaixão e com mais prazer em praticar boas ações – pequenos atos que melhoram o bem estar de uma civilização.

B) Vida Profissional

A contribuição do intercâmbio para a vida profissional dos estudantes foi onde foram encontradas as maiores diferenças entre os dois grupos entrevistados. Para os estrangeiros em mobilidade acadêmica, o fato de aprender o português ganhou destaque nas respostas, sendo mencionado por todos os intercambistas. Estudantes da América Latina enfatizaram que a relação de seus países com o Brasil é muito próxima, e será um diferencial saber a língua na busca por emprego, principalmente em organizações que mantenham negócios com o Brasil. Já os entrevistados de outros países sabem que o Brasil é um país em ascensão, por isso muitos acreditam que aprender português será importante no futuro, e também será um diferencial pelo fato de não existir muitas pessoas que falem a língua.

[...] O Português. Eu vou tentar continuar praticando, acho que isso vai contribuir bastante para a minha vida profissional porque não tem muitas pessoas que falam português, tem mais pessoas que falam espanhol. Então no meu currículo pode ser um diferencial. [Eugènie]

[...] Profissional, muito porque quando eu voltar pra Colômbia posso conseguir um melhor trabalho. Porque já falaria português, o salário ficará melhor. Nem todo mundo tem minha oportunidade de ter esta experiência. Tem muita empresa Brasília na Colômbia, eu gostaria trabalhar com elas na Colômbia. [Didier]

Alguns estudantes foram além do Português. A estudante Espanhola acredita que hoje no Brasil existem muito mais oportunidades para jovens iniciarem sua carreira do que no seu país. Ela pretende ter uma experiência além de estudante, e acredita que o trabalho que desenvolver no Brasil ajudará a minimizar os impactos da crise na Espanha com relação a busca de emprego. Por outro lado, um dos estudantes colombianos afirmou que a mobilidade acadêmica foi um divisor de águas na sua vida profissional. Após finalizar o intercâmbio, terminou a graduação na Colômbia e hoje faz mestrado em uma universidade de Brasília, na área que estudou na UFRGS – a qual é diferente da que estudava em seu país de origem. Por fim, o estudante americano que teve a oportunidade de participar da empresa júnior do curso de Administração de empresas da UFRGS (PS Júnior), afirma que a experiência fez diferença quando aplicou para trabalhar em empresas nos Estados Unidos. Isto significa que experiências como esta são um diferencial para os estrangeiros inclusive de países mais desenvolvidos que o Brasil, podendo ser exploradas no sentido de a Universidade incentivar os estudantes estrangeiros a participar de atividades extraclasse.

[...] Olhar as coisas que fazem fora. Acho que Porto Alegre é uma boa cidade porque tem sempre muitas coisas acontecendo, como exposições, teatro, cine... Acho que tem muitas coisas que o Estado promove para dar oportunidades aos jovens. Muitas possibilidades para pessoas jovens de iniciar o trabalho, que na Espanha agora não tem. E aqui é possível trabalhar com curadoria ou em qualquer museu, na Espanha está complicado. Um amigo meu que está estudando em canoas procurou trabalho e dois dias depois estava empregado. [Estela]

[...] Foi meio que um encontro profissional também o intercâmbio. Eu comecei o mestrado agora muito por causa do que eu aprendi na graduação na UFRGS. [Sebastián]

[...] Eu fiz um estagio na PS Junior que foi bom para minha carreira nos EUA. [Jonathan]

Desta forma, pode-se perceber que exceto alguns casos, a maioria dos estudantes em mobilidade acadêmica percebe apenas o português como contribuição para sua vida profissional, porque eles normalmente vêm mais pela experiência de conhecer um país novo. Esta situação é bem diferente para os estudantes do Programa PEC-G, onde a experiência tem um impacto muito maior em suas vidas profissionais. Em muitos casos estes estudantes não teriam acesso ao nível de qualificação educacional e aos projetos de iniciação científica

existentes nas universidades brasileiras, nem a estágios em empresas que existem no Brasil e não existem comparáveis em seu país de origem.

Os dois alunos entrevistados da Guiné Bissau, por exemplo, se formaram na graduação e afirmam que a contribuição da experiência no Brasil foi nada menos que o diploma, ou seja, toda base para o início de sua carreira profissional. Reconhecem que estão em um nível de conhecimento muito avançado graças a sua participação no Programa PEC-G. Atualmente, estão cursando mestrado e pós-graduação na UFRGS através do mesmo programa, e optaram por dar continuidade a seus estudos na universidade brasileira, pois consideram o ensino daqui de melhor qualidade.

[...] Formação, diploma. A experiência que eu tive, por exemplo, o curso, agora eu to estudando outra área. Isso é uma experiência muito fantástica, agregar todos esses conhecimentos. Vai me permitir ter uma visão muito ampla, e me permitir ter uma análise diversificada do problema. [Ângelo]

[...] Profissional, o diploma. Me deu mais oportunidade, hoje eu posso fazer muita coisa que eu não poderia fazer. O nível cultural que eu to hoje que eu... Sem essa oportunidade talvez não teria como. [Tito]

O estudante do Equador mencionou a iniciação científica como um diferencial do Brasil – sistema que não existe em seu país e que não tinha conhecimento que existisse antes de participar do programa. Além disso, afirma que nunca pensou que teria oportunidade de estagiar em empresas tão conceituadas no Brasil, e sabe que o nome da UFRGS ajudou bastante no processo. Percebe que não poderia ter tido oportunidades assim no Equador, pois sequer existem empresas como a que ele estagiou no seu país.

[...] Essa é uma ótima pergunta. Tu poderia inclusive colocar “pessoal, profissional e acadêmica”. Eu, por exemplo, não sabia que existia uma carreira acadêmica. Tu chega na faculdade e eu fiquei sabendo que existe o tal de iniciação científica. Então tu já começa a receber bolsa de pesquisa, contribui... consegue publicar. Isso no meu país não existe. E duvido que exista em outros países da América latina e da África. (...) Então profissionalmente, pelo nome que tem a UFRGS, tu consegue fazer bons estágios. Eu nunca na minha vida conseguiria imaginar que eu conseguiria ter feito um estágio por exemplo na Falconi. Eu tive um ano e meio. Mas esse um ano e meio foi muita aprendizagem. Agora, no meu país não existe uma empresa que nem a Falconi. Nos outros Países não existem empresas que nem a Ambev, a Gerdau. Não existe esse mercado, nem esse incentivo dos estágios. Então profissionalmente tu dá um pulo. [Pablo]

Estes relatos comprovam a afirmação de Altbach (2006) quando diz que a mobilidade acadêmica proporciona acesso a uma educação que eles não teriam em instituições locais, muitas vezes por não atender à demanda dos jovens. Neste caso, não foi só acesso à educação, mas também a empresas privadas que os estudantes tiveram a oportunidade de estagiar. Além disso, acreditam que o nome da UFRGS facilita bastante na obtenção de bons estágios durante a faculdade.

A partir dos relatos acima, é perceptível a importância que o intercâmbio teve tanto na vida pessoal como na vida profissional destes estudantes. Aprender uma nova língua, conhecer um novo país e ter que lidar com todos os desafios que envolvem estar inserido em uma cultura diferente daquela que por anos foi a sua. Situações simples do dia a dia, como comprar algo no supermercado, podem se transformar em momentos constrangedores e inesperados, e justamente vivenciando estes momentos difíceis é que ocorre um maior crescimento e desenvolvimento pessoal.

Mais do que amadurecer por estar longe da família, em muitos casos o intercâmbio serviu para que os estudantes fugissem de uma rotina que há muito tempo estavam vivendo, buscando um refúgio para organizar suas ideias e decidir que rumo seguir. Cada entrevista resulta em uma história diferente, ou seja, uma vida impactada pelo intercâmbio com resultados distintos, mas sempre positivos. Além de ajudar a desenhar o curso de sua trajetória profissional, o intercâmbio torna as pessoas mais capacitadas, com maiores habilidades interpessoais e, acima de tudo mais humanas.

7.1.4 Questões Raciais

Este tópico foi incluído na pesquisa por haver uma observação importante relacionada às diferenças com relação aos dois grupos. Quando questionado aos entrevistados se já haviam sofrido algum tipo de preconceito no Brasil, as respostas variaram bastante por tipo de programa.

Os estrangeiros em mobilidade acadêmica afirmaram que nunca sofreram qualquer tipo de preconceito, seja na comunidade acadêmica ou fora dela. Embora relataram que seus colegas de classe não interagem muito com eles, em nenhum momento houve menção de exclusão em sala de aula. Inclusive alguns estudantes mencionaram que consideram legal ser intercambista em Porto Alegre, pois como as pessoas não estão acostumadas a conviver com estrangeiros, geralmente se interessam muito por eles. Em festas, já conversaram com muitos brasileiros, que ficam curiosos em saber o que os trazem à capital gaúcha.

Infelizmente a realidade para os estudantes do Programa PEC-G não é a mesma, e eles consideram o Brasil um país muito preconceituoso por natureza. Os entrevistados afirmam que apensar de às vezes sentirem-se excluídos em sala de aula por colegas brasileiros, não sofreram nenhum tipo de preconceito maior dentro ou fora da Universidade, mas relataram experiências de colegas e amigos que não tiveram a mesma sorte.

Afirmam que alguns conterrâneos já sofreram abordagens policiais na rua simplesmente por estarem calçando um tênis de marca. Em outro caso, dois estudantes africanos estavam em um ônibus falando no telefone quando dois policiais entraram no veículo e os algemaram, levando os dois para a delegacia, pois haviam recebido uma ligação anônima acusando-os de alguma infração nunca revelada aos dois. Em um terceiro relato, um amigo Angolano estava caminhando no centro da cidade quando foi abordado por policiais dizendo que uma senhora havia sido assaltada por um “negão”, porém esta nunca confirmou ter sido o estudante. De qualquer maneira, levaram-no algemado para a delegacia.

O estudante equatoriano afirma que também existe bastante preconceito do Brasil com estudantes da América Latina, principalmente com Paraguaios, Bolivianos e Colombianos. Disse que eles e amigos já passaram por momentos constrangedores quando brasileiros perguntaram de que forma estudavam em uma universidade federal, sendo acusados por estarem tirando a vaga de estudantes brasileiros, tanto na universidade como na casa de estudante.

Esta questão foi tratada analisada superficialmente neste estudo por não ser objetivo do mesmo avaliar o preconceito sofrido pelos estudantes estrangeiros no Brasil. Desta forma, não se pode avaliar ao certo se o preconceito ocorre de acordo com a raça, religião, costumes ou até mesmo pelo comportamento do estrangeiro no país. Neste caso percebeu-se apenas que é mais comum estudantes participantes do Programa PEC-G sofrerem preconceitos nas ruas do que estudantes provenientes de mobilidade acadêmica, por razões que não foram aprofundadas.

7.1.5 A RELINTER

Um dos objetivos deste trabalho é investigar como está o atendimento aos estudantes de mobilidade acadêmica prestado pela RELINTER, um dos órgãos mais importantes para o processo de internacionalização da UFRGS. Vale ressaltar que os estudantes do Programa PEC-G não participaram desta parte da pesquisa, uma vez que o órgão responsável pelo Programa é a Pro Reitoria de Graduação (PROGRAD). Apesar disto, muito dos estudantes se sentem “adotados” pela RELINTER, e algumas de suas impressões serão abordadas ao final deste tópico. Desta forma a amostra para esta pesquisa foi reduzida para os sete estudantes de mobilidade acadêmica, conforme o quadro abaixo:

Tabela 3– Perfil dos estudantes

Nome	Curso na UFRGS	Idade	País	Tempo/Ano	Programa
Jonathan	Administração	27	Estados Unidos	6 meses (2009)	Mobilidade
Sebastián	Relações Internacionais	24	Colômbia	1 ano (2011-2012)	Mobilidade
Manon	Letras	24	China	8 meses (2013-14)	Mobilidade
Estela	Artes Visuais	22	Espanha	Desde Fev/2014	Mobilidade
Eugènie	Administração	23	França	Desde Fev/2014	Mobilidade
Didier	Administração	24	Colômbia	Desde Fev/2014	Mobilidade
Aldo	Administração	23	México	Desde Fev/2014	Mobilidade

Através de informações fornecidas pela secretaria, foram elencados alguns dos seus principais serviços de apoio ao estudante estrangeiro, e questionado aos entrevistados qual a experiência deles com relação a este suporte. Muitos citaram a RELINTER em diversos momentos distintos ao longo das entrevistas, podendo-se perceber como é um órgão presente no dia a dia dos estudantes de mobilidade acadêmica. Todas as informações foram compiladas e organizadas de forma a melhor avaliar o desempenho da RELINTER.

Tabela 4 – Serviços RELINTER

Serviços	Exemplo	Respostas Positivas
Contato antes de chegar ao Brasil	"Eu cheguei em fevereiro, mas comecei a receber e-mails e mensagens deles em setembro do ano passado."	5/7
Busca de Acomodação	"Enviaram em setembro ainda uma lista de casas, Hostels, sites como "easyquartos" e dicas sobre os bairros mais próximos da universidade".	4 /7
"Amigo Brasileiro"	"Enviaram uma lista de nome de amigos brasileiros para encontrar brasileiros quando chegássemos no brasil".	4/7
Evento de Integração	"Todo semestre eles fazem uma recepção. E aí é lá no Salão de Atos. Cada um vai, fala seu nome e o país que é e o curso que está fazendo na UFRGS e quando chegou".	6/7
Tutor	"Tive um encontro com uma professora que falava Francês e ela me deu dicas para escolher as disciplinas, o que foi bem bom".	5 /7
Auxílio com Documentação	"Eles me ajudaram com toda a papelada do intercambio" "Marcaram um encontro individual para falar sobre Policia Federal, CPF, cartão TRI."	7 /7

A) Contato antes de chegar ao Brasil (5/7)

O contato da RELINTER com os estudantes antes de chegar ao Brasil, aconteceu com na maioria dos casos, não ocorrendo somente com o estudante que realizou o se intercâmbio no ano de 2008. Os estudantes que receberam este contato prévio afirmaram ter sido muito bom, e chegaram mais preparados para o que iriam encontrar aqui – como a demora em realizar o visto, por exemplo.

Este contato antes da chegada do estudante é muito importante, pois os estrangeiros se sentem mais acolhidos no país, e que são “percebidos” pela universidade. Além disso, chegam preparados para alguns obstáculos particulares do Brasil (como a burocracia que foi citada, por exemplo), evitando frustrações.

Pode-se perceber também que houve uma evolução neste serviço da RELINTER, uma vez que o estudante que iniciou seus estudos em 2008 não recebeu o serviço, porém a partir de 2011 mostra que isto já estava sendo feito.

B) Busca de Acomodação (4/7)

A questão de busca de moradia foi bastante mencionada pelos entrevistados, pois muitos afirmaram ter sido difícil encontrar um lugar para morar em função de não haver muitos apartamentos mobiliados a um custo acessível em Porto Alegre. Além disso, para alugar apartamento através de imobiliárias é necessário um fiador, algo difícil de um estudante estrangeiro conseguir pelo fato de o mesmo não conhecer pessoas no país de destino. A solução que eles encontram é ficar em casa de amigos que já estão estabelecidos aqui, alugar direto com o proprietário ou ficar em quartos de pensionatos, embora achem desconfortável e muito regrado.

Quatro estudantes afirmaram que uma lista com locais, hostel, hotéis e dicas de localizações próximas à UFRGS foi enviada pela RELINTER, mas que na verdade não solucionou o problema. Ela serviu mais para meios de localização na cidade, quando na verdade o que precisam é de um locatário que demande menos burocracias. Outro ponto citado foi o envio de informações sobre custo médio de moradia em determinados pontos da cidade, para que os estudantes fiquem cientes e venham preparados sobre o quanto terão que desembolsar para este fim.

[...] Eles enviaram um e-mail com a informação, mas na verdade não serviu muito. Foi bem difícil achar acomodação porque precisava de um apartamento mobiliado e não tinha. [Aldo]

[...] Foi bem difícil encontrar apartamento, eu fiquei muito tempo em Hostel até encontrar um. [Estela]

Mais uma vez, percebeu-se que os dois estudantes mais que iniciaram sua mobilidade em anos anteriores não foram contemplados pelo serviço, indicando evolução no atendimento da RELINTER. A busca por moradia é imprescindível a todos os estudantes, e mesmo tendo evoluído, a RELINTER deveria despender uma atenção maior, procurando outros meios de ajudá-los com esta questão, pois o trabalho realizado atualmente parece não ser suficiente. Algumas oportunidades de melhoria encontradas pelo pesquisador serão detalhadas ao final deste estudo.

C) “Amigo brasileiro” (4/7)

A maioria dos entrevistados afirmou ter recebido a lista com os estudantes cadastrados para ser um amigo brasileiro, e elogiaram bastante a ideia da RELINTER. Apesar disso, nem todos utilizaram o recurso, por já conhecerem pessoas no Brasil e não achar necessário contatá-los, ou por esquecimento. Os entrevistados que encontraram o amigo brasileiro afirmaram ter sido muito válido contar com a ajuda destes estudantes.

[...] Sim, foi muito legal. Eles enviaram um e-mail chamado amigo brasileiro e eu entrei em contato com uma pessoa que me ajudou, era um estudante da UFRGS. [Aldo]

[...] Eles não responderam aos meus e-mails. Foi bem estranho, porque eu fiquei mais de uma semana, foi bem difícil encontrar apartamento. Aí eu escrevia e não respondiam porque estavam de férias, era o que todo mundo me dizia. [Estela]

Um dos entrevistados afirmou que entrou em contato com o pessoal da lista, mas que ninguém respondeu porque estavam de férias, conforme um dos relatos acima. No caso dos entrevistados que estudaram em 2008 e 2011, a RELINTER não disponibilizou a lista, ou disponibilizou alguns anos depois, quando não precisavam mais do serviço.

D) Evento de Integração (6/7)

Quase todos os entrevistados foram convidados para o evento de integração no Salão de Atos, e o evento foi muito elogiado, conforme relatos abaixo. Apesar de em muitos casos o evento ter ocorrido após um mês da chegada dos intercambistas no Brasil, eles entendem que tinham que esperar pelos outros estudantes que ainda estavam por chegar. Além deste evento formal promovido pela RELINTER, muitos afirmaram terem participado de outras integrações, como viagens, shows e festas.

[...] Sim, eles fizeram uma apresentação de todos os estudantes de intercâmbio, foi um mês depois que eu cheguei. Eu não tinha contato com outros intercambistas antes de chegar. [Aldo]

[...] Teve uma recepção, que foi um show do apanhador só e depois a gente se organizou sozinho para ir para uma festa depois, foi muito bom, eu conheci muitas pessoas nesse dia. Teve também no salão de atos para que cada país se apresentasse um pouco. Foi um mês depois, mas é normal porque eu cheguei em fevereiro mas teve pessoas que chegaram mais tarde. [Eugénie]

Apesar de a maioria dos estudantes terem participado do evento de recepção e alguns terem comentado sobre outros eventos de integração, este foi um dos serviços ressaltados por alguns estudantes no qual precisa ser melhorado – conforme será detalhado posteriormente. A interação dos estrangeiros com estudantes brasileiros às vezes não se dá de forma natural, conforme relatado anteriormente. Justamente por isto é que os entrevistados afirmaram terem sentido falta de uma intervenção da universidade, na forma de criar eventos de integração, incentivando esta aproximação.

E) Tutor (5/7)

Exceto pelos dois estudantes mais antigos, cinco deles mencionaram ter tido um tutor escolhido pela RELINTER, que é um professor de seu curso, de preferência que fale a língua do estrangeiro e quem os ajuda com eventuais dúvidas com relação ao seu intercâmbio de um modo geral. Auxiliam com processo de matrícula, o qual é diferente para cada tipo de mobilidade acadêmica, podendo ser bem complexo em alguns casos. Sua função inclui aconselhar quais cadeiras escolher, explicando o programa de cada uma delas e respondendo dúvidas que possam surgir.

[...] A RELINTER assinou uma tutora para nós. Ela ajudou a matricular a cadeiras. Eu sabia as matérias, mas meus horários eu não conhecia. Ela perguntava que horário eu queria. Se eu preferia a noite ou de manhã. [Didier]

[...] Tive uma tutora das artes visuais que me ajudou. Ela me escreveu um email antes de eu vir aqui, e depois nos encontramos para conversar sobre as aulas e sobre que cadeiras pegar, foi muito bom. [Estela]

Mais uma vez, os estudantes que realizaram o intercâmbio em anos anteriores não tiveram um tutor devido a inexistência deste serviço na época. Os estudantes que receberam este acompanhamento elogiaram muito o serviço, pois criaram uma relação mais próxima com o profissional que receberam ajuda. Além disso, afirmam que no início é muito bom poder contar com alguém que fala sua língua para explicar-lhes os programas das matérias e fazer uma escolha mais inteligente e de acordo com o que esperam para o semestre letivo.

F) Auxílio com documentação (7/7)

Com relação a documentação e trâmites envolvendo a Polícia Federal, todos os entrevistados afirmaram que a RELINTER auxiliou de alguma forma, com envios de documentação para o consulado de seu país, principalmente para fins de regularização do visto de estudante. Além disso, os funcionários da RELINTER demonstraram estar bem informados a respeito dos procedimentos, e foram elogiados por explicarem tudo corretamente. Um dos estudantes mencionou ainda que antes mesmo de chegar ao Brasil a RELINTER encaminhou um email informando sobre a documentação necessária, explicando o passo a passo dos processos de regularização, além deixá-lo consciente sobre a demora que enfrentaria com os órgãos públicos brasileiros.

[...] Eles me ajudaram com toda a papelada do intercambio. [Aldo]

[...] Avisar que o visto demora para ser realizado, que devemos preparar todos os documentos antes, que temos que fazer muitas coisas. Marcaram um encontro individual para falar sobre Polícia Federal, CPF, cartão TRI. Então eu fui lá e tinha uma menina que falava Francês, o que é ótimo no início. Então isso foi muito bem organizado. Me ajudou para registrar na Polícia, fazer um CPF e conseguir o cartão da UFRGS, para me matricular nos cursos. Isso foi muito bom. [Eugènie]

Alguns estudantes afirmaram que existe muita burocracia com relação e estes processos, e que a quantidade de documentos exigida é muito grande. Além disso, mencionaram que a RELINTER demorou muito tempo para enviar um documento, ou que muitas vezes os mesmos ficavam parados sem serem encaminhados, não demonstrando tanta eficiência.

[...] Por exemplo, para pedir uma declaração de documento demora muito tempo. [Manon]

[...] As coisas podiam ser um pouco mais organizadas, às vezes os documentos que tu entregava ficavam uma semana parados. Ou tu pedia uma carta e eles ficavam perdidos, não eram tão eficientes. [Sebastián]

Sabe-se que o funcionamento dos procedimentos no Brasil é demorado e burocrático, e este fator foge da alçada da RELINTER ou da UFRGS. Os estudantes que foram previamente informados de como funcionam as coisas por aqui criaram menos expectativas com relação ao tempo de espera, resultando em menos frustração. Quanto à demora da própria RELINTER ao enviar um documento, vale a reflexão sobre como estes processos estão sendo executados e como poderiam torná-los mais eficientes.

Os serviços elencados como responsabilidade da RELINTER nesta seção tiveram uma avaliação relativamente positiva para a maioria dos estudantes, sendo que todos eles tiveram

quatro ou mais respostas positivas. Considerando que foram sete entrevistados, mais da metade dos estudantes receberam cada um dos serviços. Ficou bastante evidente a evolução do atendimento prestado pela RELINTER nos últimos cinco anos, uma vez que o estudante que realizou seu intercâmbio em 2009 não foi contemplado com praticamente nenhum dos serviços elencados, enquanto que quase todos os estudantes de 2014 receberam os serviços integralmente. Ainda, o estudante de 2011/2012 recebeu apenas parte dos serviços. Isto indica que o apoio ao estudante estrangeiro têm melhorado bastante, e a UFRGS está ficando mais preparada para o processo de internacionalização do ensino.

G) Avaliação Geral

Com relação ao suporte da RELINTER prestado aos estrangeiros de uma forma geral, seis estudantes o avaliaram como positivo, afirmando que o apoio foi muito bom. Naturalmente, o estudante que não recebeu a maior parte dos serviços a avaliou negativamente. A seguir se fará uma análise das respostas dos entrevistados.

Figura 2– Avaliação geral da RELINTER

	Avaliações Positivas (6/7)	Avaliações Negativas (1/7)
Exemplos	“Sim, ela me ajudou muito. Com ela foi possível estudar aqui”.	“Não foi bom, precisei fazer muitas coisas sem ajuda”.

Com relação às avaliações positivas, fatores como acompanhamento constante, contato frequente com os estudantes através do envio de informações pertinentes a eles foram os mais citados. Através de atitudes simples, como enviar e-mails regularmente, demonstrou ser muito valorizado pelos estudantes, pois os mesmos se sentem acolhidos e importantes para a universidade, com se a UFRGS estivesse realmente preocupadas com o seu bem-estar, sem serem “esquecidos” por ela. Estar presente no seu dia a dia, e estar disponível para atendimento quando necessário também é considerado importante. O fato de o escritório da RELINTER estar situado em um local de fácil acesso, sempre aberto para atendimento e com pessoas pacientes e dispostas a ajudar foi salientado pelos estudantes.

[...] Sim, eles estiveram em contato sempre. Sempre que precisei me ajudaram, mas agora eu não estou precisando deles. Às vezes eles entram em contato comigo, quando há alguma atividade, como contato com outros mexicanos de outras escolas, sessões informativas e outras coisas. [Aldo]

[...] Eles são muito bons, sempre está aberto e pode ir lá quando quiser. Os horários são bons. Continuaram mandando e-mails, organizaram sessões informativas e passeios, como o ônibus turístico. [Eugènie]

[...] Me enviaram muita informação, falava sempre com eles por email. Sempre que preciso de alguma coisa eles são receptivos. E continuam enviando informações. [Estela]

É importante ressaltar que a maioria dos entrevistados que avaliaram a RELINTER positivamente chegaram ao Brasil neste ano, indicando não só que o apoio atualmente está bom, mas que melhorou muito nos últimos anos. Nestes casos, os estudantes que foram contemplados com os serviços citados anteriormente, geralmente receberam o “pacote completo”, indicando que houve uma continuidade no trabalho da RELINTER.

Apenas o estudante que chegou ao Brasil no ano de 2008 avaliou a RELINTER negativamente – resultado esperado levando-se em consideração que ele não foi contemplado com a maioria dos serviços elencados. O entrevistado mencionou que naquela época não existia suporte algum, e que a RELINTER não ajudou com praticamente nada no seu processo de mobilidade acadêmica. Apesar disto, o estudante que iniciou seu estudo em 2011 considerou a ajuda da RELINTER relevante, fato que comprova a evolução do apoio da secretaria em três anos. Infelizmente, a amostra contou com apenas um estudante de 2008, e não é possível afirmar que todos os estrangeiros em mobilidade acadêmica tiveram a mesma falta de atendimento.

É importante ressaltar que embora os estudantes possam ter tido visões diferentes com relação à RELINTER, foi unânime o saldo positivo final do intercâmbio, e todos consideraram essa experiência muito válida.

[...] Muito boa, Passei um tempo maravilhoso até agora. [Aldo]

[...] Tudo vai certo, eu gosto muito da experiência aqui. É minha primeira experiência fora, não tenho muito o que comparar, mas estou adorando aprender a língua, foi tudo muito bom. [Eugènie]

[...] Foi uma boa experiência da vida, mas você precisa ser uma pessoa independente, para fazer coisas difíceis sem ajuda. [Jonathan]

Estas afirmações demonstram o quanto é importante o intercâmbio na vida das pessoas, pois mesmo aqueles que tiveram diversos problemas tiveram suas expectativas, no mínimo, cumpridas. Isto se deve ao fato de o crescimento e aprendizado que se tem com esta experiência é maior do que os obstáculos encontrados, resultando em um saldo final positivo. Hanvey (1982) reforça que uma perspectiva global tem potencial para conduzir a uma mudança cognitiva. O resultado não seria uma perda de identidade, mas sim uma visão de mundo mais ampla, passando a prestar mais atenção em problemas humanos que transcendam interesses locais.

7.1.6 O que poderia ter sido melhor

Foi questionado aos entrevistados o que poderia melhorar com relação ao Intercâmbio realizado na UFRGS de um modo geral. Mesmo os estudantes que avaliaram a RELINTER positivamente percebem que a secretaria tem muito a melhorar, e inclusive contribuíram com sugestões que serão mencionadas adiante. Os aspectos citados estão apresentados abaixo.

Tabela 5 – O que poderia ter sido melhor

O que poderia ter sido melhor	Exemplo	Respostas
Organização/Gestão	"Por exemplo, para pedir uma declaração, algum documento demora muito tempo".	4\7
Comunicação/Informação	"A informação, a comunicação poderia ter sido melhor pra mim".	3\7
Atividades de integração	"Melhorar as interações com brasileiros, organizar mais festas".	2\7

A) Organização/Gestão (4/7)

A organização foi o aspecto mais citado pelos entrevistados com relação ao que poderia ter sido melhor, com três menções. A organização foi citada no sentido de falta de processos para serviços específicos, do envio de documentação e disseminação da informação e com a própria gestão da secretaria. Os estudantes afirmaram que, aparentemente, a realização de determinados serviços depende muito mais da boa vontade das pessoas que estão trabalhando no momento do que da existência de processos para isto.

[...] As coisas podiam ser um pouco mais organizadas também. Às vezes os documentos que tu entregava ficavam uma semana parados. Ou tu pedias uma carta e eles ficavam perdidos, não eram tão eficientes. [Sebastián]

Este é um ponto bastante importante a ser analisado, pois manter uma boa gestão de modo a garantir uniformidade nos serviços prestados é fundamental para que a experiência do estudante de mobilidade acadêmica seja proveitosa. Ao mesmo tempo, sabe-se que esta tarefa não é fácil, principalmente em organizações como a RELINTER, em que existem muitos detalhes e particularidade que fazem toda a diferença para cada indivíduo atendido.

B) Comunicação/Informação (3/7)

A comunicação com os estudantes estrangeiros de uma forma geral, bem como a divulgação de informações também foi bastante mencionada pelos entrevistados. Alguns estudantes não recebem convites para integrações, eventos em Porto Alegre, informações sobre prazos para entrega de documentação, comunicados do reitor e acontecimentos na UFRGS, entre outros. Muitos tiveram de descobrir sozinhos, buscando informações através de outras fontes para ficarem atualizados nos acontecimentos.

A comunicação antes da chegada do intercambista também foi mencionada e é muito importante para que ele tenha uma noção do que irá encontrar no Brasil, com relação a custos, burocracias, processos, documentação, moradia, etc. Neste sentido, um material simples com todas estas informações poderia ser criado e enviado aos estudantes antes do período letivo, sempre com espaço para dúvidas e sugestões. Um dos estudantes mencionou que não sabia que a presença era obrigatória nas aulas, pois isto funciona diferente em seu país. Acabou faltando muitas aulas e agora está com este problema na matéria.

[...] O mais diferente, que eu não sabia era que temos que assistir às aulas, que os professores sempre fazem a chamada. Porque por exemplo em Espanha tu não tem obrigação de ir em todas as aulas. Então eu não sabia isso e tenho um problema com uma disciplina porque no primeiro mês eu estava procurando apartamento, e fui pro carnaval também... Então eu faltei muitas aulas. Na Espanha depois temos uma avaliação diferente e uma oportunidade de passar na cadeira, aqui não me informaram que não era assim. [Estela]

A comunicação é um aspecto fundamental em qualquer organização, e a falta dela pode ocasionar muitos problemas. No caso da UFRGS, muitos estudantes deixaram de usufruir de benefícios importantes fornecidos pela universidade simplesmente por não ficarem sabendo de sua existência. Sugestões indicadas pelos próprios estudantes, como haver um canal de comunicação direta assim que efetuada a sua matrícula seria uma solução fácil e simples de ser implementada.

C) Atividades de Integração (2/11)

Primeiramente, foi citado o incremento de atividades para que os estrangeiros conheçam um pouco mais da cultura e tradições gaúchas, além da própria cidade de Porto Alegre. Muitos deles mencionaram nas entrevistas que não conheciam nada do Rio Grande do Sul, e que encontraram muita coisa diferente do que esperavam. A cultura gaúcha é muito

diferente da do restante do Brasil, e é muito importante para eles conhecerem um pouco mais do local onde passarão os próximos meses de suas vidas.

Criar mais atividades que promovam a integração dos estudantes estrangeiros com os brasileiros também foi mencionado. Muitos estudantes acharam os gaúchos fechados, que a interação com eles foi mais difícil do que imaginavam. Apesar disso, eles sabem que isto é normal, pois quando chegam na universidade as turmas já estão separadas por afinidade, e é mais difícil de “entrar” nos grupos de amizades formados.

[...] Fazer mais atividades para conhecer a cultura gaúcha, a cidade e os próprios colegas. Acho que faltou um pouco de integração. Faltavam bastantes atividades para os próprios estudantes. [Sebastián]

Conforme já mencionado, esta integração beneficiaria não só os estudantes estrangeiros, mas todo o ambiente universitário. Miura (2006) cita como benefícios o aprimoramento dos estudantes locais devido à exposição cultural e a troca de conhecimentos e pesquisas realizadas em conjunto, enfatizando a importância desta interação.

Ao longo do capítulo de resultados, foram apresentadas algumas sugestões indicadas pelos estudantes estrangeiros, em sua maioria simples de serem implementadas, e que fariam uma grande diferença na experiência dos estudantes de mobilidade na UFRGS. Além disso, a percepção do pesquisador foi que os estudantes gostavam de falar e serem ouvidos, talvez por não terem tido esta oportunidade ainda. Perceberam que havia um interesse e atenção no que tinham para dizer, e viram na entrevista uma oportunidade de expressar o que estavam sentindo. Fica a oportunidade para a RELINTER dedicar um tempo para ouvir de perto o que os estudantes têm a dizer, realizando uma espécie de pesquisa de satisfação em profundidade. Com atitudes como esta, o atendimento prestado pela secretaria pode melhorar ainda mais nos próximos anos.

7.1.7 Comentários dos alunos do Programa PEC-G

Conforme supracitado, as avaliações realizadas pelos estudantes do Programa PEC-G não puderam ser levadas em consideração neste estudo, pois a RELINTER não tem responsabilidade formal por estes estudantes. Apesar disto, a RELINTER acabou sendo mencionada durante as entrevistas, uma vez que eles se sentem “adotados” por ela. Como os participantes do Programa cursaram a graduação inteira na UFRGS, eles têm mais propriedade e experiência para falar sobre os serviços oferecidos pela universidade, e por isso alguns comentários considerados pertinentes pelo pesquisador foram incluídos nesta etapa.

Com relação à busca por moradia, o estudante do Equador afirma que o suporte prestado pela RELINTER é quase nulo, uma vez que a lista com dicas enviada aos estudantes não resolve o problema. Segundo ele, são três alternativas que os estudantes encontram: morar em um pensionato; dividir apartamento em alguma espécie de república; ou alugar por conta própria direto com o proprietário. O relato abaixo descreve o que implica em cada opção:

[...] Nenhum suporte. E até hoje não existe muito suporte, ou seja... O maior suporte que eu vi foi aquela lista... Agora, pra ti achar uma moradia tem 3 opções: ou tu vai pra um Pensionato, que é muito caro e muito desconforto.. é muito regrado, mas tem pessoas que se veem obrigadas a fazer isso. Porque tu chega, paga e deu. Agora, tem outra que é dividir um apartamento, numa república, o que é difícil, porque quando tu chega ninguém te conhece, então é difícil tu fazer esse contato pra ir morar numa república. E outro é alugar por tua conta, que também é caro. Aluga pela tua própria conta, mas tem um monte de coisa, as vezes tu precisa de um seguro fiança, um fiador.. Tem sorte de alugar direto com a proprietária.. Essa foi a saída que eu achei. [Pablo]

O mesmo estudante elogia muito o evento de recepção realizado pela RELINTER, e o descreve de uma maneira agradável:

[...] As integrações com a RELINTER são eventos muito, muito bem feitos. Então tu vai lá, tem apresentação de danças gaúchas, tem o reitor, o vice reitor... Às vezes presença de cônsul, depois tem assim uns salgadinhos pra integrar, pra conversar... E a galera se interessa. E depois os estagiários da RELINTER, eles como são jovens fazem uma festa, todo mundo vai pra festa... [Pablo]

Em mais um comentário pertinente, o Equatoriano afirma que às vezes a comunicação com os alunos peca em alguns aspectos. No seu caso, ficou sabendo de diversos núcleos existentes para reforçar o estudo de conteúdos vistos em sala de aula somente no final do curso, quando não era mais necessário. A UFRGS possui ferramentas extremamente úteis aos estudantes, mas anulam-se quando não comunicadas com eficiência.

[...] Por exemplo: tem o NAI, Núcleo de Acompanhamento Acadêmico, tem o SAI, e muitas vezes tu como estudante não sabe disso, e poderia estar utilizando ajuda, ou aulas de reforço do SAI, mas tu nem sabe que tem esses programas. Tu vai descobrir lá no final quando nem precisa mais. [Pablo]

O aluno Guineense proveniente do Programa PEC-G sugere uma tutoria inspirada nos moldes da que ocorre na PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), onde os tutores se reúnem com os estudantes a cada quinze dias para uma espécie de coaching particular com os estudantes, detalhado a seguir. Ele afirma que teve muitas dificuldades em acompanhar o curso, pois os professores elaboravam tarefas em ferramentas que para os brasileiros era comum, mas que ele nunca havia utilizado antes, com o Power Point, por exemplo. Além disso, afirma que embora a língua seja a mesma, existem muitas diferenças entre o Português, o que dificultava a comunicação.

[...] Na PUC, por exemplo, eles se reúnem com os estudantes de 15 em 15 dias para saber quem está indo mal no seu curso, que aconselhamento que pode aconselhar a pessoa, o que ele pode fazer para se esforçar mais. Tudo é diferente pra gente, tem muita coisa diferente no Português. É muito bom ter uma pessoa para acompanhar o

crescimento acadêmico, qual o defeito da pessoa, e o que fazer para melhorar esta situação. Isso eu acho fantástico, e eu nunca tive. Teve muitas pessoas que perderam o convênio porque rodaram duas vezes na mesma matéria. [Angelo]

Por fim, os estudantes percebem que a RELINTER evolui muito do tempo que chegaram na Universidade até agora. Acompanham o atendimento que prestam aos seus colegas do PEC-G e ficam felizes em saber que o suporte está melhorando e os estudantes mais recentes sendo melhor atendidos. Ao mesmo tempo, percebem que não são prioridade para a secretaria, pois segundo um dos relatos, “a gente sente que a preocupação deles era mais com alunos que vinham para ficar um semestre”. Mesmo assim, estiveram sempre dispostos a se reunir com a RELINTER e sugerir melhorias que poderiam ser realizadas em conjunto.

[...] Poderia ser melhor, mas vejo que a RELINTER em 5 anos cresceu bastante. As melhorias poderiam ser mais rápidas, mas eu avalio com um bom... Não excelente, por que tem muita coisa pra melhorar. [Pablo]

[...] Naquela altura RELINTER funcionava um pouco ‘tímida’, vamos dizer assim. Eles atendiam mais alunos que vinham para ficar um semestre, era mais a preocupação deles. Não só eu senti isso, mas outros estudantes africanos. Na época não tinha tantos estudantes, o nosso grupo foi o primeiro maior grupo que a UFRGS recebeu. Então por isso que não devia ser a maior preocupação deles. Neste ano começamos a fazer mais contato, debatendo sobre as dificuldades, e a partir daí que eles começaram a agilizar. Criaram até bolsistas voluntários. [Ângelo]

A percepção do pesquisador foi que os estudantes estrangeiros, principalmente os do Programa PEC-G estavam muito dispostos a contar sobre suas experiências, aceitando prontamente o convite para as entrevistas. Pode-se perceber que gostaram de ser ouvidos, compartilhando o máximo de informações possíveis de forma a contribuir para que a UFRGS esteja cada vez mais preparada a receber intercambistas no futuro. Ao final da entrevista, agradeceram ao pesquisador por se interessar por eles e dedicar tempo a isto.

7.2 ANÁLISE SURVEY

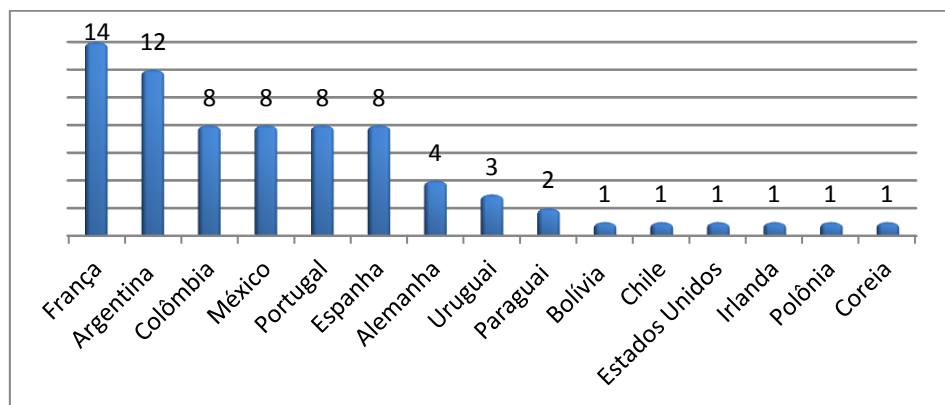
Conforme mencionado anteriormente, após a etapa qualitativa, foi efetuada uma pesquisa quantitativa somente com os estudantes de mobilidade acadêmica, a fim de reafirmar as respostas encontradas na primeira etapa deste estudo. Os resultados desta análise serão encontrados a seguir.

7.2.1 Perfil dos estudantes

O questionário enviado para estudantes de mobilidade acadêmica registrou 73 respondentes no total. A idade média dos respondentes foi de 24, 5 anos, sendo 46 deles (63%) de 20 a 25 anos e 27 (37%) de 26 a 31 anos, sendo que a idade variou de 20 a 31 anos. Com relação ao gênero, 37 (51%) dos respondentes eram do sexo feminino e 36 (49%) do sexo masculino.

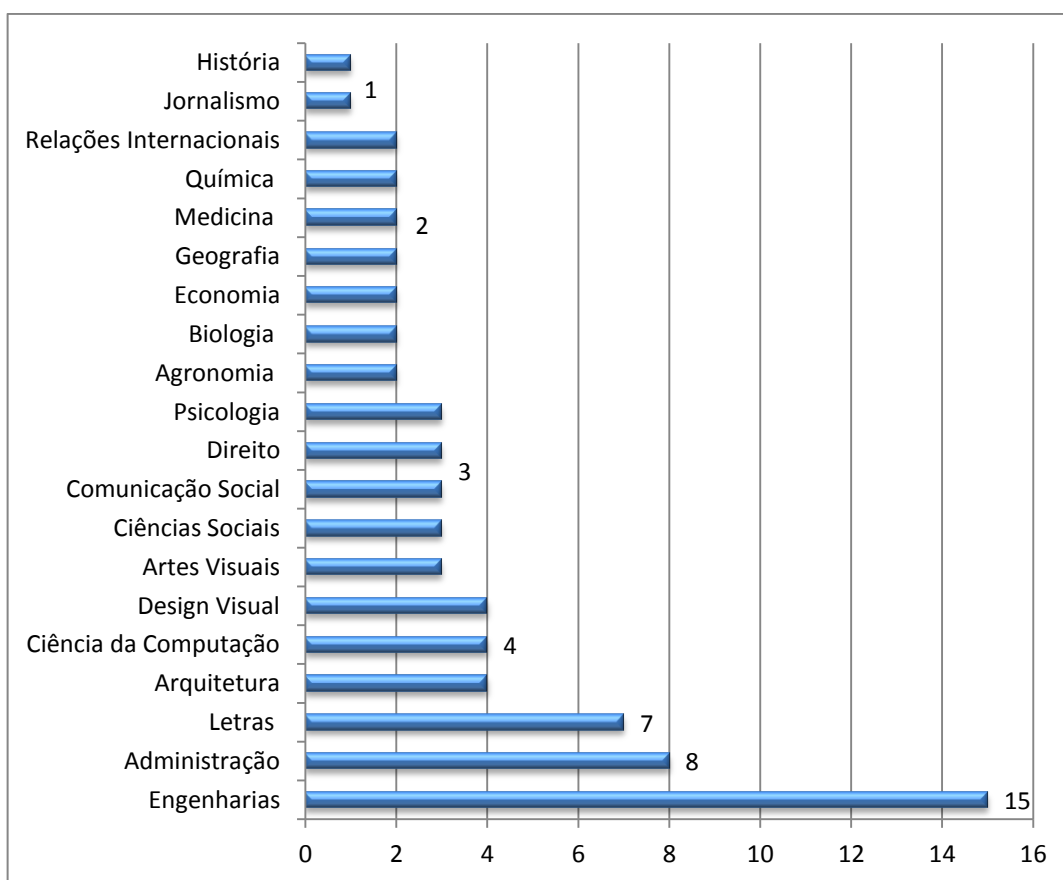
Com relação à nacionalidade, os respondentes eram provenientes de 15 países diferentes, conforme indica o gráfico abaixo. França e Argentina foram os países destaque na pesquisa, com 14 e 12 estudantes, respectivamente. Colômbia, México, Portugal e Espanha tiveram 8 respondentes. Da Alemanha, foram, 4, 3 uruguaios e 2 paraguaios. Além destes países, houveram estudantes também da Bolívia, Chile, Estados Unidos, Irlanda, Polônia e Coreia. Coincidentemente, foram 36 (49%) respondentes para dois continentes, Europeu e Americano, além de um estudante do continente Asiático.

Figura 3– País de Origem



Os respondentes cursaram graduações diversas em sua mobilidade acadêmica, com destaque para as Engenharias, que totalizaram 15 estudantes, Administração de Empresas e Letras, com respectivamente 8 e 7 alunos. Conforme gráfico abaixo, os demais cursos tiveram de 1 a 4 estudantes, e a maioria foram ciências humanas.

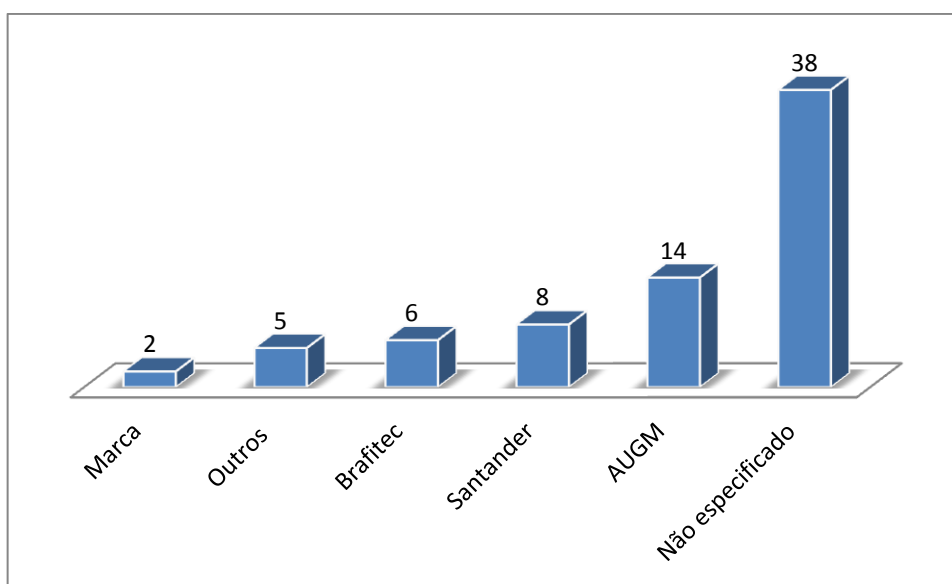
Figura 4– Cursos na UFRGS



Quanto ao tipo de mobilidade acadêmica dos respondentes, 38 (52%) afirmaram não haver um nome específico para sua mobilidade, mas que é um acordo bilateral de sua universidade com a UFRGS que proporciona aos estudantes realizarem um intercâmbio acadêmico nos países conveniados. Este dado já era esperado aparecer desta forma, uma vez que nem todos os acordos educacionais possuem um programa formalizado, mas ainda assim são responsáveis por boa parte das mobilidades acadêmicas realizadas na UFRGS.

O tipo de mobilidade mais recorrente foi a AUGM, acordo do Brasil com países da América Latina, com 14 (19%) ocorrências. Foram significativos também os programas Santander e Brafitec, com 8 (11%) e 6 (8%) ocorrências, respectivamente. Cinco estudantes são provenientes de outros programas com uma quantidade menos significativa de participantes na UFRGS. Embora cada uma destas mobilidades acadêmicas tenham algumas particularidades, todas elas são relativamente comparáveis nos aspectos propostos nesta pesquisa, principalmente por englobar um perfil de participantes e objetivos semelhantes.

Figura 5– Tipo de Mobilidade Acadêmica



A grande maioria dos respondentes (70%) iniciou seu intercâmbio entre os anos de 2012, 2013 e 2014, sendo os 30% restantes dos anos de 2009 e 2010. Com relação ao tempo do intercâmbio na UFRGS, 49 (67%) respondentes cursaram um semestre na universidade, 20 (27%) ficou de seis meses a um ano e somente 4 (5%) deles permaneceu de um a dois anos na Universidade.

Conforme já havia sido constatado na etapa qualitativa, o perfil dos intercambistas são jovens com até 25 anos de idade, provavelmente por estarem na metade do curso e no início de sua carreira profissional. Não existe distinção entre o sexo dos intercambistas, e são em sua maioria Europeus e Latino Americanos. Os cursos são bem variados, não havendo distinção do atendimento da RELINTER entre eles.

7.2.2 Escolha pela UFRGS

Da mesma forma que foi perguntado aos entrevistados na etapa qualitativa, foi questionado aos estudantes na pesquisa quantitativa qual o motivo pela escolha da UFRGS como instituição para realizarem sua mobilidade acadêmica. As razões elencadas abaixo foram baseadas nos dados coletados na primeira etapa da pesquisa, além de incluir outras opções que o pesquisador julgou pertinente. Os respondentes deveriam julgar as proposições abaixo com valores de 1 a 5, sendo 1 – discordo totalmente e 5 – concordo totalmente. A média e a moda de cada uma das razões estão informadas a seguir.

Tabela 6 – Razões da escolha pela UFRGS

Razão da escolha pela UFRGS	Média	Moda
Aprender Português	3,9	5
Interesse em trabalhar no país futuramente	3,8	5
Qualidade do Ensino	3,6	4
Ser um curso gratuito	3	1
Localização da Universidade em uma cidade menor	2,9	3
Reconhecimento do curso no seu país de origem	2,9	3
Indicação da sua instituição de origem	2,8	1
Reconhecimento da instituição no seu país de origem	2,8	3
Indicação de Amigos	2,7	1
O programa de Intercâmbio só contemplava a UFRGS	2,5	1
Baixo Custo de Vida em Porto Alegre	2,4	3

Pode-se perceber que o principal motivo da escolha pela Universidade foi o interesse em aprender o português, fato que ficou bastante claro e havia sido mencionado por todos os entrevistados na etapa qualitativa. Desta forma, a pesquisa quantitativa vem para confirmar as afirmativas da primeira etapa de análises. O mesmo aconteceu com a terceira razão com maior média, a qualidade do ensino da UFRGS. Este foi um motivo recorrente nas entrevistas em profundidade, onde estudantes afirmaram que a UFRGS foi preferida pelo fato de estar entre as melhores nos rankings brasileiros.

O interesse em trabalhar no país futuramente foi uma questão que não havia sido mencionada na primeira etapa e que ganhou destaque nesta pesquisa, com uma média de 3,8 e moda de 5. Aparentemente, os estrangeiros têm interesse em continuar no país após a mobilidade acadêmica ou mais futuramente, por isso a escolha pela Universidade. Este é um ponto que poderia ser aprofundado em trabalhos futuros, explorando o porquê deste interesse, o que os atrai no mercado de trabalho brasileiro, se existe diferenciação do interesse de acordo com o país de origem dos estudantes, se pretender trabalhar no Brasil imediatamente ou no longo prazo, entre outras questões.

Outros motivos que ganharam destaque foi o fato de a UFRGS oferecer cursos gratuitos e a localização da universidade em uma cidade melhor, fato que segundo os entrevistados na etapa qualitativa proporciona maior qualidade de vida e bem estar. O reconhecimento dos cursos e da UFRGS em seu país de origem também foram considerados importantes aos alunos, com médias de 2,9 e 2,8, respectivamente. A indicação de amigos que foi bastante mencionada na primeira etapa não ganhou destaque na pesquisa quantitativa, e os

estrangeiros não acreditam que Porto Alegre tenha um menor custo de vida, ou este não é um fator que levam em consideração ao escolher o destino de seu intercâmbio.

Quando questionado qual foi a principal razão pela escolha da UFRGS, a qualidade do ensino e o fato de o programa de intercâmbio só contemplar esta universidade fica claro que foram maioria entre os entrevistados, com 15 (21%) respostas para cada alternativa, conforme tabela abaixo. Este dado reafirma o que Altbach (2006) chama de “sociedade do conhecimento”, ou seja, a necessidade de os indivíduos manterem-se constantemente atualizados devido à rapidez com que o conhecimento evolui atualmente. Estes alunos buscam uma educação continuada, uma formação mais ampla e de qualidade, pois só assim conseguem manterem-se competitivos no mercado global.

Tabela 7 – Principal razão pela escolha da UFRGS

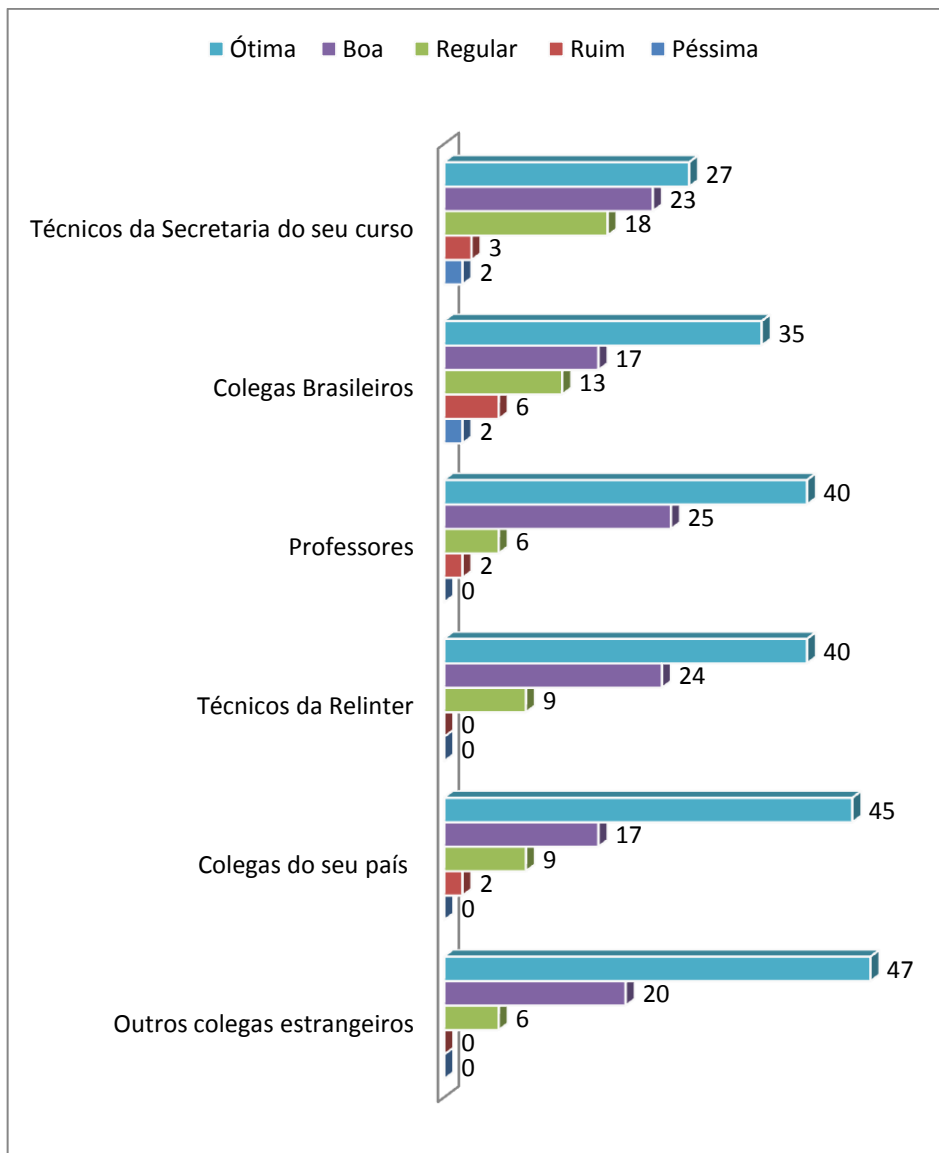
Principal razão pela escolha da UFRGS	Recorrência
Qualidade do Ensino	15
O programa de Intercâmbio só contemplava a UFRGS	15
Aprender Português	11
Indicação de Amigos	6
Interesse em trabalhar no país futuramente	6
Indicação da sua instituição de origem	5
Brasil	5
Outros	3
Reconhecimento do curso no seu país de origem	3
Baixo Custo de Vida em Porto Alegre	1
Localização da Universidade em uma cidade menor	1
Reconhecimento da instituição no seu país de origem	1
Nova Experiência de vida	1
Ser um curso gratuito	0

No caso de o programa só contemplar a UFRGS, pode-se considerar que o estudante veio ao acaso para Porto Alegre, uma vez que não a conhecia e as circunstâncias de sua mobilidade acadêmica os trouxeram aqui – conforme foi comentado pelos estudantes na etapa qualitativa. Aprender português ficou em terceiro lugar com 11 (15%) das opiniões. Indicação de amigos e o interesse em trabalhar no país futuramente também foram recorrentes, com 6 respostas para cada. Em “outros”, incluem-se fatores mais específicos sobre a UFRGS, como ser a única Universidade que possuía o curso desejado, a vontade do estudante de trabalhar com a literatura gaúcha e conhecer a cultura local. É importante ressaltar que o fato de a UFRGS proporcionar um curso gratuito não foi a principal escolha pela Universidade para nenhum dos respondentes.

7.2.3 Relacionamento com pessoas do meio acadêmico

As pessoas do meio acadêmico a que são referidas neste tópico são: professores, alunos brasileiros, alunos estrangeiros (do mesmo país do respondente e de países diferentes), técnicos da RELINTER e técnicos da secretaria dos cursos. Foi questionado aos estudantes em mobilidade acadêmica que avaliassem como foi a sua relação e interação com estas pessoas durante o período que estudou na UFRGS. As respostas se deram conforme o gráfico a seguir.

Figura 6– Relação do estudante estrangeiro com pessoas do meio acadêmico



Naturalmente, a relação dos estudantes em mobilidade acadêmica seus colegas estrangeiros, seja do mesmo país como de outras nacionalidades foi considerada “ótima” para

a grande maioria dos respondentes, com 45 (62%) e 47 (64%) das respostas. O relacionamento com professores do seu curso e técnicos da RELINTER ficou em segundo lugar na avaliação, com 40 (55%) dos respondentes que consideram a relação ótima. Vale ressaltar que a relação com professores e colegas estrangeiros não receberam nenhuma avaliação “péssima”. A avaliação da interação com os colegas brasileiros diminuiu um pouco, não chegando à metade das respostas, com 35 (48%) p opções “ótima”, e ainda duas avaliações “péssima”. Os técnicos da secretaria do curso foram os que receberam a pior avaliação, pois somente 27 (37%) respondentes a consideraram ótima. Esta avaliação demonstra que estudantes brasileiros e os profissionais da secretaria dos cursos da UFRGS são as pessoas do meio acadêmico que estão menos preparadas para lidar com o estudantes estrangeiros.

Por outro lado, embora os dados acima tenham mostrado que os estudantes não tenham tido tanta interação com colegas brasileiros, e os funcionário da secretaria estejam menos preparados que os professores, a tabela abaixo trás resultados distintos. Foram elaboradas sentenças e solicitado que os estudantes atribuíssem valores de acordo com o se grau de concordância com a afirmação, de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente). Os resultados foram analisados pela média dos valores atribuídos e pelo valor mais citado (Moda). Os resultados indicam que os funcionários da secretaria e os colegas brasileiros se mostraram solícitos quando os estrangeiros precisaram de auxílio. O mesmo acontece com os professores do curso, que ficaram com a média mais alta da avaliação. Além disso, todas as sentenças tiveram moda 5, exceto “tive dificuldades em acompanhar as aulas”, com média 2 e moda 1, indicando que os estudantes estrangeiros não tiveram problemas de aprendizado.

Tabela 8 – Avaliação dos profissionais e estudantes da UFRGS

Profissionais e estudantes brasileiros	Média	Moda
Os professores estavam preparados para trabalhar com alunos estrangeiros	4,4	5
Os Funcionários da Secretaria do Curso foram atenciosos e prestativos sempre que precisei de ajuda	4,2	5
Os colegas/alunos do curso auxiliaram nas dúvidas/problemas que tive	3,9	5
Os professores foram atenciosos e prestativos sempre que precisei de ajuda	3,8	5
Fui acolhido por meus colegas de turma	3,6	5
Tive dificuldade em acompanhar as aulas	2	1

Com relação ao acolhimento dos estudantes brasileiros, a média ficou um pouco mais baixa (3,6), mas ainda assim não demonstra um mau resultado. Quanto ao acompanhamento das aulas, os estudantes mostraram não ter problemas neste aspecto, uma vez que a maioria

dos respondentes indicou que “discordo totalmente” quando perguntado se tiveram dificuldades neste aspecto. Este pode ser considerado um mérito tanto dos professores como dos colegas, ao auxiliarem os alunos estrangeiros com dúvidas sobre a matéria.

7.2.4 Contribuição do intercâmbio para a vida pessoal e profissional

Através de uma questão aberta, foi solicitado aos respondentes que descrevessem como a mobilidade acadêmica contribuiu para sua vida pessoal e profissional. As ocorrências com relação à vida pessoal encontram-se no gráfico abaixo.

Figura 7– Contribuições do intercâmbio para a vida pessoal



No âmbito pessoal, conhecer novas pessoas e amigos foi a contribuição mais citada, com 26 (36%) respostas. Os estrangeiros afirmaram que conheceram pessoas maravilhosas em Porto Alegre, que os ajudaram muito durante o tempo que passaram no Brasil. Muitos deles fizeram grandes amigos de todas as partes do mundo, os quais mantêm contato mesmo após o término da experiência, através de ferramentas de comunicação via internet e redes sociais. Conhecer pessoas diferentes envolve não só fazer amizades de longa data, mas uma série de benefícios que também foram mencionados pelos respondentes da pesquisa. Estar mais aberto a novas ideias, pessoas e culturas foi citado por 10 (14%) estrangeiros, e melhora nas suas relações interpessoais e habilidade de comunicação teve 8 (11%) ocorrências. Estar

em um ambiente desconhecido força as pessoas a se comunicarem mais, e necessariamente precisam estar abertas a novas experiências, desenvolvendo estas habilidades.

Outra contribuição recorrente, com 20 (27%) respostas, foi o conhecimento de novas culturas, pois além da brasileira e gaúcha, os estudantes conviveram com pessoas de diversos lugares do mundo, aprendendo um pouco sobre a cultura de outros países também. Isto envolve não só curiosidades e costumes, mas o conhecimento de outras formas de vida, ou seja, uma nova possibilidade de viver diferente daquela que estavam acostumados. Conforme o depoimento de um dos estrangeiros, isto o fez enxergar a sua própria vida com outros olhos, fazendo dele uma pessoa melhor.

[...] Eu aprendi outra forma de vida, e assim pude enxergar a minha vida com outros olhos. A experiência fez de mim uma melhor pessoa.

Aprender um novo idioma também ganhou destaque nas respostas, com 13 (17%) ocorrências, e inclui uma realização pessoal para os estudantes. Para 13 (17%) intercambistas esta experiência desenvolveu sua autonomia, pois além de ter que viver sozinho em um país estrangeiro, esta foi a primeira vez que deixaram a casa dos pais, o que envolve ter mais liberdade, mas também responsabilidades domésticas que não estavam acostumados. Este foi o caso da estudante que relatou sua experiência abaixo:

[...] Para mim foi a primeira possibilidade de morar fora da minha casa familiar porque a universidade do meu país de origem fica em minha cidade. Eu não sabia que gostava tanto de conhecer outras culturas e ainda menos imaginei antes amar a cultura brasileira. Meu intercambio foi uma das cosas mais maravilhosas que eu consegui fazer na minha vida toda! MUITO OBRIGADA! Ao voltar alentei e ajudei a muitos outros estudantes nesta experiência.

A possibilidade de viajar e realizar o sonho de conhecer países da America Latina foi mencionado por 8 (10%) estudantes. Isto pode envolver realizações pessoais e maior conhecimento interior, que apareceu em 9 (11%) respostas, uma vez que as pessoas têm mais tempo para pensar sobre si mesmo, e suas características pessoais são evidenciadas em situações extremas. Estas possibilidades fazem do intercâmbio uma experiência enriquecedora, e tornam as pessoas mais fortes para enfrentar problemas como foi para os estudantes conforme depoimentos abaixo.

[...] I fulfilled my dream, which was to see Latin America and travel as much as I could there. I met some wonderful people with whom I am still in touch. This experience opened my mind in a way I would have never expected. It thought me a lot a about myself and others. I can truly say that it was the most enriching experience of my life. I definitely do what is in my power to come back to Brazil one day. OBRIGADA PELA ESSA OPORTUNIDADE MARAVILHOSA.

[...] Conhecer outro país, conhecer o mar. Ter a possibilidade de acreditar em mim, no meu país, na america. De poder fazer extensao, de crescer em independencia, de lutar contra problemas com a distancia, com a economia. Eu sou agora muito mais forte para enfrentar problemas.

Quatro respondentes afirmaram que o intercâmbio mudou a suas vidas, por diferentes motivos. Para outros três, significou conhecer sua atual mulher/marido – o que também implica em mudar uma vida. A opção “outros” engloba diversas contribuições diferentes que apareceram com menos frequência, mas importantes de serem mencionadas, como estar mais disposto a viver situações desconhecidas e não ter medo arriscar, aprender a ter uma visão mais otimista de mundo, a ter mais respeito de um modo geral, ser mais flexível, amadurecimento, guardar boas lembranças para o resto da vida. Em outros casos, foi uma descoberta pessoal, se dar conta de que realmente quer seguir no rumo escolhido. Para o estudante do depoimento abaixo, foi um período de recuperação emocional e do prazer de viver.

[...] Muito importante para mim, antes estava a viver um período complicado emocionalmente. E o Brasil foi um local onde recuperei o prazer de viver.

Aprender a valorizar o seu país e as suas particularidades também é uma reflexão que apareceu para dois intercambistas. Infelizmente, para um deles a experiência não foi positiva, pois não gostou de morar na casa de estudante e não recebeu ajuda quando solicitou, conforme depoimento abaixo. De qualquer maneira, este também foi um aprendizado, e o fez valorizar ainda mais o que possui em seu país.

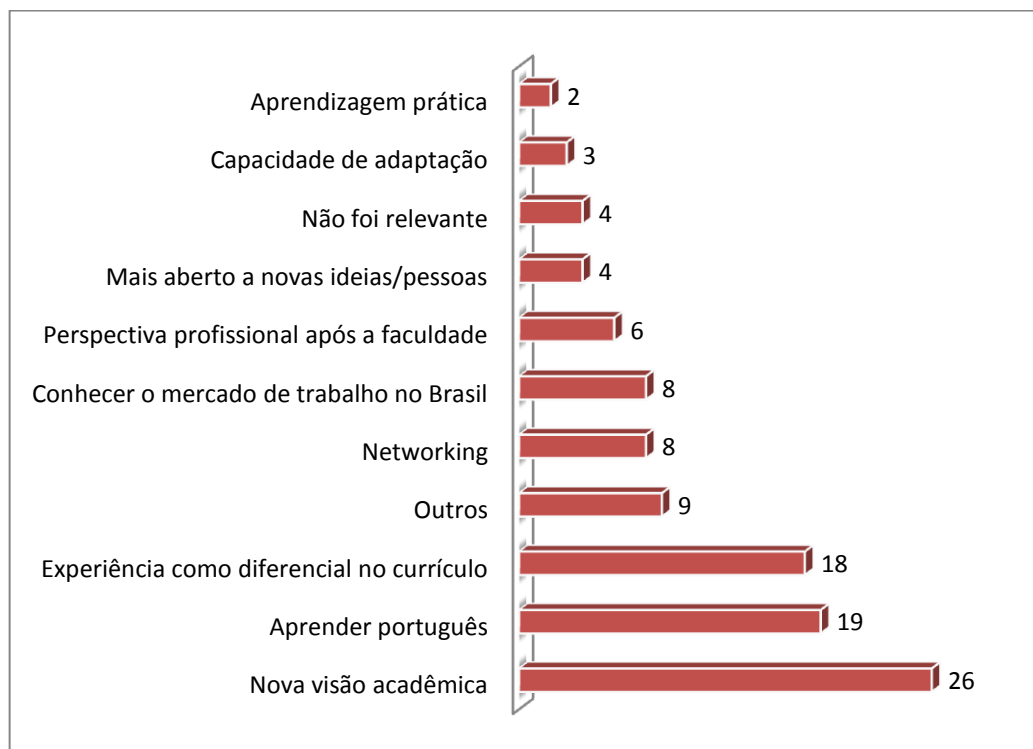
[...] Y desde la experiencia de vivir con personas horribles, en un lugar horrible y no tener ayuda de absolutamente nadie a pesar de pedirla reiteradas veces aprendo que tengo que valorar más todo lo que poseo en mi país.

Vale salientar que esta foi o único depoimento negativo de toda a pesquisa, e não se pode avaliar por que motivo ao certo isto aconteceu. São diversos problemas que podem ocorrer durante a experiência, como a falta de suporte relatada acima. Mas também sabe-se que a pessoa deve ir aberta a enfrentar situações inesperadas, podendo resultar em uma experiência negativa caso o intercambista não se adapte aos costumes e condições do país de destino. Freitas (2003) defende que simplesmente aceitar o desafio de viver em outro país não limita-se ao fenômeno geográfico, mas sim se adaptar a um conjunto complexo de experiências que é estar morando fora de sua zona de conforto.

Mestenhauser (1998) reafirma os aprendizados citados pelos respondentes e cita ainda mais benefícios ao demonstrar que a educação internacional desenvolve habilidades cognitivas, como comunicar-se habilmente com culturas diferentes, reconhecer lacunas de conhecimento, pensar comparativamente e mudar percepções sobre si mesmo, reconhecer tendências sobre outras culturas, compreender diferentes estilos de aprendizagem, perceber a complexidade e integração cognitiva, dentre outros.

Com relação às contribuições para a vida profissional, as respostas mais recorrentes encontram-se no gráfico abaixo:

Figura 8– Contribuições do Intercâmbio para a vida profissional



A maior contribuição do intercâmbio para a vida profissional de 26 (34%) respondentes foi adquirir uma nova visão dos conhecimentos acadêmicos. Isto implica estudar as matérias e áreas de seu estudo sob uma perspectiva diferente da faculdade de seus país de origem. Perceber outros paradigmas, descobrir metodologias diferentes, conhecer novas possibilidades de trabalho e complementar algumas disciplinas com o conteúdo aprendido na UFRGS.

Conforme esperado, aprender português também foi recorrente, com 19 (26%) respostas, e 18 (25%) dos estudantes acreditam ou já perceberam que a experiência internacional fará diferença ou em alguns casos, já foi um diferencial no seu currículo, uma vez que acreditam que a experiência contribuiu para a vaga em seu atual emprego – conforme alguns relatos escritos em espaços apropriados na pesquisa. De fato, Sebben (2001) e Tamião (2010) afirmam que jovens que realizaram intercâmbio estão sendo cada vez mais valorizados por empresas de diversos países, pois estas organizações acreditam que a experiência enriquece o currículo escolar. Além disso, entendem que a experiência desenvolve

características que os destacam em atividades práticas, como iniciativa, criatividade, flexibilidade e visão multidisciplinar para resolução de problemas.

O Networking também foi considerado importante por 8 pessoas, pois afirmam que conheceram pessoas que lhes ofereceram oportunidades para que seguisse sua carreira no Brasil. Em outros casos, fizeram contatos com pessoas importantes, que acreditam que podem ajudar em sua trajetória no futuro. Conhecer o mercado de trabalho do Brasil foi considerado importante para os estudantes que têm intenção em trabalhar no país no futuro, prospectar negócios, ou simplesmente se interessam pela economia local. Em outros casos, a mobilidade acadêmica lhes abriu horizontes para novas perspectivas profissionais, e novas formas de trabalhar dentro de sua área de estudo. Houve o relato de um estudante que percebeu estar no rumo profissional certo após cursar a graduação na UFRGS.

Embora somente três estudantes tenham mencionado “capacidade de adaptação”, é interessante que tenha sido aparecido na pesquisa, pois Freitas (2009) chama esta característica de “capital mobilidade”. Acredita que a capacidade de um indivíduo se adaptar ao ambiente em culturas diferentes deve ser tão valorizada por empresas globais quanto qualquer outra. O capital mobilidade significa não somente transpor barreiras geográficas, mas sim a diversas competências complexas que o profissional deve desenvolver para adaptar-se a outro local sem maiores prejuízos à empresa e ao próprio indivíduo.

Na opção “outros”, incluem-se contribuições menos citadas, como ter mais confiança em si mesmo, mais iniciativa, melhor capacidade de resolver problemas, ter uma exigência maior consigo mesmo, mais vontade de procurar e conhecer assuntos novos do seu meio profissional, estar mais sensíveis a aspectos interculturais e até aprender a prestar mais atenção nas aulas foi citado. Abaixo, um depoimento escrito por um dos respondentes com relação à contribuição do intercâmbio para sua vida profissional:

[...] Profissionalmente, eu me tornei mais exigente com muitas mais vontades de procurar novas coisas, e novas maneiras de fazer meus projetos. Os professores geram muito o jeito de procurar sempre mais, de olhar para outros lados, para outras pessoas que já fizeram projetos muito reconhecidos. O Brasil acho que tem um desenvolvimento muito importante em alguns aspectos. Eu fiz o Instituto de Artes então achei muita diferença com as questões que tem que ver com isso, sobretudo com os meios digitais e tecnológicos que tem a universidade para os alunos. Aprendi muito mais que na minha universidade de origem.

Apenas 4 (5%) respondentes afirmaram que o intercâmbio impactou mais sua vida pessoal, mas que não percebeu um influência direta em sua vida profissional, pelo menos até o momento presente. Embora ainda não tenham percebido diferença em sua vida profissional, estes quatro estudantes concordam em ter se desenvolvido no âmbito pessoal. Mesmo que este desenvolvimento ainda não seja perceptível aos estudantes, Hanvey (1982) acredita que a

experiências como a que eles vivenciaram tem potencial para conduzir a uma mudança cognitiva nas pessoas, uma vez que lhes garante uma visão de mundo mais ampla, fazendo-os prestar mais atenção em problemas da humanidade que transcendam o local ou regional. Essa empatia mais forte por outras culturas levaria estes estudantes a um compromisso maior com a construção de um mundo melhor – algo que vai muito além da simples contribuição do intercâmbio para sua vida profissional.

Para complementar os dados acima, foram apresentadas as afirmações abaixo e solicitado aos respondentes que inserissem valores de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente) de acordo com o grau de concordância para cada afirmativa. Os resultados foram analisados pela média dos valores atribuídos e pelo valor mais citado (Moda), conforme tabela a seguir.

Tabela 9 – Avaliação da experiência pessoal e profissional

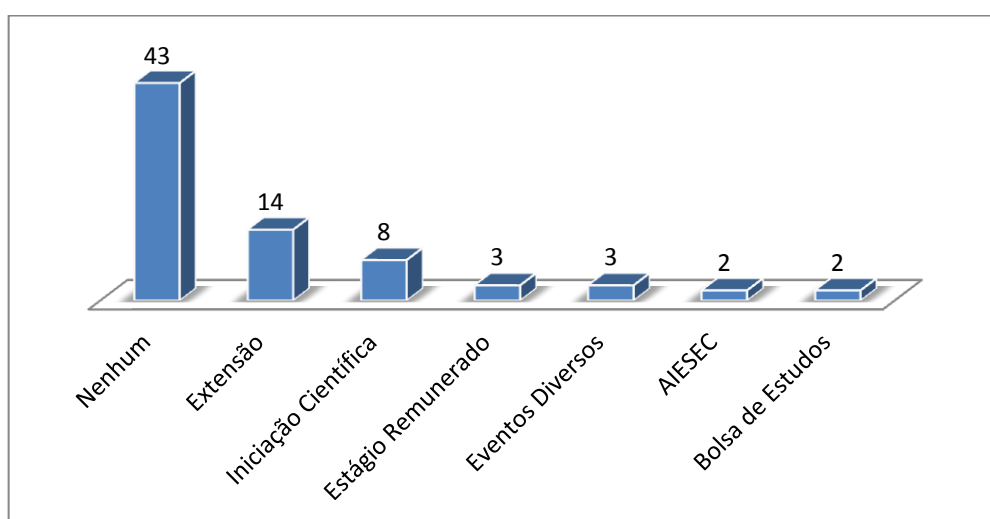
Afirmação	Média	Moda
Tornei-me mais aberto ao diálogo com pessoas de culturas diferentes	4,6	5
Apreendi um idioma estrangeiro	4,2	5
Tornei-me fluente em português	4	5
Desenvolvi maior autonomia na organização dos estudos e da minha vida particular	4	5
Tive / terei vantagens na entrevista de emprego por ter morado no exterior	4	5
Apreendi conteúdos que não teria acesso em minha instituição	3,9	5
Incentivou-me a buscar possibilidades de formação (cursos, programas de pesquisa, extensão) complementares às disciplinas cursadas	3,7	5
Criei um diferencial na disputa de vagas no mercado de trabalho	3,5	4
Tive acesso a ideias que me permitiram vislumbrar uma possibilidade de negócio em meu país	3,2	3
Encontrei possibilidade de trabalho no Brasil	2,5	3
Encontrei possibilidade de abertura de negócio no Brasil	2,1	1
Tenho dificuldade de comunicação com colegas provenientes de ambientes culturais distintos	1,3	1

Pode-se perceber que os resultados estão de acordo com o que foi relatado na etapa qualitativa e também na pesquisa quantitativa. Todas as afirmativas que mencionam um desenvolvimento positivo aos estudantes ficaram com média e moda acima de 3, ou seja, 0,5 pontos acima do centro das questões, que é 2,5. Destaque para o fato de que se tornaram mais abertos ao diálogo com culturas diferentes, que foi quase unanimidade a resposta “concordo totalmente”, além de ser 5 o valor da moda. Boa parte das sentenças tiveram moda 5, o que

indica que grande parte dos respondentes concordam totalmente com os desenvolvimentos pessoas e profissionais mencionados acima.

Tendo em vista que a participação dos estudantes em atividades extracurriculares colabora para melhorar a experiência pessoal e profissional na Universidade, foi questionado aos estudantes se já haviam participados de atividades de extensão, iniciação científica, estágio remunerado, empresa Júnior ou da ONG AIESEC. Conforme o gráfico abaixo, é possível perceber que apenas 32 (44%) estudantes participaram de alguma atividade, sendo em sua maioria cursos de extensão. Se levarmos em consideração que o curso de Português Para Estrangeiros é um curso de extensão, percebe-se que a estatística para outras atividades é ainda menor. A grande maioria 43 (59%) dos entrevistados não participou de nenhuma atividade.

Figura 9– Participação em Atividades extracurriculares



Assim, percebe-se que a participação em atividades extracurriculares poderia ser mais incentivada por parte da Universidade, a fim de que potencializar o impacto de sua experiência no país. As atividades mencionadas estão ao alcance do estudante, porém a sua não participação pode indicar a falta de interesse por parte dos alunos ou a falta de incentivo ou o não conhecimento de sua existência, sendo estes dois últimos responsabilidade da universidade.

Os dados e relatos acima deixam claras as diversas e importantes contribuições que a mobilidade acadêmica trouxe para os estudantes, seja no âmbito pessoal quanto no profissional e acadêmico. De acordo com Tomazzoni e Oliveira (2013), manter o seu próprio

bem estar no local de destino do seu intercâmbio já pode ser considerado um desafio, e batalhar para cumprir esta simples tarefa promove um considerável desenvolvimento pessoal.

Foram enumerados mais de vinte aspectos diferentes em cada caso nesta pequena amostra de estudantes, desde desenvolvimento de características importantes para o crescimento destes estudantes como seres humanos, até literalmente converter para uma mudança em suas vidas, conforme alguns depoimentos. Com relação ao profissional, a pesquisa quantitativa constatou que as contribuições foram muito além da língua portuguesa, principal fator mencionado pelos estudantes nas entrevistas em profundidade.

7.2.5 Avaliação da RELINTER

De acordo com os serviços elencados na etapa qualitativa, foram elaboradas algumas sentenças para que os estudantes de mobilidade acadêmica indicassem seu grau de concordância com as mesmas, atribuindo valores de 1 a 5, sendo 1- discordo totalmente e 5 – concordo totalmente. Os resultados foram analisados pela média dos valores atribuídos e pelo valor mais citado (Moda), conforme tabela a seguir.

Tabela 10 – Avaliação dos serviços prestados pela RELINTER

RELINTER	Média	Moda
Sempre que precisei tive auxílio da RELINTER	4,2	5
As informações prestadas pela RELINTER eram claras e objetivas	4,1	5
Havia divulgação de passeios, integrações, informações e dicas em geral para aproveitar a cidade	3,5	3
O processo de matrícula foi rápido	3,4	4
A busca por acomodação foi difícil	3,1	4
Recebi auxílio para encontrar acomodação (local para morar no período)	3	3
O processo de regularização no país foi rápido e simples	3	3
Tive problemas com o processo de matrícula no curso	2,1	1
A UFRGS está preparada para receber alunos estrangeiros	4,1	5

A sentença melhor avaliada com relação à RELINTER foi com relação ao auxílio prestado aos estudantes. Com uma média de 4,2 pontos e moda 5, grande parte dos estudantes concordam totalmente com “sempre que precisei tive auxílio da RELINTER”. Quanto às informações prestadas pela RELINTER, a média também foi positiva, com 4,1 e moda 5, indicando que eram claras e objetivas. Já com relação à divulgação de atividades em geral, a

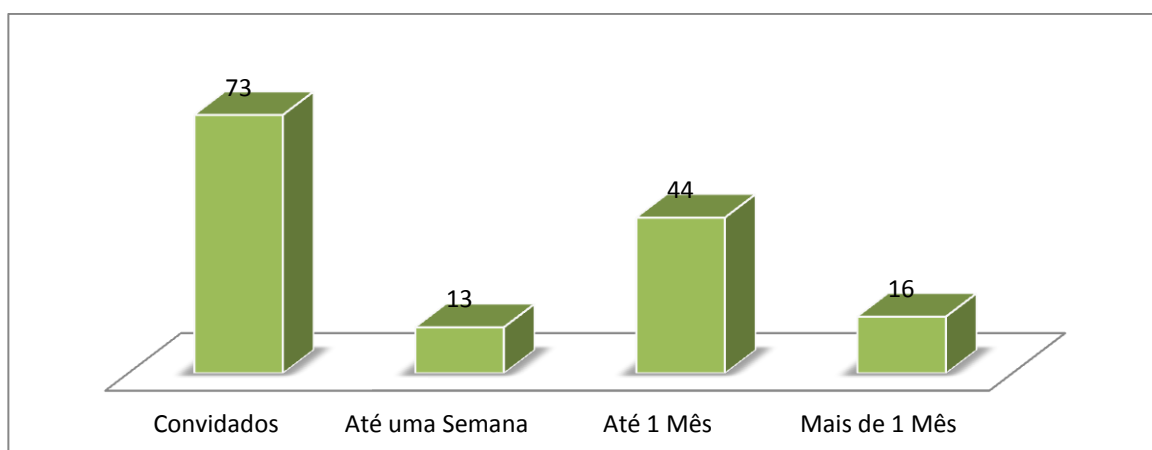
média continua acima do centro, porém está mais baixa do que as primeiras sentenças, além de a moda ter baixado para 3. Aqui a busca por acomodação merece destaque, uma vez que a sentença “a busca por acomodação foi difícil” ficou com a média acima do centro (3,1), além de a maioria dos estudantes terem optado pelo valor 4. Esta questão já havia sido mencionada pelos entrevistados na etapa qualitativa, e agora foi confirmada a dificuldade encontrada neste sentido.

O processo de matrícula e de regularização no país foram incluídos nas opções por mera curiosidade, uma vez que ambos não são de responsabilidade da RELINTER. De qualquer maneira, é interessante perceber que o processo de matrícula foi relativamente rápido e não houveram maiores problemas. Quanto à regularização, sabe-se os problemas burocráticos que existem no país, então pode-se considerar positiva a média e a moda ter sido 3, ainda assim maior que o centro.

Alguns serviços prestados pela RELINTER não foram citados no quadro acima, como é o caso do “amigo brasileiro”, no qual estudantes brasileiros da UFRGS, de preferência do mesmo curso do estudante de mobilidade, se voluntariam para ajudá-los com eventuais dúvidas que possam surgir com relação ao seu intercâmbio. Do total de respondentes, 38 (52%) afirmaram terem sido contemplados com o serviço, enquanto 35 (48%) estudantes não tiveram um amigo brasileiro.

Foi questionado também sobre o evento de integração que acontece no Salão de Atos, e 100% dos respondentes afirmaram terem sido convidados a participar do mesmo. Conforme indica o gráfico abaixo, 44 (60%) dos estudantes foram convidados até 1 mês após a sua chegada em Porto Alegre. O mais indicado seria que fossem convidados até uma semana de sua chegada, como aconteceu com 13 (17%) dos casos, porém os próprios alunos julgam ser compreensível a RELINTER esperar a chegada de todos os estudantes para realizar o evento.

Figura 10– Evento de Recepção



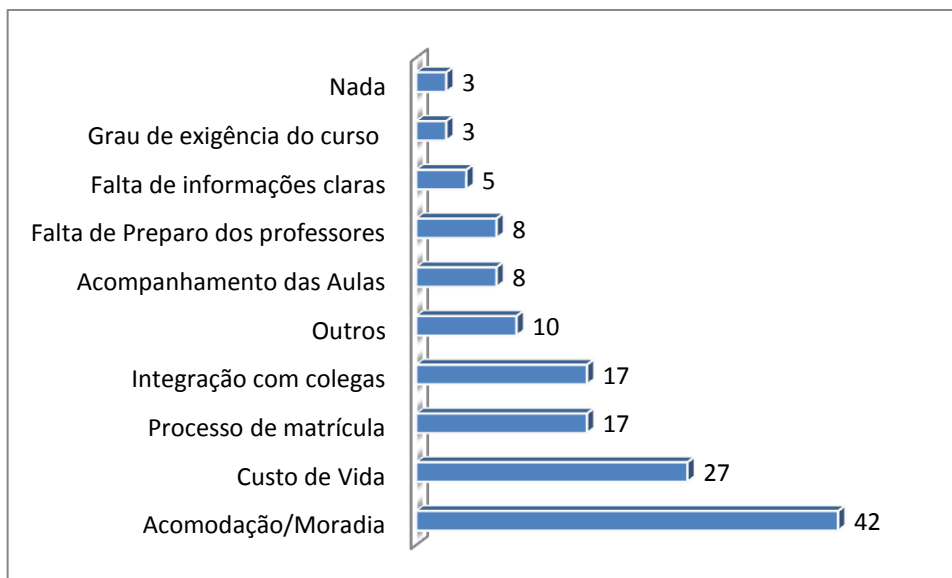
Conclui-se que o atendimento prestado pela RELINTER foi considerado muito bom pelos estudantes em mobilidade acadêmica, e de acordo com a última sentença da tabela, a UFRGS parece estar preparada para receber intercambistas. A média desta avaliação ficou em 4,1 e a maioria dos estudantes “concorda totalmente” com a afirmativa. Saber lidar com a presença de estudantes estrangeiros é o primeiro passo dos muitos que ainda precisa desenvolver para que a Universidade tenha sucesso em seu processo de internacionalização. Conforme afirma Qiang (2003), a internacionalização não pode ser considerada uma série de atividades isoladas, mas envolve um processo dinâmico de ensino, pesquisa e prestação de serviço à sociedade, o qual integra e torna mais sustentável o ambiente acadêmico internacional.

Sabe-se que a RELINTER e a UFRGS têm muito a melhorar e desenvolver com relação a estudantes estrangeiros, principalmente pelo crescimento acelerado no número de intercambistas nos últimos anos. Entretanto, de acordo com a grande maioria dos estudantes respondentes desta pesquisa, parecem estar no caminho certo rumo à internacionalização.

7.2.6 Maiores dificuldades

Foi elaborada uma questão com nove opções com as possíveis dificuldades encontradas pelo estudante de mobilidade acadêmica durante o seu intercâmbio no Brasil, além de um espaço aberto para que escrevessem livremente outras dificuldades não listadas na pergunta. Os estudantes escolheram até 3 opções cada um, e os resultados obtidos encontram-se no gráfico abaixo:

Figura 11 – Dificuldades encontradas



A maior dificuldade encontrada, como já havia sido mencionada em outros momentos deste estudo, foram questões de acomodação e moradia, a qual foi citada por 42 (57%) estudantes. Conforme mencionado anteriormente, as opções em Porto Alegre são caras e normalmente exigem um fiador, algo difícil de conseguir para quem não tem conhecidos na cidade. O segundo aspecto mais mencionado foi o custo de vida, considerado alto por 27 respondentes. O processo de matrícula e integração com os colegas brasileiros também ganharam destaque, uma vez que 17 optaram por cada opção. Este aspecto também já havia sido mencionado anteriormente, e embora o gaúcho seja considerado um povo muito fechado, é normal haver esta segregação nas turmas. Em contrapartida, foi sugerido pelos próprios entrevistados que criassem associações de estudantes brasileiros que promovessem atividades a fim de integrar os alunos, uma vez que iniciativas como estas já existem em suas universidades e melhoram bastante este problema.

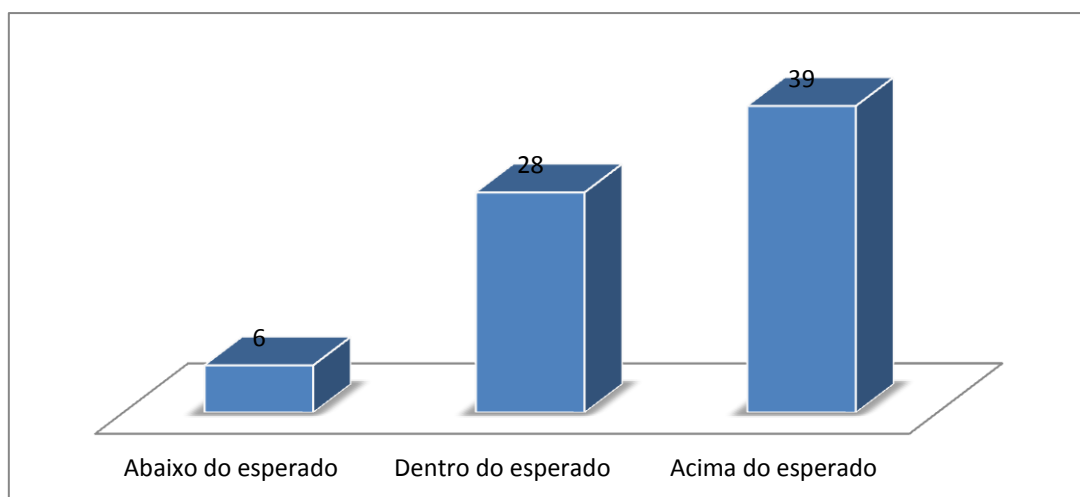
Dificuldades como acompanhamento das aulas e falta de preparo dos professores foram menos recorrentes, assim como a falta de informações claras e o grau de exigência do curso, porém é válido uma pesquisa mais aprofundada do porquê estas alternativas foram assinaladas por esta quantidade de alunos. Em “outros”, incluem-se pontualidades como greve no curso na época de seu intercâmbio, transportes públicos deficientes em Porto Alegre, o fato de o Campus do Vale ser muito longe, a falta de vaga para estudantes estrangeiros em matérias escolhidas, horário das aulas e trâmites envolvendo a Polícia Federal. Estas dificuldades podem ser encontradas por qualquer aluno de Universidades Públicas situada em

um país em desenvolvimento, e acredita-se que não tenham relevância significativa para este estudo. Por fim, para 3 dos estudantes entrevistados, não houve nenhuma dificuldade encontrada – espera-se que este número seja cada vez maior.

7.2.7 Expectativas

Foi questionado aos estudantes como ficaram suas expectativas (se abaixo, dentro, ou acima do esperado) com relação à mobilidade acadêmica realizada na UFRGS, e as respostas ocorreram conforme o gráfico abaixo.

Figura 12 – Expectativas com relação à mobilidade acadêmica



A maioria dos respondentes 39 (53%) tiveram suas expectativas cumpridas, com casos de estudantes que consideraram a melhor experiência de suas vidas até o momento, e muitos são gratos à Universidade pela oportunidade concedida, conforme percebido através dos relatos supracitados. Foram 28 (38%) estudantes que tiveram as suas expectativas dentro do esperado, e apenas 6 (8%) que tiveram suas expectativas frustradas, porém cabe uma análise aprofundada das respostas destes alunos.

Com relação às 6 avaliações que estavam abaixo do esperado, estas se devem provavelmente a problemas de aspectos variados que ocorreram durante a experiência dos estudantes. Chegou-se a esta conclusão através dos relatos destes estudantes detalhados na pergunta “O que você acha que poderia ter sido melhor com relação a sua mobilidade na UFRGS?”, a qual estava aberta para críticas e sugestões. Nos relatos, foi mencionado por um estudante que a ajuda aos estudantes estrangeiros é praticamente inexistente, e que o grau de abertura dos colegas do curso de Economia foi ainda menor. Outro aluno critica o custo de

vida em Porto Alegre, considerado muito alto, e ainda achou a cidade muito perigosa, sem especificar exatamente o porquê de sua opinião. Outros dois estudantes comentaram ainda sobre os brasileiros serem fechados a estrangeiros, e que as cadeiras cursadas na UFRGS não estavam relacionadas com o curso no seu país.

Outros dois estudantes escreveram os depoimentos abaixo, envolvendo o descaso das secretarias dos cursos no primeiro caso, e uma crítica importante à organização da UFRGS. No segundo caso, a estudante expõe as condições da casa do estudante e também o descaso da RELINTER para com ela, que foi ignorada ao expor os problemas que estava encontrando.

[...] Para ter sido melhor, só se a UFRGS tivesse outro tipo de organização. Estou falando de problemas orgânicos da própria UFRGS que prejudicam todas as pessoas que a contatam. Mais especificamente das secretarias que não se comunicam entre si e que têm os seus processos muito complicados e lentos. O que à partida seria a simples matrícula nas disciplinas foi extremamente difícil e não tive o auxílio de ninguém. Tive de percorrer cerca de 6 secretarias de departamentos diferentes durante mais de 1 mês, insistindo e incomodando e sendo incomodado até conseguir ficar matriculado regularmente. Em cada uma das secretarias aconselhavam-me a ir na seguinte para lá insistir com os funcionários para "dar uma agilizada". Sendo que a responsabilidade era sempre da "outra" secretaria. Foi uma infeliz prova de má organização;

[...] Definitivamente el lugar donde vivir. Si bien según mi beca la UFRGS debía proveerme alojamiento, no se especifica las condiciones de ese alojamiento. Vivo hacinada en un cuarto de 8 a 11 personas, enfrente a la cocina que es utilizada por 450 personas y nadie la limpia. Por lo que el mal olor es usual y la presencia de cucarachas. Tenemos goteras en el techo, nos roban y tocan música hasta las 3 de la mañana en la sala de música al final del corredor por lo que no se puede dormir. Muchas veces ni el ascensor anda, así que tengo que subir los 9 pisos por escaleras. Ya envié 6 mails a RELINTER y no obtuve ninguna respuesta, solo promesas de hablar con la directora de la casa.

Vale ressaltar que aqui estamos analisando comente um lado das partes envolvidas, relatado sob a perspectiva dos estudantes que pode não ser inteiramente verdadeira. De qualquer maneira, estes problemas geraram incômodo aos estudantes, impactando na qualidade de seu intercâmbio, e em alguns casos levando-os a uma experiência desagradável. Desta forma, estes depoimentos devem no mínimo ser considerados e discutidos pela UFRGS e os órgãos envolvidos, para evitar que ocorra algo semelhante no futuro, procurando melhorar sempre a qualidade do apoio prestado ao estudante estrangeiro.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve como objetivo analisar como foi o processo de mobilidade acadêmica vivenciado pelos estudantes estrangeiros que optaram pela UFRGS para realizar seu intercâmbio. O trabalho buscou verificar o perfil destes estudantes, o que os motivaram a escolher esta instituição de ensino para vivenciar esta experiência, e de que formas ela contribuiu para sua formação pessoal e profissional. A partir dos resultados obtidos, caso se mostre necessário, propor melhorias aos gestores da UFRGS e da RELINTER, órgão responsável pelo apoio ao estudante de mobilidade acadêmica na universidade. A coleta de dados se deu através de entrevistas qualitativas, durante as quais os estudantes compartilharam suas opiniões, sensações, experiências e percepções. A etapa quantitativa procurou fortalecer e afirmar os resultados obtidos nas entrevistas exploratórias, através de uma amostra maior de respondentes do grupo de estudantes de mobilidade acadêmica.

O **perfil dos estudantes estrangeiros** é jovens na faixa dos 20 a 30 anos, provenientes de países Africanos, Latino Americanos e Asiáticos no caso dos participantes do Programa PEC-G (uma vez que o Programa contempla somente estes continentes) e principalmente de países da Europa e América Latina no caso dos estudantes de mobilidade acadêmica. Em ambos os casos, suas universidades tinham algum programa de parceria acadêmica com a UFRGS. Não existe um curso que seja predominante para os dois grupos amostrais, sendo este quesito bem heterogêneo, e o tempo de permanência do intercambista na universidade depende do programa de mobilidade na qual ele participa – na amostra coletada o tempo variou de 6 meses a 6 anos.

Os **principais motivos da escolha dos estudantes pela UFRGS** que apareceram durante a etapa qualitativa foram a qualidade do ensino, o fato de a universidade estar situada em Porto Alegre e, conseqüentemente, as atribuições da cidade, a indicação de amigos e o próprio acaso, que por motivos variados trouxe os intercambistas para o Brasil, sendo os dois primeiros motivos os mais recorrentes entre os entrevistados. Na pesquisa quantitativa, estes motivos foram confirmados, além de surgirem outros, como aprender português, e o interesse em trabalhar no Brasil futuramente.

Todos os entrevistados afirmaram que a **experiência contribuiu muito para suas vidas, tanto no âmbito pessoal quanto no profissional e acadêmico**. Quesitos como conhecer pessoas novas, aprender a tomar conta de si mesmo sozinho, ter mais responsabilidades e lidar com situações inusitadas do dia a dia foram os mais mencionados no âmbito pessoal. No profissional, aprender uma nova língua não tão comumente falada foi

unanimidade entre os estrangeiros, além de ter tido acesso a uma nova visão de conhecimento acadêmico em suas áreas. O intercâmbio como experiência valorizada por empresas de todo o mundo também foi mencionado, e em casos mais extremos, a mobilidade na UFRGS foi um meio de se encontrar profissionalmente, por ter sido o primeiro passo para a continuidade de sua carreira na área que cursaram aqui.

Comparando a experiência dos dois grupos de estudantes, foi possível constatar que aprendizado pessoal e profissional foi mais marcante para os estudantes proveniente do Programa PEC-G do que para os estudantes de mobilidade acadêmica, uma vez que os PEC-G são provenientes de países em desenvolvimento, e provavelmente não teriam acesso a uma educação de qualidade como a da UFRGS em seus países de origem. Além disso, os mesmos cursam toda a graduação no Brasil, o que implica em mais tempo fora de casa, mais amadurecimento por estar longe da família, etc. no âmbito pessoal e o próprio diploma no âmbito profissional, enquanto a experiência dos estudantes de mobilidade é mais curta e menos intensa. Outra diferença interessante é que alunos do PEC-G afirmaram que consideram o Brasil um país preconceituoso, uma vez que vários de seus amigos conterrâneos já passaram por situações constrangedoras envolvendo racismo em Porto Alegre, enquanto os alunos de mobilidade acadêmica disseram não ter tido qualquer problema. Esta análise não foi aprofundada para saber os motivos desta diferença, mas a percepção foi clara.

Com relação ao **suporte prestado pela RELINTER**, o mesmo foi avaliado somente pelos estudantes de mobilidade acadêmica, uma vez que a secretaria não possui responsabilidade formal pelos participantes do Programa PEC-G. A avaliação geral foi muito bom, com destaque para o atendimento dos funcionários, que foi bastante elogiado, a divulgação de informações de forma clara e objetiva e o evento de recepção, o qual todos foram convidados e afirmaram ter sido muito bom. A questão da acomodação foi lembrada em ambas as etapas de pesquisa por ter sido difícil de conseguir moradia a preços acessíveis.

Quanto aos **aspectos que poderiam ser melhorados**, foram mencionados o auxílio para encontrar moradia, a falta comunicação e informação, e as atividades de integração, sendo os dois primeiros os mais recorrentes entre os entrevistados. A comunicação com os estudantes e a troca constante de informações foi citada pois mencionaram que nem todos ficam sabendo de todas as oportunidades que a UFRGS oferece aos intercambistas, ou de eventos e atividades que estão acontecendo no campus, por exemplo. Quanto às atividades de integração, os estudantes afirmaram que a RELINTER poderia se envolver mais nesse quesito, no sentido de facilitar principalmente a interação entre estudantes brasileiros e estrangeiros, que foi considerada difícil de acontecer pelos entrevistados. Muitos deles vêm

com uma expectativa alta de integração com os brasileiros, pois sabe que é um povo aberto e receptivo. Porém, acabam ficando frustrados quando percebem que os alunos são mais fechados do que imaginavam. Esta é uma questão cultural dos gaúchos, que difere do padrão brasileiro e que é importante ser levada em consideração. Portanto, primeiramente, esta particularidade da cultura gaúcha poderia ser comunicada em alguma espécie de guia pré-intercâmbio, informando-os que somos um povo mais frio, para que possam chegar preparados.

8.1 SUGESTÕES DE PROPOSTAS DE MELHORIA

A fim de diminuir a distância entre os estudantes brasileiros e estrangeiros, a UFRGS poderia criar formas de incentivar a interação entre eles, através do desenvolvimento de associações estudantis que ajudassem a RELINTER a prestar este atendimento, conforme sugestão de um entrevistado. Segundo ele, esse tipo de ação já ocorre em universidades francesas, e os estudantes são responsáveis por grande parte da experiência do estrangeiro, desde recepção no aeroporto até a organização de festas e atividades de integração. Esta medida seria benéfica não só para os estrangeiros, mas também para os estudantes brasileiros: além de incentivá-los a interagir com intercambistas, aprenderiam a gerenciar uma organização, com a oportunidade de aprender sobre gestão financeira, recursos humanos, administrativas e comerciais em uma primeira experiência prática.

Apesar de os professores terem sido muito elogiados pelo modo com que lidam com os intercambistas, atualmente não existe nenhum tipo de preparação dos profissionais para lidar com estes estudantes “especiais”. Isto poderia ser melhor trabalhado pela UFRGS na forma de cursos e treinamentos básicos sobre como lidar com um estrangeiro em aula, mencionando alguns cuidados e técnicas para garantir um melhor resultado do estudante e da própria interação com a turma. Muitos professores não dão a devida importância aos estrangeiros em sala de aula, nem à contribuição que poderiam dar para a turma. Por ser uma novidade, os alunos brasileiros estão naturalmente curiosos a respeito de suas vidas, e esta questão poderia ser mais explorada, inclusive com associações à matéria estudada, tornando a aula mais atrativa. Poderiam ser realizadas comparações e compartilhadas experiências sobre como funciona determinado assunto em seu país, gerando uma troca rica para todos, e cabe principalmente ao professor incentivá-los a participar.

Com relação à comunicação e informação, a RELINTER poderia criar um canal de comunicação direta com os estudantes estrangeiros, onde fossem postadas todas as

informações pertinentes durante o período de mobilidade acadêmica. O canal seria uma espécie de portal desvinculado do site da UFRGS, onde cada aluno receberia sua senha e pudesse acessá-lo quando necessário. Lá constariam informações desde sobre a cultura e os costumes gaúchos, explicando um pouco mais como é um povo fora do padrão brasileiro, além de como preparar-se para a vinda ao Brasil até atualizações e novidades pertinentes aos intercambistas. Desta forma, as informações estariam concentradas em um só local, evitando retrabalho de atualizá-las em mais de uma plataforma, ou reclamações de estudantes que não as receberam.

Quanto à burocracia e demora no envio de documentos, a fim de não comprometer as expectativas dos estudantes de mobilidade acadêmica, a RELINTER poderia informá-los antes mesmo de sua chegada ao Brasil sobre o funcionamento dos procedimentos do país nestes aspectos. Sabemos que aqui tudo é muito burocrático e demorado, mas os estrangeiros não vêm preparados para a demora e acabam ficando frustrados. A melhor saída é deixar todos os estudantes avisados, até mesmo para não confundirem a demora da Polícia Federal e outros órgãos públicos com o trabalho da RELINTER. Percebeu-se que os estudantes que vieram conscientes da demora que encontrariam tiveram ficaram menos decepcionados, aceitando melhor esta deficiência dos órgãos públicos brasileiros.

A UFRGS poderia estar mais aberta a ouvir o que os estudantes têm a dizer sobre suas experiências, e tornar um hábito reunir-se periodicamente com estudantes dispostos a sugerir melhorias quanto ao suporte prestado ao estrangeiro. A sugestão seria criar um espécie de “embaixadores” que representassem os estudantes de cada tipo de mobilidade acadêmica, levando aos profissionais da RELINTER um compilado de sugestões levantadas por todos os alunos do grupo que representam. Desta forma, esta pessoa seria o ponto de contato da RELINTER com os estudantes para comunicação e troca de informações relevantes.

Outra sugestão do pesquisador é com relação à questão da moradia, a qual é extremamente importante aos estudantes estrangeiros. Muitos chegam com pouco dinheiro e acabam gastando bastante com hostels ou hotéis até acharem um local definitivo para morar. A RELINTER poderia criar uma parceria com imobiliárias locais, a fim de que criassem uma condição especial de aluguel para estudantes vinculados com a UFRGS, que envolvessem menos burocracias das quais os estrangeiros não tem como cumprir. Outra sugestão é que a própria RELINTER alugasse apartamentos próximos aos *Campus* da Universidade que fossem destinados exclusivamente a estudantes estrangeiros, criando assim uma espécie de república para acomodá-los pelos menos temporariamente, para que não precisassem gastar tanto dinheiro até achar um local mais adequado.

Algumas universidades possuem também um sistema interno de busca das acomodações conveniadas, onde os estudantes antes mesmo de chegar ao país podem escolher sua moradia online. A relação de locais é exposta nesta plataforma, bem como informações pertinentes de cada uma: valor do aluguel, número de quartos, localização com base na Universidade, quantas pessoas comporta, utensílios existentes, e até o sexo dos seus futuros companheiros de apartamento, caso alguém já a tenha escolhido antes. Desta forma, os estudantes chegam na cidade e já são direcionados ao seu futuro lar.

Estas são apenas algumas sugestões que são relativamente simples de serem implementadas e que fariam muita diferença na experiência dos estrangeiros na UFRGS e, conseqüentemente, na experiência acadêmica de outras pessoas. Medidas como estas poderiam surgir inclusive através de sugestões dos estudantes, que se mostraram muito receptivos a contribuir com a melhoria dos processos – basta apenas ter alguém disposto a ouvi-los.

8.2 SUGESTÕES PARA APROFUNDAMENTO DESTE TRABALHO

É importante ressaltar que este trabalho foi realizado como requisito parcial para a obtenção de grau bacharel, não havendo tempo e recursos suficientes para aprofundar certos aspectos da pesquisa. Desta forma, o estudo aborda questões sobre o intercâmbio de estudante na UFRGS de forma superficial, mas abre portas para muitos futuros trabalhos sobre o tema. Uma oportunidade seria realizar o estudo quantitativo que foi feito com os estudantes de mobilidade acadêmica também para os estudantes do Programa PEC-G, a fim de ter uma melhor comparação sobre a experiência de ambos.

Com relação à busca por acomodação, este estudo abre portas para verificar qual alternativa os estudantes encontram quando chegam ao país, uma vez que o auxílio prestado pela RELINTER foi considerado nulo, e que encontraram muitas dificuldades em encontrar moradia. Em uma conversa informal com estudantes estrangeiros, os mesmos afirmaram que é usual estudantes africanos se agruparem com chineses a fim de dividir um apartamento, por exemplo. Um estudo que analisasse o porquê destas afinidades culturais entre países distintos se tornaria muito interessante. Seguindo estas questões culturais, existe a oportunidade de aprofundar a análise do porque somente os estudantes do PEC-G sofrem com as questões raciais. Será somente pelo fato de serem negros ou existem questões culturais, como postura e comportamento que instigam o comportamento discriminatório pelos brasileiros? Esta é uma questão interessantíssima de se analisar.

Outro quesito que foi extremamente superficial e que teria margem para um aprofundamento é com relação ao processo de matrícula, o qual é bastante complexo e para cada tipo de mobilidade existem suas peculiaridades. Um estudo futuro poderia refinar sobre quais mecanismos deste processo poderiam ser melhorados, a fim de torná-lo menos burocrático e demorado. O mesmo ocorre com o interesse profissional no Brasil, o qual já foi mencionado anteriormente. Aspectos como o porquê deste interesse no país, se o interesse muda conforme o país de origem dos estudantes e se o mesmo se dá a longo ou curto prazo poderiam ser explorados em uma pesquisa futura.

Enfim, as oportunidades de continuação desta pesquisa são imensas, principalmente por haver poucos estudos sobre o assunto até o momento presente. Mais ainda, porque a internacionalização das instituições de ensino superior está sendo cada vez mais importantes para que as mesmas se tornem competitivas em um mercado globalizado. A consequência de todo este processo é que cada vez mais aumente o número de estudantes estrangeiros na UFRGS e em universidades de todo o mundo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTBACH, Philip G; KNIGHT, Jane. The Internationalization of Higher Education: Motivations and Realities. **The NEA 2006 Almanac of Higher Education**, Washington, p. 290-305, 2006.

APARICI, Roberto. **Ensino, Multimídia e Globalização**. Comunicação & Educação, São Paulo, n. 14, p 056- 067, jan./abr. 1999.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas**. [2012]. Disponível em:
<http://www.turismo.gov.br/export/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/Turismo_de_Estudos_e_Intercxmbio_Versxo_Final_IMPRESSxO_.pdf>. Acesso em: 07/06/2014.

DE WIT, Hans. **Internationalization of hight education in the United States and Europe: A historical, comparative and conceptual analysis**. Westport, Connecticut: Greenwood, 2001. 288p.

DOLLAR, David; KRAAY, Aart. **Trade, Growth and Poverty**. Development Research Group. The World Bank. 45p. 2001

FEIJÓ, Rosemeri Nunes. **A Internacionalização da Educação Superior no Brasil: um estudo de caso de alunos estrangeiros do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social/UFRGS**. 2013. 109f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

FONSECA, J.J.S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002. 127p. Apostila.

FREITAS, Maria E. **A mobilidade como novo capital simbólico nas organizações ou sejamos nômades?** Salvador, v.16, p. 247 – 264. 2009.

GACEL-Ávila, J. **The internationalization of higher education: a paradigm for global citizenry**. Journal of Studies in International Education, v. 9, n. 2, p. 121- 136, 2005.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GREEN, Madeleine; BARBLAN, Andris; ECKEL, Peter. The brave new (and smaller) world of higher education: a transatlantic view. **American Council on Education**, Washington, 2002.

Hanvey, R.: **An attainable global perspective**. New York: American Forum for Global Education, 1982.

HIRA, Anil. The brave new world of international education. World Economy, Burnaby, Canada. v. 26, p. 911-931, jun. 2003

KNIGHT, J. Internationalization remodeled: definition, approaches, and rationales. **Journal of Studies in International Education**. v. 8, n. 1: p 5-31, 2004.

KNIGHT, J. **Internationalization: management strategies and issues**, International Education magazine, v.9, 1993, p.21-22.

Mestenhauser, J. **Internationalisation of higher education: A cognitive response to the challenges of the twenty-first century**. International Education Forum, v.18, 1998, p. 3-7.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Manual do Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)**. Rio de Janeiro, 2000. Disponível em: http://www2.fcfar.unesp.br/Home/Graduacao/MANUAL_PECG.pdf. Acesso em: 20/06/2014.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. DCE. **Programa de Estudantes-Convênio de Graduação (PEC-G)**. Brasília, [1965]. Disponível em <http://www.dce.mre.gov.br/PEC/PECG.php#tab1>. Acesso em: 20/06/2014.

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES. Brasília, 2014. Disponível em <http://www.itamaraty.gov.br/>. Acesso em: 20/06/2014.

MIURA, I. K. **O Processo de internacionalização da universidade de São Paulo: um estudo de três áreas do conhecimento**. Tese de Livre Docência, São Paulo, FEA-RP, 12p. 2006.

MUELLER, Cristiana V. **O Processo de Internacionalização do Ensino Superior: um estudo de caso da Universidade Superior do Rio Grande do Sul**. 2013. 178f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer projetos, relatórios, monografias, dissertações e teses**. 5a ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

PIMENTA, Ricardo Dias. **Internacionalização de Escolas de Negócios: Análise do Processo de Internacionalização da Fundação Dom Cabral**. 2006. 156f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Programa de Pós-Graduação em Administração, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2006.

Programa AUGM – Escala estudantil: Disponível em: <http://www.grupomontevideo.org/escala/index.php/pt/>. Acesso em: 22/06/2014.

Programa Brafitec: Disponível em: <http://www.capes.gov.br/cooperacao-internacional/franca/brafitec>. Acesso em: 22/06/2014.

Programa Marca: Disponível em: http://programamarca.siu.edu.ar/acerca_portugues.php. Acesso em: 22/06/2014.

Programa Santander Universidades: Disponível em: <http://www.santanderuniversidades.com.br/Paginas/home.aspx>. Acesso em: 22/06/2014.

Programa ERASMUS: Disponível em: <http://www.esn.org/> e <http://www5.uva.es/munduslindo/>. Acesso em: 22/06/2014.

QIANG, Zha. Internationalization of higher education: towards a conceptual framework. **Ontario Institute for studies in Education**, University of Toronto, Canada. Policy Futures in Education, v.1, n2, p. 248 – 270, 2003.

RAMOS, José Maria Rodriguez. **Dimensões da Globalização: comunicações, economia, política e ética**. São Paulo: FAAP, 2002. 3p.

SEBBEN, Andrea Simões. **Um estudo exploratório sobre o intercâmbio cultural com a contribuição da psicologia intercultural e da educação intercultural**. 2001. 266f. Dissertação (Mestrado Em Psicologia) - Centro de Filosofias e Ciências Humanas. Universidade Federal Santa Catarina, Florianópolis, 2001.

STALLIVIERI, Luciane. **O Processo de Internacionalização das Instituições de Ensino Superior**. Caxias do Sul: Universidade Federal de Caxias do Sul, 2002. 30p.

STALKER, Peter. **Workers Without Frontiers: The Impact of Globalization on International Migration**. United States of America: International Labour Organization, 2000.163p.

TAMIÃO, Talita. O intercâmbio cultural estudantil: uma discussão sobre o diferencial trazido na “bagagem” do estudante. In: Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, VII, 2010, São Paulo. **Anais...**São Paulo: Universidade Anhembi Morumbi – UAM, 20 e 21 set. 2010. 14f.

TOMAZZONI, Edegar L.; OLIVEIRA, Caroline C. Turismo de Intercâmbio: Perfis dos Intercambistas, Motivações e Contribuições da Experiência Internacional. **Revista Turismo Visão e Ação**. Itajaí. v. 15, n. 3, p 388 -408, set./dez. 2013.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Plano de Gestão**. Porto Alegre, [2009]. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/a-ufrgs/plano-de-gestao>. Acesso em: 07/06/2014.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Plano de desenvolvimento institucional UFRGS 2011-2015**. Porto Alegre, 2010. Disponível em <http://www.ufrgs.br/ufrgs/arquivos/pdi-2010>. Acesso em: 13/06/2014 .

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Site da Universidade. Porto Alegre, [2014]. Disponível em <http://www.ufrgs.br>. Acesso em: 10/05/2014.

WORLD BANK. **Globalization, Growth, and Poverty: Building an Inclusive World Economy**. Oxford: Oxford University Press. 2002. 174p.

ANEXO A – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual seu nome, idade, nacionalidade?
2. Qual o seu tipo de mobilidade acadêmica?
3. Qual o nome do curso no seu país e em qual curso está matriculado na UFRGS?
4. Há quanto tempo está estudando/estudou/vai estudar na UFRGS?
5. Porque escolheu o Brasil para realizar seu intercâmbio?
6. Porque escolheu a UFRGS para realizar seu intercâmbio?
7. Quais eram suas expectativas antes de chegar ao Brasil/UFRGS?
8. Como foi o suporte prestado pela RELINTER nos trâmites pré-intercâmbio?
 - a. Foi enviado algum tipo de material com explicações e dicas a respeito do País/Cidade/Escola?
 - b. Os funcionários da RELINTER estavam disponíveis auxiliando com dúvidas, respondendo e-mails? Como era a comunicação com a RELINTER?
 - c. Como foi o suporte com relação à sua regularização no país?
 - d. Houve algum suporte com relação à busca de acomodação?
 - e. Houve algum tipo de integração com outros intercambistas ou estudantes da UFRGS antes de sua chegada?
 - f. Como foi a realização da sua matrícula e o suporte da RELINTER neste aspecto?
 - g. Você já sabia quais matérias iria cursar antes da sua chegada?
 - h. Conseguiu vaga nas cadeiras em que desejava?
9. Como foi a sua chegada em Porto Alegre? Alguém foi te recepcionar? Como chegou em sua casa?
10. Houve algum tipo de evento de integração com outros alunos estrangeiros?
11. Você teve um “amigo brasileiro”?
12. Como está sendo o relacionamento/comunicação/suporte para dúvidas em geral com a RELINTER durante o seu intercâmbio?
13. Quando precisou de ajuda os funcionários da RELINTER foram solícitos e estavam dispostos a ajudar?
14. Como é a relação com os professores do seu curso?
15. E com seus colegas brasileiros?
16. Houve o incentivo para a realização de bolsas de pesquisa ou estágio pelos funcionários da UFRGS?

17. Você respondeu alguma pesquisa de satisfação com relação ao seu intercâmbio na UFRGS e o suporte prestado pela RELINTER?
18. Como avalia o seu intercâmbio na UFRGS até o momento? Suas expectativas foram cumpridas?
19. Você sofreu algum tipo de preconceito no Brasil?
20. Qual a principal contribuição do intercâmbio para sua vida pessoal e profissional?
21. O que você acha que poderia ter sido melhor com relação ao seu intercâmbio?
Sugestões.
22. Baseado em sua experiência, você indicaria a UFRGS para um amigo seu? Porque?

ANEXO B – ROTEIRO DE ENTREVISTA II

Análise da mobilidade acadêmica realizada pelos estudantes estrangeiros na UFRGS

Prezado Estudante,

Esta pesquisa faz parte do trabalho de conclusão do curso de Administração de Empresas da UFRGS, que tem como objetivo analisar como foi a experiência que os estudantes de mobilidade acadêmica na universidade.

Precisamos de sua contribuição preenchendo este questionário que pode ser respondido em 5 minutos. Seu anonimato será preservado e os dados analisados em conjunto, nunca individualmente. Ao enviar o questionário preenchido, você está concordando em respondê-lo de forma voluntária, ciente de que seus dados serão utilizados para publicação e divulgação desta pesquisa.

Caso tenha alguma dúvida com relação do preenchimento do questionário, contatar Bruna Todeschini de Quadros através do email: bruna.quadros@gmail.com.

Obrigada desde já pela sua colaboração!

escolha pela UFRGS. Por favor, indique em que medida você concorda com cada uma delas. Sendo 1 para discordo totalmente e 5 para concordo totalmente.

		1	2	3	4	5
a)	Qualidade do ensino	1	2	3	4	5
b)	Baixo custo de vida em Porto Alegre	1	2	3	4	5
c)	Localização da universidade em cidade menor	1	2	3	4	5
d)	O programa de intercâmbio só contemplava a UFRGS	1	2	3	4	5
e)	Aprender português	1	2	3	4	5
f)	Indicação de amigos	1	2	3	4	5
g)	Indicação da sua instituição de origem	1	2	3	4	5
h)	Reconhecimento do curso no seu país de origem	1	2	3	4	5
i)	Reconhecimento da instituição no seu país de origem	1	2	3	4	5
j)	Ser um curso gratuito	1	2	3	4	5
k)	Interesse em trabalhar no país futuramente	1	2	3	4	5

2. Qual foi a PRINCIPAL razão da sua escolha pela UFRGS?

- a) Qualidade do ensino
- b) Baixo custo de vida em Porto Alegre
- c) Localização da universidade em cidade menor
- d) O programa de intercâmbio só contemplava a UFRGS
- e) Aprender português
- f) Indicação de amigos
- g) Indicação de sua instituição de origem

- h) Reconhecimento do curso no seu país de origem
- i) Reconhecimento da Instituição no seu país de origem
- j) Ser um curso gratuito
- k) Interesse em trabalhar no país futuramente
- l) Outro. Qual? _____

3. Ao chegar a Porto Alegre, você foi recepcionado no aeroporto?

- a) Sim. Por quem? _____
- b) Não

4. Você foi acompanhado na Polícia Federal?

- a) Sim. Por quem? _____
- b) Não

5. Você foi convidado a participar do evento de recepção* com outros estrangeiros? *Evento no salão de atos promovido pela RELINTER no qual todos os estudantes se apresentam.

- a) Sim
- b) Não

6. Se sim, quanto tempo após a sua chegada em Porto Alegre aconteceu o evento?

- a) Até 1 semana
- b) Até 1 mês
- c) Mais de 1 mês após a minha chegada

7. Você respondeu alguma pesquisa de satisfação com relação ao seu intercâmbio na UFRGS?

- a) Sim
- b) Não

8. Você teve um “amigo brasileiro” *? *Estudante brasileiro que auxilia com dúvidas com relação ao seu intercâmbio.

- a) Sim
- b) Não

9. Você participou de alguma das atividades abaixo durante o seu intercâmbio na UFRGS?

- a) Iniciação Científica
- b) Atividades de Extensão
- c) Empresa Júnior
- d) AIESEC
- e) Estágio Remunerado
- f) Não participei de nenhuma atividade
- g) Outro. Qual? _____

10. Indique sua satisfação com os serviços listados abaixo durante sua mobilidade na UFRGS. Sendo 1 para discordo totalmente e 5 para concordo totalmente

		1	2	3	4	5
a)	Os funcionários da secretaria do curso foram atenciosos e prestativos sempre que precisei de ajuda	1	2	3	4	5
b)	As informações prestadas pela RELINTER eram claras e objetivas	1	2	3	4	5

c)	As informações prestadas na secretaria do meu curso eram claras e objetivas	1	2	3	4	5
d)	Havia divulgação de passeios, integrações, informações e dicas em geral para aproveitar a cidade	1	2	3	4	5
e)	Recebi auxílio para encontrar acomodação (local para morar no período)	1	2	3	4	5
f)	O processo de matrícula foi rápido	1	2	3	4	5
g)	Os professores estavam preparados para trabalhar com alunos estrangeiros	1	2	3	4	5
h)	Os professores foram atenciosos e prestativos sempre que precisei de ajuda	1	2	3	4	5
i)	A busca por acomodação foi difícil	1	2	3	4	5
j)	Tive problemas com o processo de matrícula no curso	1	2	3	4	5
k)	O processo de regularização no país foi rápido e simples	1	2	3	4	5
l)	Fui acolhido por meus colegas de turma	1	2	3	4	5
m)	Os colegas/alunos do curso auxiliaram nas dúvidas/problemas que tive	1	2	3	4	5
n)	Tive dificuldade em acompanhar as aulas	1	2	3	4	5
o)	Sempre que precisei tive auxílio da RELINTER	1	2	3	4	5
p)	A UFRGS está preparada para receber alunos estrangeiros	1	2	3	4	5

11. Indique os aspectos em que teve maior dificuldade durante sua experiência de mobilidade acadêmica na UFRGS. Até 3 opções.

- Acomodação/Moradia
- Custo de Vida
- Integração/Convívio com colegas
- Acompanhamento das aulas
- Processo de matrícula
- Falta de informações claras
- Falta de preparo dos professores para trabalhar com alunos estrangeiros
- Falta de preparo da RELINTER
- Grau de exigência do curso
- Outro. _____

12. Como você avalia sua relação com:

		Péssima	Ruim	Regular	Boa	Ótima
a)	Técnicos da RELINTER	1	2	3	4	5
b)	Técnicos da secretaria do seu curso	1	2	3	4	5
c)	Professores	1	2	3	4	5
d)	Colegas brasileiros	1	2	3	4	5
e)	Colegas do seu país	1	2	3	4	5
f)	Outros colegas estrangeiros	1	2	3	4	5

13. Indique sua opinião para cada uma das afirmativas abaixo sua concordância a partir da experiência de mobilidade. Sendo 1 para discordo totalmente e 5 para concordo totalmente.

		1	2	3	4	5
a)	Apreendi um idioma estrangeiro	1	2	3	4	5

b)	Tornei-me fluente em português	1	2	3	4	5
c)	Tornei-me mais aberto ao diálogo com pessoas de culturas diferentes	1	2	3	4	5
d)	Apreendi conteúdos que não teria acesso em minha instituição	1	2	3	4	5
e)	Desenvolvi maior autonomia na organização dos estudos e da minha vida particular	1	2	3	4	5
f)	Incentivou-me a buscar possibilidades de formação (cursos, programas de pesquisa, extensão, outros) complementares às disciplinas cursadas	1	2	3	4	5
g)	Tive acesso a ideias que me permitiram vislumbrar uma possibilidade de negócio em meu país	1	2	3	4	5
h)	Criei um diferencial na disputa de vagas no mercado de trabalho	1	2	3	4	5
i)	Tive / terei vantagens na entrevista de emprego por ter morado no exterior	1	2	3	4	5
j)	Tenho dificuldade de comunicação com colegas provenientes de ambientes culturais distintos	1	2	3	4	5
k)	Encontrei possibilidade de trabalho no Brasil	1	2	3	4	5
l)	Encontrei possibilidade de abertura de negócio no Brasil	1	2	3	4	5

14. Com relação a expectativas, sua mobilidade foi:

- a) Abaixo das expectativas
- b) Dentro das expectativas
- c) Acima das expectativas

15. Qual a principal contribuição do intercâmbio para sua vida pessoal?

16. Qual a principal contribuição do intercâmbio para sua vida profissional?

17. O que você acha que poderia ter sido melhor com relação a sua mobilidade na UFRGS?

18. Qual sua idade?

19. Sexo?

- a) Feminino
- b) Masculino

20. Nacionalidade?

21. Curso realizado na UFRGS?

22. Tipo/Nome da mobilidade acadêmica?

23. Mês/Ano que chegou ao Brasil?

24. Quanto tempo estou/estuda na UFRGS?

- a) Até 6 meses
- b) De 6 meses a 1 ano
- c) De 1 a 2 anos